

HUMBERTO D'ALMEIDA

Alf. de inf.

MEMORIAS

DUM

EXPEDICIONARIO A FRANÇA

(Com a 2.^a Brigada d'Infantaria)

1917 — 1918



1919

TIPOGRAFIA SEQUEIRA

114, R. José Falcão, 122
PORTO

MUNICIPAIS DE LISBOA

00)"1914/18"/

José Rodrigues Pires

LIVREIRO - ANTIQUARIO

R. 4 de Infantaria, 34-1.º Dto.

Telef. 65 02 55

LISBOA-3

6680

N.º

94 (100) "1914/18"

ALN

BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA - 31 JAN. 2001

M

L/81

HUMBERTO D'ALMEIDA

Alf. de inf.

MEMORIAS

DUM

EXPEDICIONARIO A FRANÇA

(Com a 2.^a Brigada d'Infantaria)

1917 — 1918



16550

1919

TIPOGRAFIA SEQUEIRA

114, R. José Falcão, 122
PORTO

137188

94(100) "1914/18"
827.134:3-94

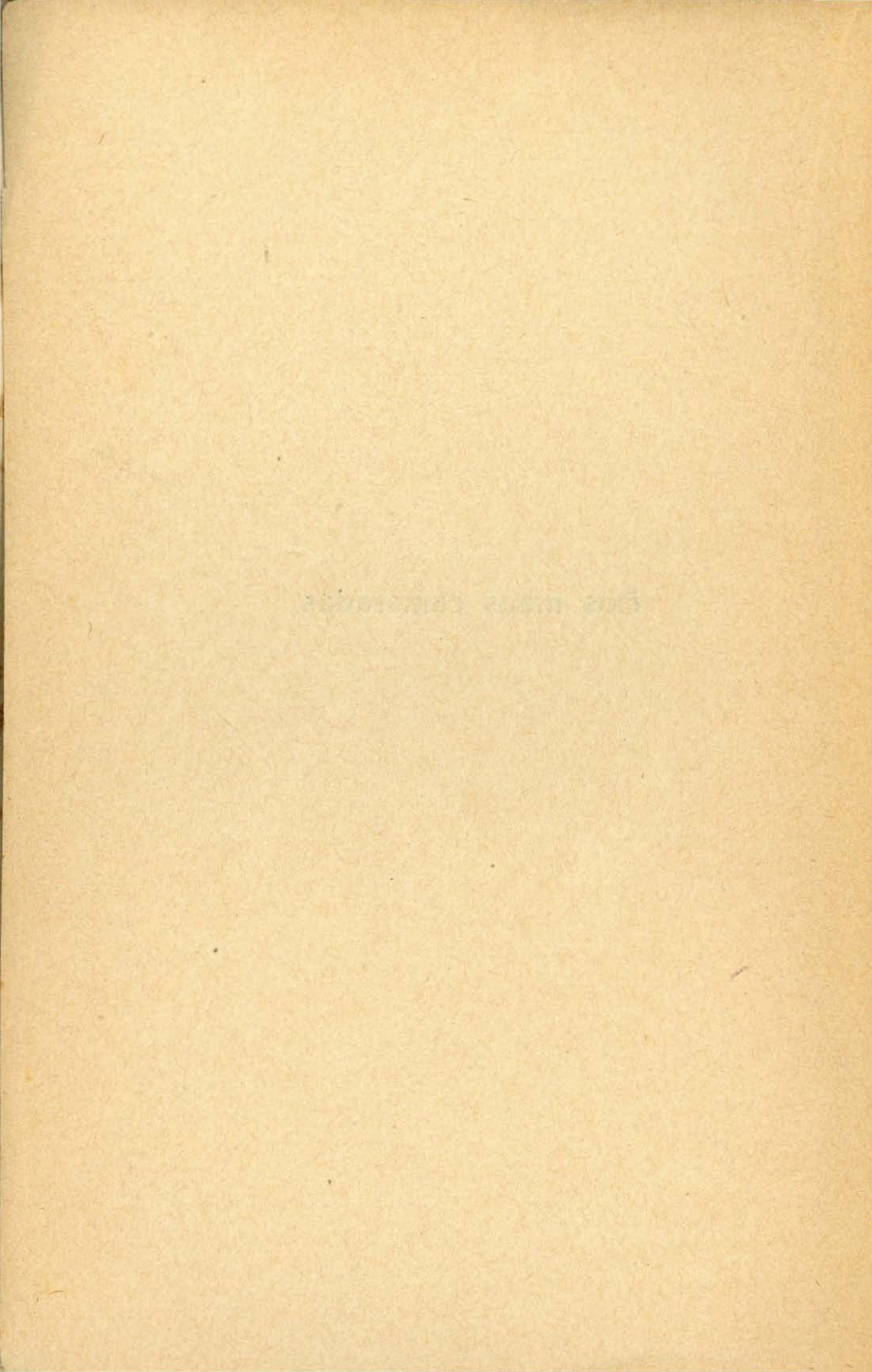
THE
MUSEUM
OF THE
SMITHSONIAN INSTITUTION
WASHINGTON, D. C.

1850

Ao Ex.^{mo} Coronel

José Domingues Péres

Ños meus camaradas



Ao leitor

Aí ficam essas paginas despidas de fantasia e cheias de verdade.

Recordo nelas algumas gloriosas passagens em que um punhado de lusos, num santo amor de patria, se cobriram de gloria e se imolaram num sublime sacrificio. Nestas desprezenciosas paginas eu tento recordar alguns dos épicos arrancos da alma portugueza na maior guerra de todos os tempos! E o que vae de grandeza nesses arrancos bemditos!... Eles são bem gritos de Patria, fulgurações rutilantes do passado, é a alma portugueza que desperta, são os pequenos e os obscuros a mostrar, a evidenciar que é infinda a energia deste povo immortal! E a maneira afavel e carinhosa como aquele bom povo francez recebia les petits bleus aux yeux noirs entrecorta de quando em quando a descrição dalgumas façanhas épicas que acen-

túam o que vale a têmpera do animo portuguez! E a recordação dos nossos queridos mortos?!... Os cemiterios imensos com as suas cruzes tôscas lá ficaram na Flandres martirisada a atestar o sacrificio e a abnegação de que é capaz este bom povo quando a sua ambição é justa e o seu ideal divino! Que o seu sangue nos redima...

O AUCTOR.

PORTUGAL!

Era de sol aquele claro dia de fevereiro. Chegámos ao caes de embarque ao meio dia. Os barcos britannicos, ancorados, esperavam-nos. Lisboa alvejava batida de sol. Povo formigava no caes, acenando lenços, trazendo-nos numa caricia, num afago, num meigo acêno um esperançoso adeus, uma sacra despedida, uma lagrima de saudade.

Embarcamos. Que de lagrimas nesse momento supremo! O céu era puro no seu colorido diáfano. Agora no convez os rudes filhos de Portugal, simples, fortes, numa expressão saudosa, olhavam pela ultima vez aquéla Lisboa maravilhosa.

Esse olhar, mixto de saudade e ardor, acariciava com intima delicia a santa terra portugueza, recordando sonhos bemditos do lar, castos amores, sacras préces da juventude, e antevia clarões de gloria e auréolas de grandeza! De repente, como para acabar este sonho abençoado pela mais pura saudade e

pela mais santa ambição, o transporte soltou tres silvos estridentes, vibrantes e metalicos. Iamos partir. Ainda vi por momentos os lenços brancos no caes a acenar... a acenar num derradeiro adeus. Recolhi ao meu beliche. Devia sofrêr... Como um tropel passotū pela minha imaginação e recordação daqueles dois dias, como uma vertigem, um pesadêlo... Dois dias antes, de chofre, tinham-me prevenido que ia para França.*

Estava em Lisboa, só tive tempo de me ir juntar ao meu batalhão e de partir assim, sem uma despedida, sem um beijo, sem uma bênção dos que me eram caros. Lembrava-me das lagrimas que este bom povo vertera quando por entre nuvens de fumo deixavamos a *gare*, a caminho desta linda Lisboa. Agora o grandioso barco lá se afastava, e no caes o povo heroico, o povo no seu amor e na sua simplicidade, no seu patriotismo virginal, acenava, arquejava, erguia-se, chorava numa ancia de saudade, numa profunda emoção, numa profecia de melhores dias e de gloriosos destinos! E eu todo me confrangia numa grande angustia, lembrando-me dos meus! De súbito ouço na coberta um alarido. Os soldados gritavam, despediam-se... Ouvi gritar um santo nome... Portugal! Portugal! Envergonhei-me da minha fraqueza. Ergui-me... Os tristes pensamentos que me alanceavam desapareceram num repente, e uma convulsão, um clarão coruscante de entusiasmo, uma formidavel torrente de sonho e de gloria me invadiu,

me possuiu, me fez vibrar num delirio de santo patriotismo! Saí. Saltei para a coberta. O transporte afastava-se vagarosamente. Passavamos em frente da Torre de Belem!... E eu arrebatado, num fremito de entusiasmo, gritei tambem comvosco esse nome que cá levavamos gravado no peito de soldados e patriotas: Portugal! Portugal! num delirio! num esplendor! numa alucinação! E fitando os meus irmãos soldados, eu experimentei um sentimento de louca alegria, de alivio e de triunfo, porque antevi para ti, oh minha Patria, uma nova era de grandeza e esplendor, que teria, é certo, uma aurora tinta de sangue, mas um culminar que seria uma apoteose!

O sol baixava. O seu disco de chamas desaparecia, e eu contemplei por ultimo, num enlevo, sonhando glorias, o bemdito torrão de Portugal!

FRANÇA!

A viagem decorreu sem incidente. Simplesmente uma noite um submarino *boche* tentou atacar-nos, mas foi imediatamente perseguido pelo *destroyer* inglês, que nos seguia como um dedicado e valente cão de guarda. Cinco dias depois avistavam-se terras de França. Chegámos a Brest. Antes de penetrar no caes, marinheiros francezes vieram em barcos saudar-nos. Entramos no porto. Ao longo do caes apinhava-se enorme multidão.

Velhos, mulheres e crianças. Vinham-nos receber e saudar! E ali, eu senti-me orgulhoso, inebriado e empolgado por uma immensa ventura ao ouvir os filhos da França imortal, da França gloriosa que fez Verdun sublime de heroicidade e épica de grandeza, que fez o Somme fremente de sacrificio, que fez Champagne dum epicismo homerico, ao ouvir os filhos da Patria de Petain, de Foch e Castelneau, dos «poilus» que ha 3 anos assombravam o mun-

do pela sua resistencia de titans, dessa França cujo nome ecoava em todos os corações latinos como um nome sagrado, dessa França que, melindrada, altiva, intemerata e heroica tinha bradado um grito de revolta, de indignação e de colera ao orgulhoso e formidavel teutão: «On ne passe pas!» dessa França que em *élans* sublimes tinha quebrantado as forças aguerridas da bélica Germania, aclamar numa apoteose o santo nome de Portugal!

Desembarcamos. Brest é uma cidade antiga, mas com um certo ar garrido que a torna interessante, Entrei numa livraria onde uma vélhinha encarquilhada me vendeu papel. Curiosa, a boa velha, perguntou-me se Portugal era lindo, se era distante, qual o seu clima. Ficou admirada por falar um pouco o Francez, perguntando-me se já tinha estado em França. «Em Portugal conhecem o meu paiz»? «*Mais oui m.^{me}*». Disse-lhe como em Portugal se pronunciavam com uncção os nomes immortalizados de Victor Hugo, Lamartine e Daudet, como se admirava a França da Espada, como se seguia a França da Ideia e como se aclamava a França da Bravura e da Justiça!— A velha estava de luto. Perguntei-lhe se lhe tinha morrido alguem na guerra. «*Mon fils qui est tombé sur le champs d'honneur à Verdun. Il était dans la fournaise depuis le commencement. Il est mort... Patience*»... Os olhos já quasi apagados, da boa velhinha marejaram-se de lagrimas e disse-me num soluço: *Vous comprenez, main-*

tenant je suis seule. E esta frase tinha a entoação angustiosa das dores supremas. Entrou gente. Despedi-me da velha que me acompanhou até á porta. — Em frente via-se um grande cartaz representando um «*poilu*» avançando de bayoneta em riste, num *élan*, gritando: «*on les aura*». Era a bravura da França que incessantemente refloria, que ao fim de quasi tres anos mantinha o mesmo ardor, a mesma febre, a mesma infinda e inextinguivel coragem.

Ainda olhei para traz e vi a velhinha a acenar-me, muito encolhida no seu ar venerando, engelhada, muito palida... Nesse gélido dia tomavamos o comboio e partiamos em direcção á zona de guerra, depois de triunfalmente termos atravessado as ruas d'aquela admiravel terra da França. Foram terriveis aqueles dois dias de comboio atravez de regiões geladas, com uma temperatura de 16^o abaixo de zero. Chegaram a morrer dois soldados com o frio.^x Todas aquelas regiões estavam inértes, mortas e crestadas. Eram verdadeiras paragens de desolação.

Tudo era triste, silencioso e profundo. Com que saudade eu recordava a nação humilde que a primavera cobre de rosas, de canticos e bençãos, desses campos bemditos de Portugal, donde se evolum suavidades elegiacas e religiosas, em que as horas do crepúsculo são de mistério e divina transcendencia, e em que as madrugadas claras teem as fragancias de rosas dos vergeis celestes.

E enquanto o comboio me arrastava por entre espessos rolos de fumo, dilatava os olhos pelos longes das tristes paisagens alvejantes de gêlos, pelas aldeiasinhas adormecidas e silenciosas ou por alguma cidade com as suas catedraes de agulhas goticas que se elevavam naquele plumbeo céu como sacras préces. Ao longo da linha férrea encontravamos de quando em quando prisioneiros *boches* trabalhando, guardados por veteranos francezes. Pelas estações por onde passava via os grandes movimentos de tropas.

Incessantemente os comboios despejavam e recebiam soldados de diferentes nacionalidades. E eu, ao ver aquelas vastas massas que avançavam alegre e heroicamente de encontro á morte, pensei como nesses soldados que conheciam o sacrificio, conheciam o «*élan*» supremo das cargas por entre ciclones de fogo e vendavaes de metralha, que já tinham em torno das suas fronteas a divina auréola dos heroes, estava o triunfo, o esplendor, a vida, a liberdade e a independencia da nossa nacionalidade.

Pelo escurecer dum chuvoso e triste dia de inverno da Flandres desembarcámos em Aires-la-Lys, séde do Quartel General do C. E. P. Nessa mesma noite, chapinhando neve, seguimos para o nosso primeiro acantonamento, a pequena aldeia de Erny St. Julien. Uma mortalha alvacenta cobria aqueles campos silenciosos. O frio era vivo. Tudo era livido sob aquele céu brumoso. Sómente ao longe, no hori-

sonte, se viam de quando em quando clarões de incendio côm de sangue! O silencio é cortado ás vezes por um trovão longinquo que se repercute duma maneira sinistra... rasgando a solidão... ao que se segue uma calma tétrica, no meio daquellas neves immaculadas!... É o canhão que ao longe trôa e fala! É a boca do canhão que vomita metralha, com as suas fauces hiantes, ceifando vidas, semeando a morte... É a Justiça melindrada e o Direito ultrajado que, lançando mão da Força, esmagam, trucidam e lutam, tentando vencer o Arbitrario saído da Tirania e do Despotismo! Alem era o teatro do grandioso drama! Dum lado a voz da Justiça é potente, grandiosa e forte! Ela a cada momento faz ouvir o seu tom altivo e formidavel, impondo a sua vontade e o seu direito! Mas ai, do outro lado ouve-se o ripostar infernal do Injusto! E, embora a sua voz se assemelhe aos uivos dos ultimos estertores e supremos arrancos, ainda tem sonoridade, ainda é forte! Era preciso enfraquecê-la... Era preciso reduzi-la a silencio... Eis a nossa tarefa! Era ali, onde eu via aquelles laivos sangrentos, que os fortes «Tommies» e os indomaveis «poilus» tinham bradado fortes e impetuosos o seu grito de triunfo e de victoria ás hordas soberbas do Kayser. Era ali que estava escrita a frase gloriosa: «*On ne passe pas*», frase escrita com o sangue dos heroes caídos pelo seu santo Ideal!

Ce sont des bonnes gents...

Apareceu o alferes C. P. que tinha ido na secção de quartéis, que nos indicou os respectivos alojamentos. A primeira noite passei-a no chateau do Maire, Mr. Cappe Baillone, um velho fidalgo que já tinha perdido tres filhos na guerra e que já não alimentava a esperança de que o unico que lhe restava lhe fosse poupado pela grandiosa carnificina. No dia seguinte mudei para casa de M.^{me} Delcroix, uma boa e generosa mulher. Nesta casa havia «*une belle petite blonde*» M.^{lle} Armande que me entreteve um pouco naquela vida passada numa socegada aldeia da Flandres, e me distraiu no meio daquela monotonia campestre em pleno inverno!... Durante o dia iam os para as escolas inglezas relacionar-nos com as inovações guerreiras, e aprender a manejar os novos engênhos desta guerra sem igual. E á tarde, quando voltava enregelado, a boa mulher tinha-me preparado um bom café, e dizia-me carinhosamente: «*chauffez vous mon petit portugais, faites comme chez vous*». Demoram-nos nesta terra uns 20 dias. Com o tempo captei a M.^{lle} Armande mais que a simpatia... Um dia a boa madame dizia-me que estava admirada... pois que «*c'était la première fois*»... «Tinham passado por ali militares de todas as nacionalidades aliadas e a Armande nunca tinha levantado os olhos para ninguem... Foi preciso que viessem os portu-

guezes» . . . E quando um dia mudamos de acantonamento para Herbelles, ela lá ficou lavada em lagrimas acenando num gesto de angustioso adeus. Ao partir, a caminho do outro acantonamento, eu vi lagrimas nos olhos daquela boa gente franceza, que pela primeira vez alojava portuguezes! « *Ce sont des bonnes gents, les portugais,* » dizia aquele bom povo.

Á porta da escola a professora acenava tristemente ao alferes O. R. e ao longo da rua interessantes raparigas trocavam os ultimos olhares cheios de amor aos seus « *fiancés de guerre . . .* » « *Bonne chance . . .* » *Partir non bonne . . . Vous reviendrez, n'est-ce pas? . . . Compris? Moi beaucoup chagrin vous partir* ». *Au-revoir mon ami* ». Diziam elas na lingua do *non bonne*», a lingua inter-aliada.

Chegamos a Herbelles num chuvoso dia de março.

Alojei-me em casa duma velha e desdentada solteirona, M.^{lle} Louize Lapouille, que foi minha enfermeira durante uns oito dias que estive doente com uma indisposição de figado.

Um dia, começava a despontar a maravilhosa primavera, o sol com o seu fulgor dourado já dardava os raios criadores, a natureza perdera já o seu ar envelhecido, os campos reverdeciam e as arvores cobriam-se de flores sob o bom olhar de Deus, recebemos ordem de partir para o *front*. Eramos mais uns personagens da grandiosa tragedia a quem tinha chegado o momento de entrar em scena, e de pisar o palco amassado em sangue e lagrimas de dôr. E

naquelle dia, censurando as cartas dos soldados encontravam-se frases destas: «Aqui já começa a haver flores como em Portugal! Já se vive, já se respira! Amanhã parto para um sitio donde não sei se poderei escrever. Tem esperança».

Era que, enquanto a natureza se engalanava, enquanto tudo se banhava num sol fulvo, enquanto, emfim, a primavera chegava annunciada por cantos de calhandras, para nós, os filhos de Portugal que se encontravam na Flandres, ia começar uma era de rejuvenescimento, que seria iluminado por um sol de gloria, banhado no sangue dos heroes!

Partida para o front

No dia seguinte, cadenciados, firmes e altivos, lá partiamos a caminho da fornalha. Iamos anciosos por conhecer de perto o sangrento drama.

Atravez das terras por onde passavamos, Aire Haversquerques, St. Venant, Merville, o povo saudava-nos num delirio, aclamava-nos em gritos frementes de entusiasmo e carinho! A caminhada era longa, já havia estropeados; mas ao passar atravez duma povoação, o nosso soldado endireitava-se dentro da sua farda cinzenta, levantava orgulhoso a fronte e marchava candenciado ao rufo dos tambores,

Qu'ils ont les yeux noirs nos chers nouveaux alliés!... E havia troca de meigos e alegres sorri-

sos... Já se ouvia mais clara a voz potente do canhão! Estavamos proximos.

«*Vivent les portugais. Vive le chér petit Portugal!*»
E eu todo me orgulhava ao ouvir aclamar e rezar o sacro nome da minha Patria estremecida. Cruzavam-se comnosco, de quando em quando forças inglezas que vinham um pouco enlameadas. Eram forças que vinham das trincheiras. Grandes comboios de gigantescos camions passavam ao longo das estradas levantando nuvens de poeira. Às portas dos «Estaminets» amontoavam-se soldados inglezes e garridas *demoiselles*, que vinham assistir á nossa passagem. Passavam aeroplanos inglezes a caminho do front, vertiginosamente. Muito alto, quasi invisivel na sua cor niquelada, passava um aeorplano boche perseguido pelos fogos das baterias anti-aéreas. As granadas ao rebentarem deixavam nos ares um novêlo de fumo branco que se evolava... se desfazia... Auto-ambulancias corriam rapidas a caminho dos hospitais conduzindo feridos. Ao descer da luz dum claro dia de ceu azul, sem nuvens, chegámos. Foi com viva emoção que assisti aos primeiros duélos de artilheria. Uma bateria pesada, ingleza, em Bout de Ville ribombava duma maneira atroadora e formidavel. As granadas monstras passavam sibilando duma maneira dolorosa e irritante. Aeroplanos singravam nos ares.

Acantonámos em Pont-du-Hem, uma aldeia já quasi destruida que se estendia ao longo da estrada

de La-Bassée. Esta aldeia distava uns dois quilómetros do *front*. Ao anoitecer começaram a levantar-se ao longo da frente lágrimas de luz. As baterias británicas troavam, e as suas granadas lá iam de encontro aos seus objectivos. As metralhadoras crepitavam. De quando em quando ouviam-se nas linhas trovões medonhos acompanhados de clarões que cegavam. Depois seguiam-se silencias sepulcraes apenas cortados por algum aeroplano que passava no seu rrom-rrom tétrico e ameaçador.

A nossa entrada nas trincheiras seria feita no dia seguinte pela manhã. Lá fóra os homens continuavam degladiando-se duma maneira assombrosa. Era a guerra, era o assassinio legalizado, era o cáos, era a devastação, era a luta por melhores dias!

Dans la fournaise

No dia seguinte, numa risonha e clara manhã de sol de maio, seguimos ao longo da estrada de La-Bassée a caminho das trincheiras. Depois de atravessar a pobre aldeia de Rouge-Croix, completamente desfeita e destruída, tomámos por uma rústica ponte improvisada, lançada sobre o drêno da estrada e entrámos na trincheira de comunicação Baluchi, pitoresca e enfeitada de altas hervas verdes.

Arvores esgalhadas e mutiladas tentavam ainda, numa ancia de vida, reverdecer e reflorir... Esta

terra assemelhava-se a um vergel funéreo em que a Vida lutava com a Morte, disputando-lhe o terreno num desespero! Seguimos ao longo desta trincheira, a quem a natureza tinha ladeado de verdura, na sua arte requintada. O céu estava sereno, e a terra sorria naquela esplendida manhã de primavera. E ali, perto dos homens, que se trucidavam, que se matavam, em gritos de raiva e paroxismos de odio e sanha, os passaros cantavam, saudando em hinos de amor a Natureza e a Vida!

Chegámos ao cabo dessa trincheira e, tomando uma passadeira á direita, dirigimo-nos ao Sign-Post-Lane, onde estava o comando do batalhão. Entrámos num abrigo em elefante onde fomos recebidos pelos officiaes do batalhão inglez que occupava o sub-sector.

Entre eles estava o major comandante do batalhão, cabelo louro e cara escanhoadada, de aspecto severo mas atractivo, um capitão, verdadeiro hercules, dum aspecto mixto de valentia e brutalidade e o alferes Evison, ainda novo, atractivo e simpático.

Fomos recebidos afavelmente por todos. «*La guerre marche toujours bien. Ici il fait toujours tranquille*». «*Seulement quelque chose de temps en temps*», dizia-nos o major inglez no seu francez forçado. O major deu as instruções necessárias afim de as companhias do meu batalhão serem divididas pelas diferentes companhias do batalhão inglês. A minha foi para o centro, para onde nos dirigimos guiados pelo alferes Evison. Á entrada do segundo troço da Ba-

luchi via-se uma taboleta com os seguintes dizeres: «*To the first Line*» com uma flexa indicativa. Por ela tomámos. Seguindo depois por uma passadeira lateral, encoberta pelos escombros das casas da destruída Neuve-Chapelle chegámos a um abrigo onde entramos quasi de cócoras. Era aqui o comando da companhia.

Em frente do abrigo havia dois pobres túmulos. Um era dum cabo inglez e outro dum soldado alemão desconhecido. Alguem generosamente tinha colocado num deles uma Nossa Senhora, talvez trazida da desfeita igreja de Neuve-Chapelle. Perto evolucionava um aeroplano inglez, batido e perseguido pelas granadas boches de fumo negro. Mas ele lá continuava descendo e subindo, teimoso e persistente, fazendo gastar em vão granadas ao boche. Neste momento vejo na Hush Alley, uma trincheira proxima, os soldados a olhar para o ar, abaixando-se e fugindo. Sinto um grande arremessão... Caio. O capacete foi parar a uns metros de distancia... Sinto passar, uivando, os enormes pedaços de ferro. Levantei-me um pouco trémulo... Ao meu lado estava o alferes inglez muito risonho, que me disse:

«*It was a heavy trench mortar*». Tinha sido um morteiro pesado que o boche nos tinha enviado, e o alferes inglez ao vê-lo nos ares tinha-me derrubado afim de me proteger dos estilhaços. «*Cheer up...*», disse-me ele. Não admirava, era a primeira

vez... Uma metralhadora ao lado perseguia desesperada um aeroplano boche, que voava baixo.

Um soldado inglez passava com uma lata ás costas, que dava a ideia dum pulverizador, distribuindo o rancho ás praças. Rápidas e elevadas cruzavam-se nos ares as granadas de grosso calibre, num agudo sibilár.

Entrámos no abrigo afim de jantarmos. Á noite relacionar-nos-hiamos com a faina das trincheiras!

Noite de trincheiras

Começaram a aparecer as primeiras estrelas. Tomamos pela New-Cut-Alley, irregular e travésada em curtos intervalos. Chegamos á primeira linha. Á luz do very-light, da flor de luz, do santo clarão que desvendava os mysterios do No-Man's Land, eu vi os soldados de Portugal cosidos ao parapeito, lado a lado com os filhos do Reino Unido, com os capacetes enterrados na cabeça, as bayonetas brilhando aqui e acolá. «*Less noise there*» disse o alferes inglez aos seus homens que estavam cochichando ao lado. Um silencio sepulcral se seguiu, apenas cortado pelo estalar seco dalgum very-light, ou pelo crepitar mortifero dalguma metralhadora. O official chamou um sargento a quem deu instruções. «*Sergeant, the sentries will be posted as usual*», disse ele. «*The greatest discipline will be mantained in your section*». «*All right, sir*», respondeu o sargento.

Ao longo da primeira linha levantavam-se os very-lights, verdadeiras lagrimas de sangue. À recta-guarda ouviu-se um estampido, uma granada passou rapida sobre as nossas cabeças e foi rebentar na linha boche, que se encontrava silenciosa! Puz-me de pé na banquetta e olhei por cima do parapeito. Da linha boche subiu um very-light... Olhei a «Terra de Ninguem». Era um verdadeiro inferno! Olhando nas trevas a «Terra de Ninguem», tinha-se a ilusão de ver vultos e misterios. Mas á luz do very-light esses vultos illusorios desapareciam e os misterios desvendavam-se... O que nos pareciam vultos não eram mais do que troncos d'arvores esfaceladas, muros desfeitos, ou montes de terra levantados pelas explosões de maquinas infernaes. Foi-me ordenado que sairia com os meus homens reforçar o arame na nossa frente, juntamente com os inglezes. Saltamos o parapeito. Os inglezes já andavam fóra, na tarefa ardua do reforçamento do arame. Uma metralhadora ingleza atirou uma rajada. As balas passaram sibilando... Um very-light subiu na nossa frente. «*No movement*», disse o official inglez. Todos permanecemos quiétos e silenciosos. Voltaram as trevas... Uma metralhadora boche respondeu... As balas passaram baixas... Cosêmo-nos com a terra... Os projecteis lá foram perder-se ao longe...

Ouviu-se um estampido na linha allemã, depois um traço de fogo nos ares, muito vermelho, muito irregular... Os inglezes lançaram-se por terra, no

que nós instintivamente os imitámos. . . Era um morteiro boche que veio rebentar proximo, lançando pelos ares a estilhaçada, juntamente com destroços e lama.

Levantámo-nos e continuámos o trabalho. «*Trench mortar, non bône*», disse um soldado inglez a um soldado luso.

«*Silence there*», bociferou em surdina um sargento inglez. Outra granada britanica veio dolorosamente rebentar na nossa frente. Ouviu-se o estalido sêco dum tiro de espingarda ao que se seguiu o martelar duma metralhadora. A estes sons os habitantes da trincheira eram tão indiferentes como o são os cantos das aves aos lavradores.

Ao longo da «Terra de Ninguem» vimos passar silenciosamente uns vultos. Era uma patrulha que andava fóra.

O official inglez olhou na escuridão o seu relógio fosforescente. Eram horas de terminar a tarefa. Recolhemos á linha. As metralhadoras continuavam a fazer ouvir de quando em quando o seu taramelar macabro. Um morteiro boche rebentou proximo. . .

Um soldado portuguez disse qualquer coisa pouco lisongeira para o *Kamarada* da frente. . . Rondaram-se as sentinelas. O official inglez verificou-lhes o equipamento e perguntou-lhes as instrucções recebidas.

Depois recolhemos ao abrigo, onde nos deitámos até á hora a postos. A essa hora subimos á primeira linha. Os nossos soldados estavam um pouco pálidos,

mas as suas faces sujas sorriam para os «Tommiés» duma maneira desafogada. Tinham-se relacionado com a vida das trincheiras, haviam de se habituar a ela porque eram resistentes, haviam de sofrêr com valor porque eram resignados, haviam de vencer porque eram fortes e audazes!

Neuve-Chapelle!

Ahi pelas 10 horas da manhã, fui visitar o sector de «Neuve-Chapelle», em companhia de outros officiaes.

Tomámos pela New-Cut-Alley e depois tomando ao longo da primeira linha chegámos á Duck's Bill. Que horror! O terreno estava revolvido duma maneira assombrosa! As trincheiras ahi tinham desaparecido. Se alguém ousava expôr-se naquellas paragens, pouco demorava em ser saudado por um *sniper* boche. Aquelas crateras cheias de lôdo tinham sob o sol exalações nojentas e infectas. Levantei um pouco a cabeça e vi o «No Man'sland», á luz do dia. Reinava ali um silencio de morte. Espêssas floréostas de arame enferrujado com os seus acúleos traiçoeiros! Uma imensidade de cratéras, milhares de vezes cavadas! milhares de vezes revolvidas! Troncos d'arvores, partidos, desfeitos, escavacados atestavam bem quão formidavel tinha sido o fragôr das lutas ali travadas! A dois passos via-se o parapeito da linha allemã sinuosa e irregular, o que mostrava que tinha

sido cavada no desespero atroz duma luta fantástica! Estava silenciosa e calma!... E ao vêr aquele silencio de morte, quem diria que daquellas cavernas saiam, por entre o crepitar furioso da metralha, no meio de explosões infernaes, ululando, ondas de verdadeiros canibaes que se desfaziam e recuavam ao bater de encontro ás falanges homéricas dos guerreiros da «Entente»?!!! Passavam granadas entoando areas de morte!... Os estilhaços voavam rugindo as suas fúnebres canções! Naquelas paragens a terra tornou-se maldita, o ar que se respira está envenenado... e o firmamento é limpido e sereno!.. Outr'ora aquelas terras que eu avistava formavam um quadro encantador. Uma extensa planicie verdejante, opulenta de vegetação, rica de vergeis, salpicada de onde em onde por ridentes aldeias e casaes... Mas o homem, com os seus estúpidos e brutaes instintos, transformou num cáos aquele lindo quadro feito pelo esmerado pincel de Deus!...

Deixei aquele logar e dirigi-me para as ruinas de Neuve-Chapelle, tomando pela Hush Alley.

Tinha soprado rijo o vendaval da destruição! Reconhecia-se que outr'ora ali tinha existido a Vida pelos muros arruinados, pelas grades de ferro, retorcidas, que deviam ter envolvido jardins floridos, pelos objectos que se encontravam aqui e acolá, réstos de lares domésticos, hoje desfeitos e perdidos! Um berço partido pende trágicamente duma arvore mutilada. De longe, no meio daquele inférno, via-se

oscilar, batido pelo vento, aquele objecto, simbolo da Vida, e a poucos passos jazia enferrujada e inútil uma charrúa que outr'ora devia ter sulcado aquellas terras, que já tinham sido ferteis e abençoadas. Estavamos em plena primavera! Alguns troncos re-torcidos e mutilados tentam ainda reverdecer. Aqui um pobre ramo de lilaz, que os vendavaes têm poupado, mostra as suas pétalas maceradas. Nuns restos de cemiterio, que se conhece pelas lousas desviadas dos seus logares, rosas enfésadas abrem as suas pétalas vermelhas, cobertas de orvalho, chorando saudades, martirios e dôres. Um sabugueiro caído por terra semeia as suas flores brancas sobre as ossadas desenterradas. Uma trepadeira viçosa enlaçava os seus braços tortuosos nos restos dum muro arruinado. Este espectáculo era devéras entristecedor! E ali, frente aos homens que se massacravam, no meio do cáos, da amargura e da destruição, face ao infinito, olhar fito nos céus, levantava-se, dominando tudo com o seu olhar de indizível dôr, um Cristo crucificado! A fronte justa do Nazareno, ferida, espesinhada pela corôa simbolica do suplicio, estava um pouco inclinada num amargurado ar de desgosto e tristeza! Duas enormes cratéras cavadas de cada lado no sopé da cruz, e uma granada que não explodira cravada aos pés do Cristo mostravam bem o horrivel da refréga! Não obstante, ele permanecia firme e sereno, somente com um ar mais dolorido e mais cruciante e com os membros um pouco mais

mutilados pela malvadez dos homens. Uma granada silvou... a estilhaçada voou entoando psalmos de tragédia! E ali, em pleno brazeiro, o Cristo, pregado no emblema do Imortal e simbolo da Morte, no seu ar de agonia, de bondade, d'amor, d'amargura e de perdão, levantando-se na sua serenidade augusta e divina, atinge as raias do sobrenatural e do sublime que tudo clarifica e divinisa, envolvendo com o seu olhar de bondade o túmulo dos heroes gloriosamente caídos!...

Mais tarde, em principios de setembro de 1918, fui visitar aquele mesmo lugar depois do recúo alemão. Foi com emoção que reparei que o calvario, o santo lenho lá continuava, só mais inclinado, quasi tocando o solo, e o Cristo mais martirisado num cruciante ar de agonia, talvez porque n'aquela campo houvesse aumentado o numero de mortos, e Ele num rasgo de amor se tivesse inclinado para melhor poder abençoar os heroicos martires!

Ele tinha sido o espectador da grandiosa batalha do 9 de abril, em que um punhado de lusos recebeu o embate de dez divisões alemãs!

Ele viu o denodo dos portuguezes que naquela horrivel refrega caíram de cabeça levantada, orgulhosos e altivos; de cabeça levantada, porque aquela queda tinha atingido as raias duma epopeia divinizada pelo inconcebivel e sublime sacrificio dos santos herois!

Depois de termos entrado no Robinson-Post, um

posto de observação ali existente, e depois de termos olhado d'ahi a linha inimiga, afastámo-nos d'aquêle lugar e continuámos a visita do sector. Tomámos outra vez para a primeira linha. As sentinêlas olhavam os periscopios, vigiando a «Terra de Ninguem». Algumas delas, aproveitando aqueles espelhos escañoavam as suas faces vermelhas. Continuámos. . . Uma «Lewis» perseguia furiosa um aeroplano boche. Soldados sentados nas banquetas limpavam e untavam as espingardas, outros espoletavam granadas Mills. Ouvi uma serie de explosões ao meu lado. . . Olhei. . . Eram stokes que lá iam, ás voltas nos ares, cair nas linhas boches! Olhei pelo periscopio e foi com intimo regosijo que vi a nuvem de destroços que se levantou das trincheiras alemãs! Tomamos depois pela La-Fone-Street. Soldados enchiam sacos de terra afim de levantarem um travez destruido por uma granada alemã.

Alcançamos o abrigo. Eram horas de almoçar. E enquanto na meza dispunham as torradas, o Jam, as fatias de queijo que haviam de acompanhar o «Tea and Milk» sentei-me num fauteuil feito das caixas de corned-beef e esfolheei os «Bystanders», «Punchs» e «Spheres», onde abundavam os humores desta guerra de heroes, de *corned-beef*, de *marmelade*, de *margarine*, de *bacon* e de *pork and beans*. Sentamo-nos á meza e enquanto comiamos o ovo estrelado com o presunto frito, acompanhado do invariavel chá, os inglezes, com quem tinhamos pas-

sado a primeira noite de trincheiras, diziam-nos: «*We are glad with your men. They seem good fighters. England ought to be grateful to you*». Dois dias depois saíamos das trincheiras. Voltávamos para o nosso acantonamento. Ao entrarmos em Herbelles, o povo olhava desvanecido os soldados que marchavam altivos, envergando as suas fardas cinzentas cobertas de lama gloriosa das trincheiras. Olhos lindos e buliçosos procuravam com avidez descobrir, nos soldados que passavam o seu «*fiancé*», o seu «*petit bleu*».

De vez...

Dia 19 de maio! Tempo criador nessa terra da Flandres! O meu batalhão partiu de madrugada, de vez, para a frente. O comandante da minha Brigada, o major G., recentemente nomeado comandante do meu batalhão, e eu partimos para a frente afim de nos apresentarmos em Huit Maisons na 148.^a Brigada inglesa. Saimos ás 10 h. de automovel. Chegámos a Vieille Chapelle, e depois de termos atravessado a ponte «*sur la Lawe*» e avançando uns 800^m parámos á entrada duma grande «*ferme*». Era ahi a séde do comando da Brigada inglesa. Apareceu o capitão S. que já tinha chegado. Entrámos. Recebeu-nos o ajudante do Brigadeiro inglez que nos introduziu no seu gabinete.

O general inglez Alarkron era um homem alto e

mágro; bigode grisalho, o resto da cara rapado e escanhado cuidadosamente. Já era um pouco calvo; tinha um ar penetrante, fino e malicioso... Fomos recebidos distintamente. Depois das devidas apresentações entrámos para a *messe*, afim de tomarmos alguns refrêscos. Tomámos limão e soda.

Ouvimos tocar cornetas e rufar tambores! Chegámos á janela. A guarda ingleza formou. Era o meu batalhão que chegava! Como vinheis firmes, intrépidos e vistosos, soldados da minha Patria! O clarim britânico fez o sinal de continencia. Os capacetes relampejavam! Nos lados da estrada, francezes olhavam-vos... Alguem bradou: «Olhar á direita»!... E vós passastes galhardos e orgulhosos em direcção á fornalha, onde o canhão trôa e a morte impêra.

O general inglez, silencioso e atento, olhava os meus irmãos d'armas, e depois voltando-se para os outros officiaes inglezes, que tinham vindo tambem á janela vêr, murmurou: «*Splendid*»! Passaram...

Em seguida fomos visitar as brigadas flancos. O major G. marchou para Pont-du-Hem* juntar-se ao seu batalhão. Depois de visitar Cense-du-Raux* e Laventie*, sédes dos comandos das brigadas flancos, partimos para o S. S. 1 de Neuve-Chapelle*. Chegámos a Rouge-Croix* onde deixámos o automovel. Tomámos pela estrada Bacquerot*. Tudo desfeito!

Devia ter soprado duma maneira assoladora o vendaval de ferro! Do lado direito da estrada havia umas cortinas «*screen*» para impedir que o boche

visse o que se passava na estrada. Uma peça de artilharia ribombou ao lado... Deixámos o Min-Post á direita. Continuámos. Deixámos a trincheira de comunicação «Min» e depois a Tilleloy, as estradas de emergencia Sunken e Ebenezer.

Chegámos a Winchester-Trench. Tomamos por ela. Atingimos o Winchester-Post, onde estava o comando do batalhão numa casa arruinada. Eram os réstos duma sala guarnecidos de hastes de ferro e sacos de terra. A entrada era uma janela!

Tomámos uma chavena de chá com os officiaes inglezes do batalhão.

Em seguida continuamos a visita ao sector. Seguimos pela Winchester, passamos a B. Line e chegamos a «Chapigny Farm»; uma casa arruinada, transformada num posto de observação. Chegava-se ahi por uma trincheira estreita coberta de rêde de arame com trapos de lona verde para a «*camouflage*».

Á esquerda estava uma *árvore* decepada, que não chamaria a atenção se não fosse ter visto um inglez sair de... dentro dela! Era outro posto de observação. A *árvore* era nada mais nada menos do que uma massa de ferro... que dava exactamente a ideia duma árvore esgalhada. Chegámos á primeira linha. Visitámos o Bird-Cage e a Mauquissart, etc. De quando em quando curvavamo-nos para dar livre passagem aos estilhaços dos morteiros, que nesse dia estavam devéras animados. Voltámos e entrámos na Min-Street. Um morteiro *stoke* rebentou ao la-

do... os *moscardos* passaram ameaçadores. Um deles cravou-se num talude e ficou uns instantes a vibrar.

Chegámos a Bacquerot, e dali seguimos para Huit Maisons depois de termos passado por Pont-du-Hem, onde o general inglez foi convidar o major G. para jantar nesse dia na brigada.

Como se evita falar com inglezes

Chegados á brigada fomos jantar. Entre os officiaes inglezes estavam á meza o general Alarkron, o major comandante do batalhão britanico, que ia ser substituido pelo meu batalhão, o major do Estado Maior, Skinner, o capitão Moon e os alferes Hully e Gladeon. De portuguezes estavam o meu comandante, o major G., o capitão S. e eu.

O general falava com o meu comandante, ácerca de Portugal:

«On dit que le Portugal est très beau, mon general. Est-ce-vrai?»

Na «cour» um trio de soldados inglezes tocava. Neste momento o general Alarkron dirige-se ao major G. nestes termos: *«Je regrets bien pas avoir un auto pour vous amener á Pont-du-Hem»*... O major G. ficou a olhar para ele... por detraz dos oculos... sem nada ter comprehendido...

O general repetiu a frase... o mesmo silencio.

Alguem do lado lhe traduziu a frase. E o major G. ageitando os olhos e endireitando o seu flacido corpo, respondeu textualmente o seguinte :

«J'ai... J'ai un cycliste que... que... a porté un sacco avec roupa... Ceroulas, camisas, meias, tudo que é preciso nas trincheiras»... Fizeram-se esforços para não sorrir ao vêr a cara com que ficou o general inglêz, ao ser-lhe disparada aquêla frase que ele não compreendia.

Foi o caso que o major G. tinha mandado um sacco impermeavel, que trouxe no automovel, por um ciclista do batalhão para Pont-du-Hem, e tendo comprehendido mal, saiu-se com aquêla!... No dia seguinte, nas trincheiras, quando no abrigo do batalhão o general inglêz transmitia indicações de ordem tactica, para as quaes o meu comandante pedia a maior atenção ao major G. este sai-se com esta observação: «Oh meu coronel estes inglezes são muito praticos, e eu tenho aproveitado imenso com eles... imagine que usam o lenço na manga do dolman, em lugar de o usarem no bolso»... — E muitas noites ao deitar-me na minha *valise* estendida sobre uma meza ao lado do capitão S. que era um excelente amigo, dizia-lhe: «Oh meu capitão, e o sacco da roupa»?

E ele, estendido na maca de arame, prestes a lançar-se nos braços de Morfeu, exclamava numa gargalhada: «Que raio de lembrança»!...

O dia de Santo Antonio de 1917

O résto da brigada só chegou passado quasi um mez.

Durante este tempo estivemos adidos á brigada ingleza.

Vieille-Chapelle^{*} ficava a uns oito centos metros de Huit Maisons.^{*} Era uma linda vila da qual conservarei sempre uma meiga recordação, não obstante os momentos terriveis que ahi havia de passar.

Nesta terra havia um «Tea-room for officers», onde se passavam horas amênas.

Nesta terra conheci uma excelente familia, Heugue Perche,^{*} já evacuada de Richebourg Avoué,^{*} composta de m.^{me} Heugue e duas demoiselles, Victorine e Hortense, lourinhas e viçosas como rosas, avivadas pelo sol primaveril. Boa gente, esta. Nunca, em dias de inverno, passou por sua casa um soldado portuguez que não lhe fosse servido um bom café. «*Ils sont très gentils, et surtout ils sont si loin de leur Patrie*» ... Diziam elas falando dos portuguezes.

Esta pobre gente no dia nove de abril perdeu todos os seus haveres.

Fugiram pela segunda vez ao odiado teutão. Ha dias, já em Portugal, recebi uma carta de luto. Era de Hortense e da Victorine communicando-me a morte de sua mãe! Pobre gente!...

No dia 9 de junho o meu batalhão entrou para as linhas.

Havia dias que o boche estava socegado. Uns morteiros a horas marcadas... umas rajadas de metralhadoras, um ou outro trabalho de contra-bateria, e era tudo! Mas estes silencias eram temidos pelos soldados. Eles não eram mais do que prelúdios de tempestades. Eram semelhantes ás pausas abafadas e sinistras que precedem os gritos e os gemidos das procélas, dos odios e das paixões!...

Na tarde do dia 11 de junho, ahí pelas 18 horas rebentou no sector de Neuve-Chapelle^x um bombardeamento horrivel e medonho. Musica infernal, que uma vez ouvida nunca mais esquece. As baterias de Bout-de-Ville^x, Croix Barbée^x e Lacouture^x ripostaram. Granadas de gaz com o seu silvar abafado começaram a cair por toda a parte. As buzinas de alarme sibilam!... A atmosfera estava envenenada.

Puzémos as máscaras em posição. Ao ruido, ao trovão da artilharia, juntava-se o estampido fenomenal dos morteiros, o crepitar da metralha e o martelar das metralhadoras. A frente vestiu-se de clarões lividos e duma densa nuvem de fumo! As granadas d'artilharia, cortando o ar, e, zumbindo, iam rebentar junto das posições, levantando tudo um redemoinho louco, assinalando o seu rasto destruidor.

Eu e o alféres Gladeon^x partimos para as trincheiras. Para lá chegarmos... horrivel caminhada! Ao chegarmos á Wellington-Road^x uma granada cae á direita, no drêno da estrada, esfacelando completamente uma árvore. Só tivemos tempo de nos lan-

çarmos na valêta. A saraivada passou!... Ao chegarmos a Croix-Barbée^x outra granada veio cair numa casa destinada ao banho das praças. Metade do telhado voou!...

As auto-ambulancias passavam cheias de feridos.

Passámos rapidamente deante dumas posições de 75, habilmente mascaradas, mas que o boche já tinha descoberto. Uma sentinela ingleza lá estava escondida numa guarita feita de sacos de terra.

Nem viva alma se encontrava. Só as auto-ambulancias rapidas passavam.

De instante a instante novas explosões atroavam os ares! Era um vendaval de ferro! Tomámos pela rua do Loreto.^x A Green Barn,^x um posto de socorros, regorgitava de feridos e moribundos. Entrei; eram os soldados da minha terra que estavam estendidos em mácas, gemendo, á mistura com os bravos inglezes. O Dr. C. P. tirava pedaços de ferro das pernas dum soldado portugûês, que sofria tranquilamente! Entrámos na Balúchi.^x As balas das metralhadoras batiam a trincheira.

Marchámos curvados. Viam-se cair as hervas altas cortadas pelas balas que passavam!

A atmosfera estava ardente! O bombardeamento continuava.

Chegámos ao comando do batalhão onde se encontravam os comandantes dos batalhões, inglez e portuguez. Havia dez minutos que o inimigo ocu-

pava a nossa primeira linha. O alfêres O. R. passou numa maca, atacado de gaz.

A nossa artilharia tomou então uma fúria grandiosa! As rajadas eram continuas.

O contra-ataque deu-se. O boche foi repellido.

Tivêmos mortos e feridos.

A primeira linha ficou um verdadeiro infêrno, ensanguentada, cheia de cadaveres boches, á mistura com cadaveres portuguezes e inglezes, gotejando sangue por imensas feridas!

A atmosfera sufoca!

Entristeceu-me aquele espectaculo horrivelmente belo!

Voltámos!

Era o baptismo de fogo das tropas portuguezas combatendo na Flandres!

O boche não passou!...

Mas ai... o tenente Grilo já não existia, a primeira linha estava juncada de cadaveres e os hospitaes de sangue começavam a abrir as suas fauces para receber os primeiros gloriosos mutilados! E destes quantos voltariam a Portugal para conta rnos seus lares estas supremas horas de martyrio?...

E no dia seguinte, tendo ido a Vieille Chapelle, disseram-me: «*On dit que les portugais ont très bien travaillé, hièr soir*».

E ao jantar o general inglez dizia ao meu commandante: «*Je suis très satisfait avec vos soldats, mon general*».

E naquele dia, ao fim do jantar, os labios daqueles homens, frios e nada expansivos, saúdaram com respeito o nome santo de Portugal!

Como se despediu a brigada ingleza do kamarada boche

A minha brigada chegou a Vieille Chapelle a 15 de junho. No dia seguinte dava-se a substituição das forças inglezas pelas portuguezas.

Era a primeira vez que o sector passava para as nossas mãos com responsabilidade. O meu batalhão substituiu o 7.th York Shire Batallion.

Nesse dia, ao fim do jantar, o brigadeiro inglez despediu-se de nós desta maneira, saudando-nos: *«Je vais être remplacé par les portugais, j'en ai orgueil car je sais qu'ils seront bien courageux et feront tout le possible pour imiter mes troupes, et peut être pour les excéder».*

Alguem lhe agradeceu, terminando com a seguinte frase:

«Je ne sais pas qu'est-ce-que mes troupes feront, mais je vous dis que les portugais sauront accomplir leur devoir».

Na madrugada do dia seguinte os inglezes partiram para Lagorgue, prometendo o general inglez voltar aquella noite a fim de ir ás trincheiras assistir ao raid com que se iam despedir do sector.

Às 7 horas da noite apareceu o general Alarkron juntamente com o alféres Gladeon, tendo-os eu acompanhado ás linhas.

Tomámos pela Wellington Road, Liverpool Street, Loreto Street e seguindo pela estrada de La-Bassée fomos entrar no Euston-Post, e dali, tomando ao longo duma passadeira, chegámos ao comando do batalhão. Chegados aqui encontrámos entre os officiaes inglezes e portuguezes um alféres de infantaria 23, cujo nome não me ocorre, que era o comandante dum pelotão que acompanhava os inglezes na tarefa árdua daquela noite.

Os officiaes e praças que tomavam parte no raid estavam a engraxar a cara e as mãos. Ficaram verdadeiros negros.

Sáimos.

A barragem devia começar ás 23 horas.

Em lugar de tomarmos em direcção á Baluchi tomámos para o Sign-Post Lane.

Entrámos numa trincheira desfeita.

O tortuoso e horrivel caminho era simplesmente iluminado pelos very-lights que subiam. Á direita o alemão lançou um foguetão de lagrimas prateadas.

Depois de se extinguir um very-light as trévas eram mais densas.

O terreno estava cavado das granadas.

De mais duma vez desaparecemos no fundo duma cratera. Seguimos depois por uma verêda cheia de covas, que outr'ora tinha sido a pitorêsa estrada

que conduzia a Neuve-Chapelle, a caminho do Posto-Robinson.

Acompanhavam-nos um coronel escocês e o major comandante do batalhão britânico.

Tínhamos dado alguns passos na estrada quando um very-light nos iluminou completamente. Devíamos ter sido presentidos, pois que imediatamente sentimos o crepitar duma metralhadora boche!... Lançámo-nos por terra, cosidos ao lôdo, abraçando destroços, mordendo a lama! Estivémos n'esta posição talvez uns dez minutos!

As balas baixavam, baixavam, cada vez mais...

Tinha a impressão que roçavam pelo meu corpo, sentia a deslocação do ar proximo das orelhas... Tinham-nos presentido, com certeza...

A rajada passou... uns tá... tá... espaçados... que se iam perder ao longe...

Então as metralhadoras fizeram ouvir com menos intensidade os seus estampidos sêcos e seguidos... Elas tinham voltado as suas fauces para outros pontos e iam surpreender outros que, como nós, lutavam e se dedicavam á rude faina de as fazer calar um dia!

Antes de alcançar o Posto-Robinson, dezenas de vezes nos lançámos por terra para não sermos mimoseados por uma bala ou pelos estilhaços dos morteiros que nos mandavam de quando em quando.

Os tres officiaes superiores, inglezes, entraram no Posto-Robinson e ligaram o telefone, ali montado,

com as companhias que estavam na frente. Gladeon e eu dirigimo-nos á primeira linha. Tomámos outra vez pela estrada em sentido inverso, com imensa dificuldade porque o kamarada boche parecia estar desconfiado com aquele silencio. Lançava very-lights em grande numero, e todas as suas metralhadoras davam á lingua como regateiras!

Pelas alturas da Hun-Street um soldado dirige-se-nos de bayoneta em riste. «Quem vem lá»?...

O alfêres Gladeon dirigiu-lhe um fóco da sua lampada electrica, ao mesmo tempo que eu respondia á sentinela.

Passámos...

Entrámos na B. Line... Era tempo!... O Gladeon tinha sido imprudente em acender a lampada porque, naquele ponto, agora uma metralhadora inimiga procurava vitimas. Subimos á primeira linha, seguindo pela Church-Road.

Lá trabalhava-se muito, mas em silencio.

O comandante do *raid*, o capitão inglez, verdadeiro latagão, de quem já falei, dividia a força atacante e dava as ultimas instrucções. Saiu o primeiro grupo, destinado á colocação do «Bengalore-Torpedo» afim de fazer a abertura, «gap», no arame inimigo. Os diferentes grupos, destinados a entrar nas cavernas dos boches e fazer prisioneiros os que se rendessem, ou mandar desta para melhor os teimosos que não nos quizessem acompanhar, a defender o ponto de entrada na trincheira inimiga de qualquer

ataque de surpresa, e evacuar os mortos e feridos, esperavam anciosos e impacientes!

Às 23 horas em ponto todas as nossas bocas de fogo começaram a vomitar metralha pelas suas fauces chamejantes. O bombardeamento britânico desencadeou-se furioso, produzindo um verdadeiro ciclone de ferro! As granadas passavam n'uma sarai-vada medonha!

Os clarões das explosões cegavam.

Os alemães lançavam very-lights em toda a linha, adivinhando os nossos designios...

Da nossa linha ouviam-se os gritos e os gemidos dos feridos boches.

A mais horrível, a mais pavorosa trovoadas seria um sussurro no meio deste inferno.

Granadas de todos os calibres, morteiros siokes, médios e pesados!... e todas estas máquinas lutando á porfia para desfazer e desbaratar todas as defesas do inimigo!... e tudo isto caia ao mesmo tempo, num mar de fogo, num caos, num inferno! Os primeiros grupos, de coletes de granadas e bayoneta calada, saltaram o parapeito; a barragem tinha sido alongada.

Neste momento, na nossa frente levantou-se um very-light de côr diferente! Era uma lagrima de sangue... era um grito d'angústia. Era o grito de socorro que o boche soltava, era o very-light da esperança, o S. O. S. (*save our soul*) que o boche acabava de lançar!

A artilharia alemã começou então a responder

ao nosso bombardeamento, mas fracamente, pois o nosso fogo era destruidor, fulminante e certo e depressa calava as bocas de fogo inimigas que, em vão, tentavam frustrar os nossos designios. O boche batia a nossa primeira linha.

Um morteiro pesado caiu ao lado... Devia ter feito chacina...

Ouviram-se gemidos...

Apanharam-se os feridos...

Os mortos foram deitados nas banquetas, embrulhados em mantas, esperando que terminasse o raid para lhes ser dado repouso.

A's 11^h, 15^m. viu-se um grande clarão na «Terra de Ninguém» acompanhado de um estampido colossal! — Era o «Bengalore Torpedo» que acabava de abrir caminho atravez do arame farpado inimigo áquele punhado de valentes! «Go on» gritou o capitão inglez, saltando o parapeito, de pistola na mão esquerda e «casse-tête» na direita.

Ouviu-se o tinir do ferro das bayonetas... Impe-tuosamente todos os homens seguiram o seu chefe! Precipitaram-se como leões para a abertura do arame! As metralhadoras varriam tudo. Cones de fogo sucediam-se na «Terra de Ninguém!» O boche bombardeava-a, mas os bravos avançavam, não obstante os que caiam!

Ouviam-se distintamente as pragas inglezas á mistura com os palavrões portuguezes... soltados pelos soldados de Portugal, que tambem avançavam

naquele mar de fogo! A primeira linha tornava-se insustentável! O boche batia-a sistematicamente!

Metemos outra vez á Church-Road. O alfêres A. V. encontrava-se no Church Redoubt com a secção de metralhadoras Lewis. A B. Line encontrava-se fortemente guarnecida. Com imensa dificuldade alcançámos outra vez o Posto Robinson.

Gladeon expoz o que se tinha passado.

O telefone jazia ao lado inutil.

As comunicações tinham sido cortadas!

Perto ouviu-se uma explosão que nos ensurdeceu por momentos. O posto de observação, aquela massa de ferro e cimento oscilou... Tinha sido um morteiro pesado que perto tinha rebentado!

Pouco depois entrou um cabo inglez completamente sujo e esfarrapado. Tinha entrado no raid.

How many prisoners? Preguntou o general inglez. «*Nineteen sir*». Respondeu o cabo. Este deu as platinas do fardamento dum official boche.

«*What is your name?*» Preguntou ele ao cabo. Disse-lh'o. Fez uma continencia e saiu.

Pouco depois o bombardeamento começou a afrouxar.

Saimos do posto e tomando ao longo da estrada de Neuve-Chapelle chegámos ao posto de socorros avançado.

Á porta do posto encontravam-se inglezes e portuguezes de cara e mãos enfarruscadas, rodeando os prisioneiros boches.

Por causa dos *souvenirs* já não havia um alemão com botões da farda.

Um soldado inglez, um pouco ébrio com o rum que acabavam de distribuir ás forças que tinham entrado no raid, batia com a mão nas costas dum prisioneiro, e dizia-lhe: *Prisonier bônne*. E vendo-lhe uma medalhinha ao pescoço deitou-lhe as mãos e arrancou-lh'a, com grande gáudio da soldadesca, não obstante o boche, que era ainda uma criança, começar a dizer, quasi suplicando: *Compris? ... Souvenir de mademoiselle*».

Repugnou-me aquela scena, mas consolava-me o ver que nenhum dos nossos soldados se ria daquela acção; antes pelo contrario, alguém d'entre eles disse: «*Estes camónes são ladrões como ratos*», e avançando fez sinal ao inglez para que entregasse a medalha ao prisioneiro.

O inglez descontente, exclamou: «*Portuguese non bonne*».

O prisioneiro reconhecido meteu a mão ao bolso e deu um *porte-monnaie* ao soldado portuguez. Um soldado inglez deu um salto para agarrar a bolsa que tinha escapado ao saque dos bolsos do prisioneiro, mas um murro vibrado pela mão do soldado luso fê-lo recuar. Scênas idênticas se passaram noutros grupos...

Os officiaes inglezes já tinham entrado no posto de socorros. Entrei tambem... Estava cheio de feridos, moribundos e mortos. O general inglez olhava

um cadaver, levantando um pouco a manta que o cobria...

Estremeci... Reconheci no cadaver o corpo trucidado dum official inglez que, havia pouco, na primeira linha dava ordens e saltava o parapeito arrastando num impeto os seus soldados!... Agora, era uma massa informe... os intestinos estavam á vista e as pernas eram dois farrapos sangrentos!

A face do general ficou imperturbavel, baixou a manta sem nada dizer, naturalmente!... — Que friêza! Que brutalidade! murmurei.

Era enorme a azafama dos medicos. Um soldado alemão jazia sobre a meza de operações, parecia agonizante. Sofria o curativo dum enorme buraco no pescoço.

Saimos, afastando-nos daquela mansão de sofrimento.

Fomos ao comando do batalhão.

Já lá se encontravam os officiaes que tinham entrado no raid.

Distribuiu-se whisky.

O general inglez agradeceu o concurso do pelotão portuguez que, disse ele, tinha procedido com a maxima decisão e valentia.

Eram 4 horas da manhã.

Os very-lights começaram a rarear.

Saimos.

Ouvia-se ao longe um bombardeamento surdo e continuado. Era a ofensiva no Ypres.

Passámos em frente do posto de socorros e, olhando para ele, lembrei-me do oficial e dos soldados que tão gloriosamente tinham caído. Seguimos pela Balúchi a fim de recolhermos á Brigada.

O general inglez ia satisfeito com os prisioneiros que tinham caído. Esquecia-se dos bravos que se tinham imolado! Recolhi a Huit-Maisons, os inglezes partiram para La-Gorgue.

Homenagem aos primeiros mortos

Como soubéssemos que nesse dia, pelas 4 horas da tarde, se procederia ao entêrro dos nossos queridos mortos no cemitério de Le-Touret, na «Rue du Bois», a dois passos do front, para ali nos dirigimos a fim de prestarmos homenagem aos primeiros que tinham caído em prol da Patria! Uma longa vala estava já aberta onde iam descer os soldados de Portugal, lado a lado com os filhos da Gran-Bretanha. Numa cova ao lado encontrava-se já o oficial inglez, caído na noite antecedente. Deitavam já as ultimas pás de terra. Colocaram uma cruz á cabeceira da campa, com os seguintes dizeres: «O. H. M. S. *In loving memory of Lt. H. Brighton, killed in action. He was the champion of foot-ball*» — «No serviço de Sua Magestade. Á saudosa memoria do tenente H. Brighton, morto em acção. Era o campeão do foot-ball». Por cima destes dizeres via-se a se-

guinte frase em latim: «As águias não criam pombas».

Ouviu-se o toque de sentido!...

Eram os corpos esfacelados e retalhados dos heroes que desciam para a sua ultima morada. Eram 5 horas da tarde. O sol desaparecia no poente pondo a tristeza do seu crepúsculo, como um crêpe, sobre o fim dos heroes!

Um canto da terra da Flandres, que eles defenderam com uma valentia que terminou por um santo sacrificio, serviu de tumba áqueles heroes sagrados, recolhia os despojos mortaes daqueles martirisados! Não era de Portugal o sol que vos acalentava com os seus ultimos raios, não era de Portugal a terra que abria o seu seio para vos receber, não era de Portugal o céu que vos cobria, mas tinha sido por esse sol, por essa terra, por esse céu tão puro, tão lindo e imaculado que vós tinheis imolado a vossa vida num holocausto divino! Tinheis vivido para um ideal, ideal de gloria guerreira, de dedicação patriótica, de grandeza, o do sacrificio que vós assinastes com sangue!

Mas vós, grandes mortos, levastes a ressurreição ao Portugal moribundo! Os grandes mortos são mais agitadores e mais criadores de energia do que os vivos! Os grandes mortos vivem! É dos nossos mortos o heroismo, o ideal da nossa raça! Nada é mais fecundo do que o túmulo dos heroes! Das suas cinzas, lançadas em semente pelo ideal da gloria germinam,

as virtudes criadoras, que alimentam a seiva dos novos!

O vosso nome reviverá no reconhecimento de Portugal! Viverá na imortalidade do vosso exemplo, na fecundidade da vossa obra e na majestade do vosso sacrificio!

Desceram ao túmulo... A voz do padre quasi que não se ouvia, devido ao ribombar do canhão que estava ao lado!

Dois aeroplanos inimigos passavam acoissados pela artilharia ingleza.

As ultimas pás de terra foram lançadas sobre aqueles cadaveres mutilados! O manto eterno estava estendido sobre os herois!

Afectos de guerra

Logo que a brigada tomou conta do sector, alojei-me numa tenda de campanha armada na *pâtur*e da *ferme*, onde estava o seu comando. A tenda estava armada debaixo duma árvore, o que a ocultava da vista dos aviadores inimigos. Outros officiaes estavam alojados na «Primeira das pretas», — uma barraca alcatroada assim chamada.

Naquele primeiro mez rara era a noite que o meu comandante e eu voltavamos das trincheiras menos das tres horas da manhã.

Como isto, que deixo escrito, é uma narrativa mi-

nuciosa, não quero olvidar os sorrisos de mulher que iluminaram algumas vezes a minha vida em França...

— Já ha péto de dois anos que te conheci, Maria Deschildre. Dentre as mulheres francezas, com quem travei relações durante os dois anos que estive na tua Patria, és tu aquella de quem conservo a mais dôce recordação. Evoco-te ainda hoje e vejo ainda os teus olhos nêgros e a tua fáce meiga... Disseram-me que no dia nove d'abril o boche te assassinou! Se é certo, lá do céu onde deves estar, pois tu eras um anjo, devias ter visto que eu sofri os espinhos da angustia e do remorso! De angustia por que tive por ti uma afeição sincéra, de remorso por que cheguei a esquecer-te por momentos depois da minha partida. Lembro-me bem quando entrei pela primeira vez em tua casa fazer o acantonamento, visto ser teu pae o Maire de Vieille-Chapelle. Foi um domingo do mez de junho. Ao entrar em tua casa vi que ela respirava conforto. Na sala estavam duas velhinhas, uma senhora já edosa, tu e as demoiselles Heuge Pérche de Vieille-Chapelle. Passaveis o domingo daquela encantadora maneira, que só vós sabeis, familias francezas!

Deslumbrou-me aquella roda cheia de encanto, ali, a dois passos da aridês do *front*.

Disse um *bon-jour*, dôcemente, cumprimentei-vos e pedi licença para entrar. Fui conduzido por teu pae para uma sala contígua a fim de me assinar os certificados dos alojamentos.

Ouvi que alguém falava de mim. « *Cet officier a été déjà chez-vous, il a un air très bien* ». Alguém disse mais: « *Tu as déjà remarqué que les portugais sont plus gentils que les anglais, même les soldats, ils n'entrent jamais sans demander permission* ». Ao sair convidaste-me para tomar café na vossa companhia. Aceitei. Lembro-me bem que, para encetar conversa, me perguntaste « *Si j'étais content avec le cantonnement, si la guerre était dure* ». Depois... *Si tous les portugais avaient les cheveux et les yeux noirs...*

E enquanto tomavamos o café, contei-vos, por alto, a minha aventura nas trincheiras de Neuve-Chapelle, na noite anterior:

Estava uma noite de chuva e vento. O major Jackson e o capitão Moon, do exercito britânico, pediram ao meu comandante que me ordenasse para os acompanhar aquela noite ás trincheiras, pois que as praças dos batalhões na linha costumavam deter os officiaes inglezes como espiões até serem reconhecidos.

Eram 3 horas quando saímos para as trincheiras.

Nada mais horrível do que a chuva para transformar as trincheiras em lamaças que depauperavam e enfraqueciam as maiores energias! Daquella lama vinham exalações cadavericas que tornavam a atmosfera irrespiravel!

Fomos pela Bacquerot e tendo seguido pela Tilleloy chegámos á primeira linha, depois de nos termos enlameado até aos joelhos!

Ao longo da primeira linha lá estavam os soldados de Portugal, cosidos ao parapeito, bayoneta calada, atentos, olhando como lynces a «Terra de Ninguem»!...

Essas horas intérrimas da primeira linha!...

Vós, que ficastes em Portugal, podeis lá imaginar qual era o sofrimento *dalguns* dos vossos irmãos que vieram lançar-se n'esta fornalha!...

As noites sem dormir, com o coração aos saltos, dentro da lama, a olhar o incognito, a ouvir o gargarhar da morte que passa ameaçadora e trágica! E o acêso rubro da lúta?!... Depois do fogo intensissimo dos canhões, dos morteiros, das metralhadoras, das granadas que matam, trucidam e fazem baquear os heroes... vêr sair e avançar das suas cavernas as ondas de boches soltando gritos guturaes e selvagens. E o embate?!... E as arremetidas?!... E os medonhos corps-a-corps?!...

Da vossa coragem, da vossa bravura, da vossa pertinacia e do vosso sacrificio falará um dia a Historia elevando a vossa Obra aos pincares duma Epopeia!

Os officiaes inglezes desejavam ir á Duck's Bil, vêr como estava feita a guarnição dos postos.

O major Jackson era um delegado do XIII corpo britanico.

Nisto um vulto avança, e diz-nos:

«Quem vem lá»?...

«Official portuguez»...

«Senha?» ...

«Lisboa» ...

«Não senhor, essa era a senha d'hontem mas já foi mudada» ...

«Então não sei» ...

Como não fosse possível identificar-me perante o soldado que me falava, ele diz-me: «Visto isso, tem de me acompanhar ao comando da companhia; demais a mais o senhor vinha a falar uma lingua estrangeira» ... Ainda lhe disse quem eramos, mas não houve maneira de o convencer.

A pouca distancia ouviam-se falar os boches e sentia-se perfeitamente o rodar das suas vagonetas nos Decauvilles.

Num instante sentimo-nos envolvidos por bayonetas e lá tivemos de ir ao comando da companhia a fim de sermos reconhecidos!

Os ingleses iam zangados como viboras, mas eu encontrava uma certa pilhéria ao caso.

A chuva caia torrencialmente ... Estava molhado até aos ossos.

Ouvia dizer aos soldados que nos acompanhavam:

«São boches ... Olha como eles falam alemão ... Mas ... e soltou uma blasfémia. Os ingleses bufavam. Eu ria-me disto.

Chegámos ao comando da companhia onde fomos imediatamente reconhecidos, com grande desapontamento e decepção para as praças que julgavam ter feito uma boa prêsa! ...

No entanto tinham cumprido o seu dever.

Voltámos outra vez á primeira linha com imensas dificuldades. A agua já trasbordava pelos canos das minhas botas altas.

Voltámos.

Tivémos de dar passagem a dois maqueiros que transportavam um pobre ferido, a quem uma grana de espingarda inimiga tinha levado uma mão. Os gemidos do desgraçado eram cruciantes e dolorosos!

Ceguei a Huit-Maisons, completamente encharcado, perto das 4 horas da manhã. Estava devéras fatigado.

A cama que me esperava era a maca na tenda de campanha, cujo soalho era a relva molhada.

Disse-te depois que, quando chovia se me alagava tudo dentro da tenda e que, quando me levantava, as duas mantas que me cobriam estavam cobertas de orvalho. — O que eu queria era vêr se me ofereciam um quarto... — Esta tactica sortiu efeito...

A Maria e a mãe trocaram algumas palavras. Despedi-me... Pouco depois, tendo passado em frente da janella onde elas estavam, chamaram-me e disseram-me: «Temos aqui um quarto que só tem o defeito de ser muito pequeno, no entanto está á sua disposição».

Não tive palavras com que agradecer.

Chamei o meu impedido para me mudar a minha bagagem para a nova vivenda.

Já á porta, a boa mulher disse-me: «Não diga nada lá fóra aos inglezes porque eles já muitas vezes me pediram aquele quarto e eu sempre lh'o neguei».

«Não ha novidade, madame».

Sahi satisfeito, pensando: Estamos aqui ha meia dúzia de dias e já fizemos mais que os inglezes em três anos.

Naquela tarde mudava as minhas coisas para casa de M.^{me} Deschildre, que me dizia na sua flacidez de matrona:

«A primeira vez que dou este quarto a officiaes... A primeira vez... nem a inglezes, nem a francezes...»

.....

Tinha sido determinado que o alféres C. A. fizesse um assalto a um posto na frente da Mauquissart com uma força de vinte homens.

Na véspera o meu comandante e eu fômos, ahi pelas duas horas da tarde, á primeira linha inspecionar o estado do arame inimigo no ponto de entrada da força, que no dia seguinte daria um golpe de mão no boche.

Nesse momento o Bois de Biez estava a ser batido pela nossa artilharia.

Chegámos á Mauquissart, ao ponto de saida.

Antes de mais nada vou descrever numas leves côres o horrivel cáos daquele terreno! Havia ali as celebres minas de Mauquissart, infindas e profundas, onde os homens desapareciam metidos em botas de

borracha duma altura desconforme. O cheiro que dali se exalava era pestilento, abominavel e nauseabundo! O lodo era esbranquiçado, pegajoso e nojento!

As trincheiras tinham desaparecido! Era tudo um pantano! Tudo revolvido duma maneira assombrosa, horrivel, indescritivel!...

Ainda ali se via um resto de trincheira... mas nem uma mão atravessada lá cabia! Uma maquina infernal ao rebentar devia ter aproximado os talúdes sem os desfazer! Em frente havia umas três cratéras duma profundidade enorme! A maior estava cheia dessa água esbranquiçada, pestilenta e lodosa que saia das minas! Imagine-se que era tão profunda, que até tinha uma boia de salvação a flutuar. Quantos cadaveres não guardaria nas suas entranhas?!...

Naqueles destroços não era raro encontrar pedaços de corpos humanos! Um pé dentro duma bota, pedaços de fardamento com bocados de carne duma horrivel pestilencia!

Imagine-se tudo isto num calido dia de junho, abafadiço, incendiado por um sol de solsticio, numa atmosfera plenamente saturada das exalações lamacentas do solo e dos cheiros cadavéricos!

Foi este o sitio onde tinhamos chegado. Alcançámos o ponto em que a trincheira estava desfeita... Passámos num relampago... Vimos perfeitamente as trincheiras boches... uma bala passou... o *sniper* boche tinha errado o alvo!... Trinchei-

ras não havia; o terreno estava enfiadissimo! Ladeámos a cratera maior, de rastos, e dali examinámos á vontade o arame inimigo, que, na verdade, era uma perfeita floresta, que protegia as cavernas onde se acoitavam os sinistros campiones duma causa de tirania e opressão, que banhavam tudo em sangue e lagrimas e envolviam a Europa inteira dum imenso manto de crêpes. Agora estavam calmos... mas era preciso temer-lhes os movimentos e os arrancos das fêras que se vêem acossadas á morte!

Saimos daquelas paragens de maldição, e dirigimo-nos para Le-Drumez. Neste logar estavam a rebentar granadas de mão. Os *moscardos* voavam por cima das nossas cabeças... Como já estivessemos fartos de pisar as tabuasinhas das passadeiras «Trench-boards», saltámos para fóra da trincheira, e afastámo-nos do ponto onde as explosões se davam... Um estilhaço passou proximo... Deitámo-nos...

Neste momento sinto uma forte pancada no temporal direito que me atordoou por momentos. Dois pequenos estilhaços tinham-me atingido, produzindo-me duas léves beliscaduras numa mão e na cabeça.

Na «Green Barn» o Dr. C. P. fez-me o curativo. Recolhemos a casa.

Naquela noite tive um pouco de fêbre.

Na madrugada do dia seguinte senti passos no quarto... Alguem tinha vindo pôr um copo de leite

sobre a cadeira que me servia de mezinha de cabeceira. E pouco depois aparecia uma cabeça á porta do quarto; era a M.^{me} Deschildre, que numa voz dôce me dizia:

«*Vous êtes mieux? ... Si vous desirez quelque chose vous n'avez que le dire*»... «*Merci... merci bonne dame*»...

«*De rien Mr. Je pense aussi à mon Delphin qui est dans les trachées*». Delphin era o filho da boa mulher; aquella mãe fazia-me bem com os olhos em Deus esperando que Ele lhe protegesse o seu filho. De fóra do quarto uma voz dôce perguntou: *Vous êtes mieux Mr.?*...

«*Mais... ce n'est rien M.^{lle}...*»

Dias depois a meiga rapariga dizia-me docemente: «*Si vous saviez que j'ai resté saisie*»!...

Na noite do dia seguinte, no meio das trévas o valente alféres C. A. á frente dos seus homens, arremeteu contra as trincheiras inimigas! Passaram o nosso arame; porém ao tentar abrir caminho atravez da densa rêde de fio de ferro inimigo, que como serpentes eriçadas de espinhos se enroscavam em torno das pernas daqueles bravos, uma nuvem de granadas boches caiu sobre eles obrigando-os a retroceder.

O inimigo esperava já aquele punhado de valentes. Um deles lá ficou no arame inimigo com o corpo esfacelado, os dedos crispados numa ultima convulsão de desafio!...

A familia Deschildre

Mr. Omèr Deschildre, o dono da casa, era um homem já edoso, mas ainda cheio de vida.

Ao domingo apresentava-se com aspecto de burguez riquissimo; mas durante a semana lá andava com os criados a moirejar para juntar mais uns francos á sua fortuna, já bastante avultada.

Sua esposa, M.^{me} Marie, era uma senhora já de idade. O seu rosto, se bem que já um pouco cansado e franzido, com grandes rugas, mantinha ainda os traços duma formosura em ruinas, ofuscada pela mão do tempo! Fios de prata brilhavam já por entre os cabelos louros. Era alta e já com a flacidez da idade.

A mãe do Maire era uma vélhinha já trôpega, face muito engelhada, desdentada e sempre de olhar velado por uma intima tristeza.

Dizia-se que esta melancolia era devida a ter visto a casa, onde nasceu, em Richebourg, arrazada pelo boche em 1914. Era uma refugiada. Ainda a vejo muito sumida... muito triste... a sua cabeça alva de néve naquela touquinha nêgra.

A mãe de M.^{me} Marie era tambem uma vélhinha. Já corcovada, nariz afilado, muito enrugada... muito branca. Era uma velhinha sorridente e alegre. Ia-se aproximando do túmulo sorrindo... Ao domingo lá ia ela na sua carruagem, no seu vestido de faile, com os seus oitenta anos, pedir a Deus a protecção do neto, soldado de engenharia do Exercito Francez.

M.^{lle} Maria era esbelta, de estatura elevada, sem possuir essa fragilidade e essa magreza que tiram o esplendor ás raparigas do sul. Os seus cabelos eram louros, daquele louro bronzeado que fazia lembrar o reflexo dos raios do sol da sua Patria ao bater nos campos cobertos de neve daquela admiravel Flandres.

Vejo ainda a expressão dos seus labios quando esboçavam um leve sorriso, a expressão do seu olhar que patenteava a sua alma com toda a sua ternura, com todo o seu enlevo que parecia voar para mim num arrebatamento natural...

.....
 Não sei o que foi feito desta boa familia. Não sei se vivem, se morreram...

No dia 9 de abril aquela casa foi desfeita; o boche avançou, caíram prisioneiros... Houve quem me dissesse que os assassinaram quando tentavam fugir aos brutos teutões...

Em 7 de abril estive em sua casa, e disse-lhes para que se retirassem daquela região, visto ser uma temeridade ali residir... Tencionavam mudar-se d'ali a dias... Foi porém muito tarde!...

C'est trôp de noblesse...

Uma vez por outra, quando as vicissitudes da guerra o permitiam, eu ia passar pequenas *soirées* naquela *ménage*, onde falavamos de mil coisas.

Estas *soirées* eram ás vezes interrompidas pelo rrom-rrom sinistro dum avião boche, resfolegando nos ares, num vagar irritante, que nos advertia que procurava prêsa para as suas bombas maquiavélicas! Então apagavam-se as luzes!...

Outras vezes eram interrompidas pelo sibilar doloroso das granadas, ou pelas buzinas de gaz-alarme que nos advertiam de que a atmosfera estava envenenada e que era preciso colocar a mascara!

Pobre gente!... Viviam ali a dois passos do *front*, porque ali existiam todas as suas riquezas, sujeitos a serem esmagados a qualquer instante, desde o momento em que cessasse a convenção:

— Se o boche bombardear o comando do batalhão, brigada ou divisão, nós tambem bombardeamos!

E desta maneira só alguma granada perdida é que atingia estes logares, não obstante as cercanias estarem crivadas!

As *caves* eram os refugios desta desgraçada gente, quando as granadas inimigas passavam em gemidos macabros procurar emudecer as baterias de Portugal!

Numa daquelas pequenas *soirées* deu-se um caso deveras picarêsko:

Estando a vêr num dicionario Larousse os nomes dos homens célebres de Portugal, que eu lhes ia mostrando, leram o nome de François d'Almeida, que tinha a seguir: *Vice-roi des Indes*.

G. Alex. Mat.
heir. 8 pp.
57-

A mãe e a filha trocaram um olhar ... «*Est-il votre parent ? ! ...*»

Esbocei um sorriso misterioso ... e respondi levemente «*Oui M.^{me} ...*»

Ao sair ouvi murmurar entre si: «*Nous avions déjà méfié qu'il était un noble ! ...*»

Esta desconfiança transformou-se em certeza quando no dia seguinte, tendo eles entrado no meu quarto, viram escrito numa carta, que me era dirigida, o nome da minha terra. Ao lê-lo lembraram-se de ter visto no dicionário o seguinte: «*Bragance ... Maison royale du Portugal ! ...*»

Às vezes do meu quarto ouvia conversas destas, entre qualquer visitante e os donos da casa: «*Alors, maintenant, vous logez un officier portugais*» ? ...

«*Oui ... un prince du Portugal.*»

E eu ria-me como um louco ao ouvir aqueles disparates. Que fazer? ... Era preciso rir naquela arida vida do *front*.

Isto rendia-me a grande vantagem de ser muito bem tratado.

O peor é que, dias depois, M.^{elle} Marie me disse: «*Vous avez déjà remarqué que je vous aime beaucoup ! ...*»

E depois, enrubescendo-se, olha para mim como-vida, uma lagrima deslisa-lhe pela face e diz-me num soluço:

«*Il faut finir tout ça ... Ce n'est pas possible ...*»
«*Pourquoi ? ...*»

« *Car vous êtes trôp noble... un grand... et... moi... je suis une bourgeoise...* »

Tive vontade de rir a bandeiras despregadas... mas entendi por melhor afastar-me, fingindo-me zangado.

O raio da « *noblesse* » tinha sido contraprodcente...

O ataque a infantaria 7

Nos principios de julho de 1917 este batalhão sacrificado sofreu o primeiro embate em massa do inimigo!

Era 1 hora da manhã quando uma verdadeira chuva de ferro começou a fustigar o subsector de Neuve-Chapelle, ocupado por aquele valente batalhão. O bombardeamento foi intensissimo.

Quando a infantaria boche se lançou ao assalto sobre os portuguezes, que era a nossa primeira linha?!... Um horror; destroços humanos, passadeiras, revestimentos, tudo desfeito, tudo revolvido, tudo num caos!...

Quando os alemães chegaram, acharam os ultimos combatentes, os sobreviventes, abrigando-se quasi loucos por detraz dos montes de terra levantados pelas explosões ininterruptas, por detraz dos cadáveres, dentro dos charcos de lama e sangue!...

Cairam... é certo, mas como?!...

Da sua bravura, da sua coragem heroica, falaram bem alto as descripções dos que se salvaram!

Da sua resistencia grandiosa eram provas os cadaveres boches espalhados na « Terra de Ninguem »!

Poucos momentos depois encontravamo-nos no teatro da recente luta.

A atmosfera, num mixto de exalações cadavericas, de fumarada da polvora, de odôr da chacina humana e envenenada pelos gases que restavam do recente bombardeamento, tornava-se irrespiravel! As trincheiras tinham sido niveladas!

Por cima daquele terreno, por onde parecia ter passado o vendaval louco da Destruição e da Ruina, havia os cadaveres trucidados dos filhos de Portugal!

Via-se bem que a resistencia tinha sido épica e plena de incontestavel heroismo!

As nossas perdas tinham sido ingentes, mais em mortos e feridos do que em prisioneiros!

A maior parte dos combatentes tinha sido inutilisada pela barragem inimiga!

« Gambúzio » — disse o comandante da nossa Divisão, dirigindo-se a um soldado palido, olhar esgazado e completamente esfarrapado e enlameado, que passava, — « então vocês tiveram mêdo do boche? ... »

« Nós não, meu general... Eles só levaram meia dúzia dos nossos, que já não sabiam o que faziam com os morteiros e com a artilharia!

Eu salvei-me não sei como...

Já não havia munições; as que existiam nos

paioes ficaram soterradas... Eu meti-me naquela cova... fingi-me morto e não me levaram porque não repararam em mim...»

«Eram muitos?...»

«Eram ás chusmas... gritavam como... Só um, que a modos era oficial, e que matou com o revolver o 246 que, apesar de ferido, continuava a fazer fogo. — E dizendo isto apontava um cadaver ao lado — gritava: *Rapazinhos para Berlim... muito de comêr...*» tal qual como nós dizemos...

Afastámo-nos...

O general ia abatido e carrancudo, talvez pensando na desforra daqueles titanicos heroes que acabavam de escrever com o seu sangue mais uma pagina de sacrificio na gloriosa historia da Patria Portugueza.

O bravo alfêres miliciano Hernani Cidade

Na madrugada do dia 14 de agosto de 1917 o inimigo começou a bombardear com grande fúria o subsector de Neuve-Chapelle, ocupado por infantaria 35. Este intenso bombardeamento era o prelúdio dum grande *raid*!

Na vespera, uma patrulha do meu batalhão tinha aprisionado um alemão, que nos informou que no dia seguinte os seus talvez atacassem, conforme tinha ouvido.

Nesse dia os alemães empregaram um gaz diferente.

Toda a frente foi batida num desespero!
Os pelotões de infantaria 35 lançam nos ares o very-light vermelho, a lagrima ensanguentada, que mostrava aos artilheiros de Portugal que os seus irmãos infantés sofriam na primeira linha...

O very-light subiu nos ares com um traço de fogo e... abriu como uma rosa as suas pétalas ensanguentadas, que sintetisavam o sofrimento das pobres almas alanceadas que esperavam, num frenesi e numa atroz impaciencia, ouvir a voz galharda da artilharia de Portugal.

Os artilheiros estavam atentos... Mal se elevou nos ares o S. O. S., as baterias portuguezas falaram, ripostaram, rugiram impavidas e fortes! Os infantés ouvem-na com alivio. Mas o boche redobra de violencia!...

Num momento saem das suas cavernas em ondas cerradas, bramindo gritos de odio e maldição, saltam o parapeito, e, numa fúria de tigres, atiram-se de encontro ás trincheiras esfaceladas, defendidas em arranços leoninos pelos soldados da minha Patria!...

O embate foi horrivel e formidavel!

O *corps-à-corps* foi desesperado e sangrento!

O soldado luso resistia sempre...

Nas linhas foram encontrados mais tarde boches e portuguezes mortos, mas abraçados no desespero da luta!... A morte tinha-os surpreendido naquela posição!... Era de indizivel odio a expressão dos seus rostos!

Mas a luta era descomunal e desconforme!

Um batalhão de prussianos, soldados frêscos e descansados, vindos do *front* tranquilo da Russia, dispondo de maquinas infernaes de novo invento. — Apareceram nesse dia umas granadas pequenas destinadas a queimar o equipamento e o fardamento do inimigo.

Identificando-se as tropas boches, verificou-se que eram forças da *élite* e de assalto as que tinham caído sobre os valentes troços dos portuguezes, cortando-os, acutilando-os e esmagando-os, apesar da sua heroica resistencia, e mal lhes deixando tempo para desenvolverem a defeza!

Os boches em ondas sucessivas avançam até á segunda linha, e nas pontas de pequenas bayonetas, cortantes como navalhas de barba, levavam prisioneiros os dois pelotões, quasi desfeitos, que ocupavam os pontos atacados.

Iam já na «Terra de Ninguem»; o boche devia ir contente com a sua prêsa; aquelle dia não parecia ser dos mais felizes para Portugal, o seu sol de victoria parecia ter-se ofuscado, e naquelle dia, na conferencia dos generaes, era provavel que os inglezes censurariam aquelle revêz de infantaria 35 ...

Mas eis um valente troço que avança... vae um alfêres na frente... leva uma espingarda que apanhou ao lado dum cadaver... eis que salta o parapeto... resolutu, valente e decidido!...

Quem é elle?... É o alfêres H. C., que numa

heroicidade louca, simplesmente acompanhado por tres soldados, se atira sobre os alemães victoriosos, rugindo gritos de estimulo e de coragem aos portuguezes que já marchavam para os captiveiros da Germania!...

O chacinar humano, o caudal de sangue teve por momentos um compasso de espera...

Mas o combate recomeçou com dobrado fragôr!

Os prisioneiros estremeceram ao ouvir aquele heroe que lhes gritava!... Os boches olharam espantados ao vêr aquele heroe com uma temeridade louca!...

A divisa daquele alfêres era vencer ou morrer!

Episodio tenazmente heroico, brilhante e glorioso feito d'armas que insculpiu com letras doiro o heroismo épico da alma portugueza!

Eram 6 horas da manhã.

O despontar do sol iluminava com a sua luz avermelhada est'outro despontar do valor e da coragem deste punhado de batalhadores!

Aquele grito soltado pelo heroe obscuro da ultima hõra, foi entusiastico e electrizante para os soldados lusos!

A reacção deu-se grandiosa, sublime de heroicidade e bravura!

Um soldado marchava já no meio de dois boches!... Um deles abaixou-se para abrir uma passagem no arame... O soldado que já ia prisioneiro vibra-lhe uma valente coronhada na nuca e traz pri-

sioneiro para as nossas linhas aquele que ha pouco o escoltava ! Feitos identicos se repetem.

A alma portugueza tinha acordado, havia de vencer ! . . .

E aquele punhado de heroes repelia para as suas tocas as hordas aguerridas e da *élite* do Kaiser orgulhoso, deixando na «Terra de Ninguem» muitos cadaveres boches e trazendo para as nossas linhas os que se entregavam, entre eles o capitão alemão, já quasi agonisante !

Qual foi a obra desse heroe lendario ? ! . . .

Num gesto entusiastico, e num desassombro inaudito, transformou a derrota em victoria, libertou das garras do boche uma centêna de portuguezes, a quem esperava a escravidão, escreveu mais uma gloria para o Exercito Portuguez, tirou inesperadamente a grande força moral aos que se julgavam invenciveis, açoutou e quebrantou as possantes envergaduras das aguias prussianas !

Num grito lancinante pela aproximação da derrota esse heroe obscuro evocou na alma dos soldados de Portugal a miragem deslumbrante do passado, a historia da sua Patria, povoada de estimulos e de incitamentos, resurgiu-lhes na alma heroismos quasi extintos !

Meia hora depois, prisioneiros boches passavam cabisbaixos, no meio de tropas portuguezas a caminho dos campos de concentração ! . . .

Às sete horas o general da Divisão e o meu co-

mandante encontravam-se na Mauquissart! Que horrôr!...

O cheiro da lama pestilenta, misturado com as exalações cadavericas tornavam a atmosfera execranda.

Nuvens de môtscas voavam sobre os cadaveres crispados...

O capitão alemão estava morto, de cabeça ao fundo, dentro da nossa trincheira. Um fio de sangue corria-lhe da bôca aberta num esgar de suprema raiva!

Abaixei-me e tirei-lhe uma platina e um botão de farda, como «*souvenir*».

O general estava contente...

Vendo passar um soldado dirigiu-se-lhe risonho e disse-lhe:

«Oh gambusio... Estou satisfeito com vocês...»

«Pois sim... meu general... Se não fosse o nosso alferes C... estava tudo perdido...»

Mandou procurar o heroe daquele memoravel dia, que estava a descançar no abrigo dos trabalhos daquelas horas de sublime tragédia!

Disse-lhe para que narrasse os factos passados.

Contou-os, revestindo-os da maxima modestia e singeleza.

Foi preciso que um soldado, no seu ar boçal, exaltasse a obra daquele heroe e mostrasse na sua linguagem rúde, simples e sincéra o feito glorioso daquele alféres miliciano!

Não o promoveram!...
Deram-lhe a cruz de guerra!

O que um general inglez disse do glorioso capitão Augusto Casimiro

O general Haykin, comandante do XIII corpo britânico, e o general Studdy, chefe do Estado Maior desse corpo visitavam a meudadas vezes o sector da minha Brigada.

O general Haykin era um velhote muito simpatico. Alto e espadaúdo, feições correctas e francas, cabelo e bigode completamente branco.

No começo da guerra era general de Brigada.

Fez o Ypres, o Yser, o Somme e Galipolli. Hoje era já comandante dum corpo.

O general Studdy era duma altura gigantêsca. Rôsto sevêro, bigode louro e já muito calvo. Tinha perdido uma pèrna no Somme. Usava então uma pèrna de pau que lhe dificultava imenso os movimentos. Não era das coisas mais agradaveis acompanhar homens destes ás trincheiras.

Reparavam em tudo... Uma travessa partida, um homem sem mascara ou equipamento, uma lata vazia de *corned-beef*, ou de *Jam*, um travez ou um pedaço de parapeito que o boche acabara de desmoronar...

Um dia o general Haykin dirigiu-se ás linhas afim de ir inspecionar a Duck's Bill. Ia tambem com-

nosco o major Jackson.* A proposito devo dizer que no sector portuguez não podia penetrar nenhum inglez sem um *passé* por causa da espionagem. Varias vezes officiaes inglezes iam sob custodia á Brigada afim de serem reconhecidos. Na falta dum *passé* eram acompanhados por um official portuguez.

Nesse dia tomámos pela Min-Street,* no subsector esquerdo, e viémos sair á Balúchi,* no subsector direito, depois de termos inspecionado o ponto da primeira linha já referido.

O general Haykin* era deveras interessante:

«*How do you say good morning in portuguese? . . .*»

— perguntava ele.

«Bom dia, Sir . . .»

Então, nas linhas, a todo o soldado que o cumprimentava ele correspondia dizendo: «*Bôm diá . . .*»

Às vezes na primeira linha travava conversa com alguma sentinela, conversação em que lhe servia de intérprete.

Perguntava-lhes a sua missão, o modo de agir em certas eventualidades.

Se a sentinela respondia bem, ele exclamava, satisfeito:

«*Very good, very good*», e abrindo a sua rica cigarreira dava dois ou tres cigarros ao soldado, que lhe agradecia com um «*merci . . .*»

Ao sair da Balúchi* uma sentinela impede-nos a passagem.

«Não podem sair; é ordem do nosso tenente, comandante da companhia.»

«Onde está o nosso tenente?»

«No abrigo da companhia.»

Para lá me dirijo e ahi o encontrei.

Disse-lhe o que acontecia...

Dirige-se ao general, e eu senti orgulho ao vêr a maneira galharda e militar como aquele portuguez se lhe dirigiu.

O tenente A. C. falava o francez e o general, embora não o conhecesse a fundo, percebia-o e dizia duas coisas.

O general apertou-lhe efusivamente a mão.

Preguntou-lhe qual a razão porque tinha ali aquela sentinela.

Explicou-lhe...

«*Oui... oui Mr.... vous faites très bien,*» disse-lhe o general trocando um olhar com o major Jackson.

Em seguida, conversando, começaram a falar do plano da defeza do sector.

«*Mais vous le connaissez bien, et j'en suis bien content!...*» — murmurou o general ao vêr a maneira inteligente e nitida como ele lhe expunha o plano de defeza de Neuve-Chapelle.

«*Say to this officer that Iam very pleased to meet him...*» — disse-me o general quando nos preparavamos para partir, mostrando assim o prazer que tinha sentido ao travar conhecimento com aquele official do nosso Exercito.

Partimos.

Aquele tenente portuguez, era o mesmo que dias antes, em pleno dia, frente ao boche tornado inofensivo pelo assombro, tinha saltado o parapeito com dois maqueiros e um soldado, afim de irem buscar á «Terra de Ninguem» o cadaver trucidado dum soldado portuguez, que no dia anterior tinha feito parte duma patrulha de combate comandada por ele.

Aquela pura alma de sonhador desfolhou em plena guerra, no meio da hecatombe e da brutalidade da trincheira a flôr sacrosanta da poesia.

Em pleno dia, frente ao boche que, de espingarda em punho, atento espiava o inimigo numa suprema ancia de matar, ele subiu sem armas o parapeito enquanto os maqueiros marchavam serenos buscar o cadaver insepulto dum soldado de Portugal!

Que diria o boche ao ver o seu rasgo de sublime caridade?!...

Que pensaria ele do coração e da alma portugueza?!...

Eu sei que os seus dedos se crisparam... não puxaram o gatilho... a guerra terminou por momentos!..,

Era que aquele heroe que avançava não era o Homem, não era o Soldado... era o Poeta... o Sonhador!...

E aqueles soldados, a quem o mundo inteiro odiava pela sua extrema crueldade, a quem tratavam de hunos, brutos e selvagens, ao verem levantar o

funebre fardo, fizeram num rasgo de piedade e comoção uma continencia saudando aqueles santos heroes!

Pela primeira vez, durante perto de quatro anos ecoou naquelas paragens de maldição e ruina, onde só se ouvia o gargalhar macabro da morte, o rugido ameaçador do canhão e as blasfemias dos que caíam clamando vingança, uma palavra de amor, uma palavra de reconhecimento: «Obrigado!...»

O soldado lá foi dormir o sono eterno, lado a lado com os seus irmãos d'armas, imolados como ele pela sua querida Patria!...

Poucas horas depois recebia-se na Brigada uma nota do XIII corpo Britânico, em que o general Haykin mandava comunicar que tinha ficado deveras satisfeito com a visita naquele dia ao sector portuguez.

Os meus inolvidaveis camaradas da "Briosa,,

Ao escrever estas linhas a minha antiga Brigada ainda está em França, mas os elementos que a formavam outr'ora já estão dispersos.

Daqueles bons e queridos camaradas hei de sempre lembrar-me com saudade.

Entre nós dividíamos os prazeres do triumpho e as máguas da adversidade.

Se por acaso chegar ás vossas mãos este pobre e despretencioso livro, hoje que estamos espalhados por este nosso tão amado Portugal, peço-vos que

vejais nestas linhas a prova da minha subida estima e o preito da minha eterna gratidão.

Ao tropeçar pelas recordações desses tempos de guerra na Flandres eu lembro-me com carinhosa saudade do ajudante da Brigada, incansavel, muito distinto e sabedor, bom amigo, sempre pensativo, a suspirar pelo farol de Aveiro, pelos ovos moles, pela Barra, pela traineira; do primeiro adjunto, oficial recto, sensato e cumpridor, um bom camarada e um grande coração; do 2.º adjunto, oficial conciso, cumpridor, um belo character, sempre muito risonho; do granadeiro, um bravo e inteligente official; do signaleiro, um bom militar, um excelente amigo e uma bela alma e do capitão veterinario, muito sabedor e com muito espirito.

Convivi durante dezoito mezes com este official e ouvi-lhe milhares de vezes a passagem do Rovuma, em que ele foi um dos heroes!!...

Alem destes officiaes lembro-me ainda do capitão médico, comodista, duma placidez descomunal, era uma verdadeira bola!

Estava em França pelo culto do franco!...

Os *raids* que lhe fizemos á barraca quando ele dormia!... Era ver como ele fugia em ceroulas, apertando muito o seu colete onde ia amontoando os francos, quando por ocasião dum bombardeamento lhe atiravamos com pedras sobre a barraca fazendo-lhe crer que eram estilhaços!...

«Êna... que buraco!...» eram as palavras de

confôrto que dirigia a qualquer ferido, quando examinava a chaga aberta por um estilhaço!...

Eis os officiaes da minha Brigada.

Pouco a pouco a mão do tempo foi-nos separando.

Em setembro de 1918 já só existiam dois dos primitivos: o capitão S. primeiro adjunto, e quem estas linhas escreve.

Eu vim de licença de campanha.

Soube ha dias que aquele meu querido amigo tinha tambem deixado a Brigada.

Estava assinado o armistício!

A «Briosa» tinha cumprido a sua missão!...

Em instrucção...

De quando em quando passavam na Brigada officiaes superiores afim de, num estagio dalguns dias, praticarem um pouco no comando daquela unidade.

Dentre eles recordo-me do coronel M..., com o seu todo antiquado, com a sua ingenuidade infantil...

Na barraca, onde o capitão S... trabalhava, havia um arquivo.

O coronel M... passava o seu tempo de... instrucção ahi sentado, sempre falador e importuno, impedindo um pouco o serviço.

O capitão S... querendo vêr-se livre dêle, fez um buraco na lona da barraca e colocou o estilhaço

duma granada sobre o arquivo, no lugar em que se sentava o coronel M...

Foi remedio santo...

Fizeram-lhe crer que uma granada tinha caído proximo e que aquele estilhaço tinha ali entrado!...

Nunca mais lá se sentou!...

Uma noite tendo ido o meu comandante a Neuve-Chapelle^x assistir a um *raid* feito pelo alféres G..., de Infantaria 23^x, ele pediu tambem para ir... E foi... de esporins, calcinha, capacête e capa.

Deu-nos um trabalho doido!...

Tive de voltar dezenas de vezes á rectaguarda afim de o procurar, e encontrava-o umas vezes preso pelos esporins á travessa duma passadeira ou então muito encolhido no fundo da trincheira, esperando que uma metralhadora... portugueza... terminasse o seu fogo!...

Era então interessante ouvi-lo dizer para mim:

«Esta lama sairá?... o trabalho que a minha capa vae dar ao impedido!...»

Já se começavam a desenhar os preludios do *raid*... mas ele lá ia acabrunhado ao lembrar-se que levava a capa suja... e dando ao diabo a ideia de ter vindo ás trincheiras!...

Tinha de ser infeliz essa noite...

Ás quatro horas da manhã, quando recolhiamos, o «Maxwell» enfiou para a valêta da estrada de «Wellington» e o coronel M... ficou estatelado no lôdo!...

Este senhor, na vespera de partir, pediu-me uma lata de *corned-beef* para... mimosear a filha de M.^{me} Curcolle, em casa de quem tinha estado acantonado!...

Que prodigalidade!!!...

Madrugada de 14 de Setembro

O raid a Infantaria 7 — Ao valente alféres Teixeira

Este batalhão, que foi mais do que nenhum outro deveras martirisado, praticou um acto duma heroicidade tal, que é a pagina mais brilhante e gloriosa da I.^a Divisão do C. E. P. em França!

Pena foi que mais tarde, levado por uma alucinação deprimente, por um acto inconsciente, depauperado pela lama moral, mais prejudicial e perniciosa que a lama da terra, se tivesse revoltado, nublando um pouco a sua admiravel conducta nas trincheiras da Flandres...

No entanto eu, que os conheci naquela resplandecente manhã de *raid*, que os vi titanicos e grandes, que os vi gloriosos e fortes, que os vi admiraveis e épicos atirar num gesto formidavel e grandioso os guerreiros saxonios derrotados e esmagados para dentro das suas cavernas, que vi como estrebuchou nas historicas ruinas de Neuve-Chapelle* o leão saxonico batido e vencido pelo soldado de Leiria, cansado por seis mezes consecutivos de trincheiras, não

posso deixar de os saüdar e de os relembrar numa saudosa recordação!

Lembro-me bem...

Os ingleses andavam furiosos por não terem identificações.

Havia dias que o boche tinha feito a rendição naquela frente e não se sabia ainda qual a divisão com que nós tínhamos de haver.

Dias antes, na ancia de obter prisioneiros, tinha-se determinado um ataque em toda a frente da Divisão. Uma Brigada ainda chegou a atacar... mas o boche tinha evacuado a primeira linha... fomos obrigados a recuar e sofremos algumas baixas.

Nessa memoravel madrugada o inimigo começou a bombardear a frente ocupada pelo batalhão de Infantaria 7!

Este bombardeamento contínuo e formidavel deixava prevêr um ataque terrivel da infantaria.

Com efeito, depois duma barragem infernal e mortifera, depois de pavorosamente reduzidas as trincheiras de Neuve-Chapelle^x ocupadas por aqueles soldados lusos, o boche saiu das suas linhas, o boche avançou ameaçador aos gritos horriveis de *Hoch! Hoch!* e caiu ferozmente sobre os valentes soldados de Infantaria 7, tão cançados e tão experimentados pelas agruras desta guerra de feras!...

O alfêres T...^x, uma criança de dezanove anos, estava á frente do pelotão que defendia o ponto atacado.

O boche atacou-o e envolveu-o!...

A luta foi horrível, foi de canibae e ferozmente encarniçada!

Um boche, um latagão, com a cruz de ferro caiu sobre a guarnição duma metralhadora Lewis, arrancou-a das mãos dos soldados, victorioso saltou o parapeito e fugia com aquele trofeu para as suas trincheiras!...

Mas o 2.^o sargento R... viu tudo... salta tambem o parapeito e cae terrível sobre o boche! Atira-lhe uma valente estocada, mata-o e arranca-lhe o que nos pertencia!...

Um capitão alemão salta sobre o 2.^o sargento e aperta-o pelas costas! Assim abraçados, debateram-se durante minutos até que o capitão cae redondamente, varado por uma bala certa atirada por um pequeno galucho portuguez.

Feitos destes se esboçaram naquela luta desigual, de maneira que a resistencia foi grandiosa de heroicidade e sublime sacrificio...

Ahi, queridos soldados da minha Patria, mostrastes de quanto sois capazes e evidenciastes bem alto que, quando vos saibam aproveitar, vós sois capazes de tocar e alcançar as raias do Impossivel!

Quem diria, soldados bemditos deste meu Portugal querido, que vós, cançados, extenuados e desprotegidos, haviéis de dar um tal exemplo de heroicidade épica ao vosso camarada «Tommy», que vos olhava altivo e com superioridade!

O vosso camarada kaki, bem vestido, bem alimentado, com rhum a todas as horas e whisky a todos os momentos, com tudo que necessitava, levado para as linhas em camions, com tres pares de meias para evitar o resfriamento dos pés, com amiudados repouso, com munições aos montes... não repeliram o boche e deixaram levar prisioneiros!...

E vós, soldados de Portugal?!...

Cobertos de lama, com um pão para... quatro, com um mísero fardamento para todos os serviços, enlameados exteriormente pela execranda lama das trincheiras e interiormente pela injustiça e despreocupação dos que estavam ao abrigo das intempéries e sofrimentos desta guerra única, atiraste-vos valentes e galhardos contra aqueles que vos queriam esmagar e massacrar! E vós vencestes, repelistes as hordas aguerridas da Saxonia, mandastes sete deles para os quartéis generaes inglezes que assim obtiveram as ambicionadas identificações, destroçastes as furiosas ondas de assalto dos fortes saxonicos, que deixaram as nossas linhas juncadas de cadaveres!

É certo que nos mataram alguns homens, mas não nos levaram ninguem!...

Quem tal diria?...

Como vós serieis o nosso orgulho, se não abusassem das vossas forças!...

Às sete horas, ao entrarmos na Winchester-trench, passavam, de olhos no chão, sete prisionei-

ros no meio de tropas portuguezas a caminho da Brigada.

Eles atestavam bem o valor do soldado lúso!

Licença de campanha

Havia cinco mezes que os portuguezes defendiam com responsabilidade o seu sector; havia cinco mezes que as tropas portuguezas sofriam os choques do teutão... e o sector estava intacto!

O estrangeiro teve ocasião de vêr quão grande era em sobriedade, coragem e resistencia, o valor do soldado portuguez.

Verdadeiramente o soldado portuguez tinha-se tornado digno do reconhecimento da Patria!

Valorosos heroes, saberá a vossa Patria avaliar o vosso sacrificio?... Saberá ter o devido orgulho pelas fulgurações gloriosas do vosso valor spartano?...

Oxalá que Portugal saiba reconhecer que muitos dos seus filhos morreram evocando o seu nome, soltaram o ultimo gemido numa derradeira convulsão de força, num ultimo arranco de acendrada energia por Ele, pela sua vida, pela sua gloria!...

Pelos meados de setembro partia para Portugal de licença de campanha.

Tomei na cidade de Bethune^x o comboio que me levaria a Pariz.[†]

A viagem foi deliciosa.

A cada momento se encontravam comboios militares. Que formidável quantidade de material ferroviário!

Parámos alguns momentos em St. Paul e Abeville.

Chegámos a Amiens, onde demorámos perto de duas horas.

Visitei a linda cidade com a sua catedral magnífica, que mais tarde o boche havia de esmagar num acêso de louca estupidês e brutalidade!

Continuámos a viagem.

Ao escurecer comecei a vêr as luzes da cidade eterna, da imorredoirá cidade de riso divino, da gloriosa capital da grande, da ingente, da heroica França!

Quando me aproximava da grande cidade, cuja portentosa descrição me encantára antecipadamente, procurei logo descobrir num aspecto rápido e instantâneo a realização das apregoadas maravilhas!...

Chegámos á gare du Nord.

Estava na metropole do mundo, estava no coração daquela França maravilhosa que, melindrada e no auge da indignação e da altivêz, tinha vibrado uma vergastada funda no rosto cinico da féra germanica que tentou esmagar a sua vitalidade, empunhando numa mão a adaga da traição e noutra a *Kultur* simbolisada numa canéca de cerveja!

Estava na heroína dos *gothas* e dos *taubes*, estava na sempre divina

Pariz!

Pariz era a risonha de sempre...

Ao deixar a estação fiquei pasmado ao vêr a vida, a garridice e a animação da capital da França sacrificada, onde já tinham baqueado milhões de homens e onde corriam caudaes de sangue, ao vêr o ar garoto daquela ninfa do Sêna!...

Tomei um taxi e mandei seguir para o hotel.

Havia perto dum ano que só estava habituado a viver na aridêz do *front*, por isso aquele movimento fantasmagorico de mil vehiculos iluminados, os jorros de luz dos cafés, restaurants e teatros cegavam-me e davam-me a ilusão dum sonho!... E era qualquer coisa de estonteante, de gracioso, de fazer enlouquecer... o vêr as filhas de Pariz com o seu rosto *mignon*, os saltinhos subtis, o sorriso galante, com todo o seu incomparavel encanto!...

No dia seguinte visitei os grandes armazens daquela cidade eterna!

Tudo ali é grande no sumptuoso, no bom gosto e no *chic*!

Foi com o sorriso á flôr dos labios que fui recebido pelo enxame feminino que sorri, saùda, rodopia, vae e vem naquela atmosfera de rescendencias *chics*, leves e subtis, numa serenidade incomparavel!

Emquanto fazia as minhas compras, uma voz cristalina perguntou-me qual a minha nacionalidade!...

«Tiens... Nous avions déjà entendu parler de ce petit allié...»

Fui depois aos «Invalidos» com os seus gloriosos trofeus, com o túmulo do egrégio cabo de guerra, Napoleão Bonaparte, com os trofeus das guerras d'outrora e da guerra feroz d'hoje!

Fui ao «Trocadero» com a sua magnificencia, á «Notre Dame» com a sua imponencia architectonica, ás «Tulherias» e «Versailles» com a sua beleza encantada, subi á «Grande-Roda» com o seu vórtice grandioso, ao «Louvre» com a sua sublime arte, á «Place de Vendôme» com as suas tradições, á «Opera» com o seu luxo fantastico, e vi a «Tour-Eifel», maravilhosa, o arco do «Triunfo» magestoso e grande, os boulevards aristocraticos e os bairros luxuosos daquela sublime Pariz!

Pariz! cidade eterna! cidade dos sonhos! cidade cosmopolita! cidade de grandeza! cidade, capital do mundo... Ao evocar-te, ao contemplar as aréstar rendilhadas dos teus monumentos, as torres de arte requintada dos teus templos, as chaminés fumegantes das tuas grandiosas fabricas, ao ver o teu sorriso encantador, oh Pariz imortal! ao ver as tuas ruas neste tempo de guerra, ao contemplar as tuas encantadoras e incomparaveis filhas a par dos teus «*poilus*», ao ver a tua filha, que te adorna e enfeita, de braço dado com os soldados que te defendem e que com os seus peitos te fizeram em torno muralhas de ferro contra o brutal teutão que te queria

profanar, eu considerei-te invencível, grande e eterna!
Saudei-te num gesto de suprêma admiração!

Nessa noite tomava o comboio no «Quai d'Orsay»
afim de continuar a viagem a caminho do abençoado
e saudoso rincão, a caminho deste querido Portugal,
que eu vinha de vêr tão glorificado!

No "Jardim da Europa,,

Na manhã do dia seguinte cheguei a Bordeus,
onde demorei poucos minutos; passei Bayonne,
Biarritz e cheguei a Hendaia pela tarde dum mara-
vilhoso dia estival! Segui horas depois para Irun,
onde mudei de vestuario por causa da *neutralidad*
de *nuestros hermanos*. Passei San Sebastian, demorei
alguns minutos em Medina e alcancei Salamanca.

Foi com santa comoção que avistei terras de
Portugal!

Cá encontrei este risonho paiz com os seus es-
pectaculos inéditos de impressão, o seu povo alegre
e fantasista e com os seus costumes brandos...

Foi por entre sorrisos e lágrimas d'alegria que
tornei a vêr os meus, e foi num enternecimento e
numa auroral emoção que eu tornei a vêr as minhas
recordações brancas e riosas, das quaes, lá longe,
tinha conservado uma saùdosissima lembrança. De-
vaneando em recordações dulcissimas e com o co-
ração envolvido de saùdades, eu entrei nesta minha

louçã terreola, por um maravilhoso crepúsculo de fins de estio.

E nos mesmos recantos amigos, por onde na minha juventude esvoaçaram os meus sonhos, eu contei as minhas alegrias e as minhas tristêsas, os meus entusiasmos e as minhas consternações nas longinquas terras da Flandres retalhada.

Brevemente deixaria este «Jardim da Europa» de dôces miragens e de belos sonhos.

Après la guerre... fini...

A licença decorreu como um sonho e depressa terminou.

Brève parti, brève voltei para a França.

Disse adeus a Portugal, atravessei a Hespanha e depois de passar um alégre dia em Pariz segui para a frente e desembarquei em Bethune.

Ao escurecer dum triste dia de outono da Flandres entrei na *ferme* de Huit-Maisons onde ainda se encontrava a minha Brigada.

Durante a minha ausencia poucos factos anormaes se passaram, a não ser um golpe de mão tentado pelo boche sobre o meu batalhão, num dia de cerrado nevoeiro! Porem os soldados de Portugal estavam atentos e o boche foi violentamente repellido com grandes perdas!

Fui recebido com certa frieza da parte dos donos da casa.

Era o caso que eu tinha prometido escrever e não o tinha feito.

«*Vous êtes revenu ici car votre Brigade est encore sur le front. Vous m'aviez déjà oublié...*» — dizia M.^{elle} Marie por entre soluços.

... Porém dias depois, não obstante a canção em voga:

*Après la guerre... finir...
Les portugais vont partir...*

dizia-me ela num olhar cheio de sonhos:

*Voilà ce que c'est que l'amour des portugais...
Ils n'aiment pas et ils veulent être aimés, ils mentent
et ils veulent être crus... mais le plus malheureux...
ils sont toujours les vainqueurs...*

Para "Les-Tourbières,,

A «Malta» das trincheiras, a grande sacrificada desta guerra única, tinha levado a efeito uma árdua e cruenta tarefa. Havia oito mezes que sofria com valor a horrível vida das trincheiras!... Tinha sido muito pesada a tarefa, por isso já devia estar fatigada e necessitava de repouso.

Assim pelos meados do mez de novembro começou a rendição da minha Brigada.

Iamos para Les-Tourbières,^x nas proximidades do Aire s/la Lys.^x

Que de lagrimas foi para aquella boa gente fran-
ceza o momento da nossa partida!...

Tive de prometer áquella excelente familia que
voltaria a vê-la.

Segui no comboio para a rectaguarda afim de
preparar os alojamentos no novo acantonamento.

Cheguei já tarde ao logar destinado; chovia tor-
rencialmente, o que transformava aquellas paragens
em enormes atoleiros.

Foi com dificuldade que preparei o acantona-
mento, porque os melhores logares estavam ocupados
pelo pessoal das oficinas do Comboio Automovel.

Aqui ficámos durante um mez, desconhecendo a
guerra, a não ser pelas visitas nocturnas dos aviões
boches, que alvoroçavam aquella população pacata.

Um dia eu e o capitão M. fomos fazer uma visita
a Erny St. Julien, que ficava proximo.

Vi M.^{elle} Armande que se mostrou muito sentida
por nunca mais lhe ter escrito... No entanto mos-
trei-me tão arrependido... que tudo esqueceu... e
as relações foram reatadas.

Mr. Cappe de Baillon ofereceu um opiparo jantar
aos officiaes da minha Brigada. O unico filho que
lhe restava, quando nós dali saímos, lá o encontrá-
mos nesse dia. Tinha vindo de vez para o seu lar,
tres vezes coberto de crêpes pela morte de seus ir-
mãos!

Sobre o seu peito de heroe ostentava a cruz de
guerra com palma e a legião d'honra!... mas ai, na

fornalha do Somme lá lhe tinha ficado o braço que lhe faltava!...

Emquanto estivemos naqueles logares, os portuguezes faziam ameadadas visitas á aldeia de Erny que tinha sido o nosso primeiro acantonamento, e que então se encontrava occupada por tropas inglezas.

Estes seculares aliados não gostavam absolutamente nada da entrada dos portuguezes nos seus acantonamentos... porque sabiam bem que essas visitas não tinham em vista fins tacticos...

Coitados!... Eram muito ciumentos estes filhos da nobre Inglaterra!...

A parada em Marthes

O historico dia de primeiro de dezembro foi festejado por uma grandiosa parada de toda a minha Brigada, a que se juntou uma companhia de sapadores mineiros, um grupo de metralhadoras e uma companhia de ciclistas.

Nessa manhã alguém falou aos homens da minha unidade relembrando-lhes aquella data tão santa para a historia de Portugal!

Foi sob o céu plumbeo e triste da Flandres que saudou os meus queridos irmãos d'armas.

Num grito entusiastico lembrou-lhes as glorias do passado, e mostrou-lhes num arrebatamento patriotico o horizonte ensanguentado onde os nossos

irmãos amassaram em sangue bemdito os alicerces duma nova era.

Foi num sonho que lhes evocou o Portugal tão lindo, os seus placidos lares, a sua pureza, a sua poesia!

Mostrou-lhes que Ele merecia o nosso sacrificio, e que para garantir a sua vida era preciso oferecer, num holocausto sublime, o nosso viril ardôr, a nossa mocidade, e sintetisar no seu engrandecimento todas as nossas santas aspirações . . .

E enquanto assim lhes falava, o canhão ao longe troava potente e ameaçador, gritando ao mundo que a Força quando enlaçada com o Direito tudo vence, tudo esmaga e reduz a Nada aquela Força de braço dado com a Ambição, com o Egoismo, com o Insa-ciavel!

Tambem havia pouco mais de dois seculos a Patria, berço daqueles soldados que escutavam, tinha quebrado as algemas da escravidão colocadas pelo formidavel leão de Castela.

Essa Patria estava vilipendiada e enfraquecida, mas os seus labios resequidos podiam ainda murmurar:
Razão! . . .

A sua mão descarnada podia ainda levantar e erguer alto o facho luminoso e sacrosanto do Direito! . . . Ela salvou-se! . . . Ela libertou-se! . . .

E passado esse tempo as garras da Usurpação crispavam-se sinistras outra vez sobre o corpo de Portugal! Os seus filhos lá foram degladiar-se para

vencer ou morrer! Deus dirá se a Justiça ainda existe sobre a Terra!...

A parada foi magestosa e imponente!

Não obstante a néve que nos fustigava e o vento glacial que nos açoutava, os soldados apresentaram-se galhardos e garbosos!

Foi com enorme dificuldade que segurei a bandeira verde-rubra desfraldada e batida por aquele forte vento de inverno.

Compareceram naquela parada muitos generaes e officiaes inglezes.

Aproveitaram aquella revista imponente para constelar com a cruz de guerra o peito dos heroes.

Com santo orgulho vi colocar, perante o estrangeiro, a medalha da heroicidade na farda cinzenta daqueles dignos filhos de Portugal!

Condecoraram muitos officiaes e soldados obscuros, bafejados pela heroicidade dos fortes que, pelas suas acções de dedicação heroica se tinham tornado crédores do reconhecimento de Portugal!

Bemditos sejaes, defensores da Patria lusa, pois vós mostrastes que ainda é forte a seiva da nossa raça!

E perante o pavilhão onde se encontrava o simbolo de Portugal, perante representantes da grande e orgulhosa Inglaterra, passaram e desfilaram altivos aqueles cinco mil portuguezes que, havia dias, tinham largado as trincheiras, onde durante mezes consecutivos tinham batido, esmagado e fustigado os fortes filhos da belica Germania!

Aquele punhado de valentes atestavam o rejuvenescimento duma Patria que todo o mundo tinha esquecido.

Naquele recanto da Flandres, naquele dia glorioso, o nome de Portugal ecoou fremente no peito daqueles bravos!

Portugal! Portugal! Quaes seriam os teus destinos?!...

O canhão ao longe falava, mas a sua voz vinha ainda envolvida em mistério!...

O canhão da Justiça ecoava forte, mas as fauces do *outro*, do injusto e do despotico ainda ululavam, ainda fremiam raivosos nos arrancos desesperados duma maldição eterna!

Quando seriam reduzidos a silencio?

Misterio!...

Mas aqueles homens que marchavam, lado a lado, com os filhos daquela terra que o sacrificio sublimisára, daquela França imperecivel e imortal, com os filhos do forte Reino Unido, da grande e potente America e da sacrificada Belgica, di-lo-hiam pelas pontas das bayonetas e pelas bocas dos canhões!

De novo...

Pelos fins de dezembro deixamos Les-Tourbières.

Despedi-me dos habitantes do velho *chateau*, marido e mulhér, zeladores dos seus bens e interesseiros

como dois bons francezes, e uma filha, rapariga esguia, com um ar anémico e crestado.

Era boa gente, coitada...

Todas as manhãs, ao passar no parque do *chateau*, chamavam-me para me offerecerem um café ou para apresentarem uma queixa ou uma reclamação contra os meus homens!

Ou era o 35, o cosinheiro com todo o seu ar bisonho, que lhes tinha tirado uma pá de carvão... ou um soldado que tinha feito mão baixa a um feixe de lenha ou a uma ninharia semelhante!

Por tudo, pela menor coisa eles apresentavam as suas reclamações.

Um dia o velhote teve o desplante de me dizer que queria reclamar porque o cosinheiro era muito mal educado... pois tinha feito uma declaração d'amor a sua filha!...

Esta só pelo diabo!...

O 35 a fazer uma declaração em francez!... Era o cúmulo!...

«Alem disso dizem-me que ele é casado...» — acrescentou o interessante velhote.

Fiz esforços inauditos para não perder a linha e não desatar ás gargalhadas ao ouvir aqueles disparates.

Pouco depois investigando quaes os termos em que tinha sido feita a declaração, averigui que ela tinha sido dita desta excentrica maneira:

Moi gustar vocú de vú, après la guerra made-moaséla partir comigo para Portugal... Compris?...

Non compris... — foi a resposta.

Nas vespéras da consoada parti para a frente afim de preparar o acantonamento.

Não obstante tudo, os habitantes do véelho *chateau*, quando nós partimos, disseram-nos muito tristemente:

«*Nous garderons un bon souvenir de vous.*»

Tomei o comboio no Aire. O frio retalhava as carnes. Atravez das vidraças do *wagon* eu via a tristeza, a solidão e a desolação daqueles campos cobertos de néve.

Que lancinante saüdade ao lembrar-me daquelle torrão tão lindo e tão distante onde agora se festejava o Natal por entre risos, tradições... repiques alégres de sinos... cantos suaves...

No quartel general mandaram-me preparar acantonamento para a minha unidade em Bas-Hamel. Este acantonamento era a primeira *étape* da marcha para a frente.

Foi uma tragédia, pois Bas-Hamel era uma aldeia de 300 habitantes, e alem da minha unidade era preciso alojar mais um batalhão!

Felizmente encontrei-me com o bom amigo e excelente camarada Henri Mercuel, alféres do Exército Francez, que me coadjuvou naquelle serviço.

Aquelle official francez tinha ganho os galões, que ostentava, combatendo no forte de Vaux sob as ordens do bravo capitão Dinant, que repeliu treze furiosos ataques boches, o que obstou a que a imor-

redoirá Verdun caísse, desimpedindo na sua quédia o caminho de Pariz!

No dia seguinte partia a apresentar-me na 1.^a Divisão em Lestrem.

Aqui não me sabiam dizer qual o acantonamento a ocupar pela minha Brigada antes de ocupar o sector que agora lhe era destinado! Disseram-me que isso era com o Corpo donde acabava de chegar!

Esperei até bastante tarde que fosse feita a ligação telefonica para o Corpo e este dissésse qual o acantonamento que se devia preparar para as tropas que vinham em marcha, fustigadas pela néve daquele rigoroso inverno... E ao mesmo tempo ia pensando na «nossa desorganisação tão bem organizada», como diziam os inglezes.

Por fim lá veio a indicação de que nós iamós para Paradis.

Como os alojamentos nesta povoação estivessem quasi todos ocupados por tropas doutras unidades e como tivesse voltado á Divisão comunicar esse facto, alguém me respondeu:

«Se não teem logar, bivaquem!...»

É preciso notar que tudo estava coberto de néve, que estavamos no mez de dezembro, no norte da França, na Flandres!

Conforme púde acantonámos amontoando os homens por aqueles desabrigados palheiros.

Eu alojei-me em casa de dois pobres velhinhos

que passavam o seu tempo chorando e rezando pelas almas dos filhos mortos.

Sempre a guerra com o seu sudario de lagrimas, dôres e lutos.

Nesta ocasião é que vi o verdadeiro «*Christmas*». Tudo gelado, as arvores cobertas de geada, longos caramélos suspensos dos telhados, tudo tocado pela gélida mão do rigoroso inverno.

Pérto o canhão troava lúgubrememente.

Dois dias depois seguíamos para o sector de «*Ferme du Bois*». Era a segunda fase do sacrificio da minha Brigada.

E Portugal?!...

Lá continuava seguindo o seu maldito fadario.

Mergulhado em paixões politicas que o envenenam, lá continuava dando ao mundo o aspecto dum dementado!

Oxalá que o nosso sacrificio não seja em vão, pelo pouco juizo dos que lá ficaram!...

Le-Touret

O comando da Brigada ficava situado em Cense-du-Raux, numa *ferme* onde vivia uma mulher já edosa, rabujenta como uma mégera.

Dizia-se que ela era uma espia, procurando desta maneira explicar o estar ainda intacta aquela *ferme* no meio daqueles montes de entulho, daquelas terras onde se reconhecia a vida d'outr'ora pelas pare-

des nuas e enegrecidas, pelos esqueletos de casas, pelos restos dos jardins, hoje transformados em cemiterios!

Esta *ferme* era a ultima casa habitada na «Rue du Bois» e ficava proxima de Le-Touret e a dois passos de Lacouture, completamente arrazada e desfeita.

Nesta *ferme* ficou alojado todo o pessoal.

Para mim mandei armar uma barraca, que tinha encontrado abandonada e desfeita nas proximidades, na *pâture* da *ferme*, em frente duma outra onde ficou alojado o capitão Storey, oficial inglez adido á Brigada como oficial de legação.

Quando chegámos a estas paragens a néve caia... sempre com uma persistencia cruel, com uma monotonia enervante, envolvendo aquelas regiões num lençol muito branco, muito gélido, numa pura mortalha.

E ali em frente estavam regelados, sob a chuva e a néve, sob o açoite da ventania que passa, sob o olhar de Deus... os filhos de Portugal, onde tinham vivido com tanto conchêgo, tanto agazalho e tanto carinho!

E a semana do Natal decorria abrutamente, cheia de gritos, de pavôr e de gemidos de saúde!

O nosso conchêgo, as nossas esperanças, o doce acalentar de recordações dulcissimas desapareciam sob aquella névoa fria, que nos envolvia, nos regelava e nos entristecia...

A minha barraca mandei-a forrar de lona. Com quatro panos e um bocado de serapilheira arranjou-se um leito, com um caixote do *corned-beef* arranjou-se uma mēza e dum balde do oleo dos camions fêz-se um fogão, e assim eu guarneci aquela pitoresca vivenda.

Ali vivi perto de dois mezes, naquela casa de frageis paredes, que deixavam atravessar o orvalho chorando saùdades...

Os jardins e as flores tinham fugido daquelas paragens e os risos de mulher não existiam...

Em torno daquela fragil habitação tinha mandado pôr, até meia altura, um muro de sacos de terra para me proteger um pouco da estilhaçada e dos *moscardos* que por ali costumavam levantar vôo!...

Nas noites asperas e tempestuosas, quando o ulular da ventania fazia cõro com o troar formidavel do canhão tinha a impressão que tudo aquilo ia voar feito em pedaços!

Tinha duas pequenas janelas de papel téla voltadas para o *front*, e durante a noite, de quando em quando, o interior era iluminado pelas lagrimas de luz que se elevavam das trincheiras.

Em frente, noutra barraca, vivia o capitão, o excelente amigo Storey.*

Logo de manhã, ao abrir a porta da minha humilde habitação, ele lá estava, no meio da relva, a rapar e a escanhoar a sua face avermelhada, olhando um espelhosito suspenso duma arvore.

Good morning — dizia-me ele num franco sorriso, a cara cheia de sabão, as mangas arregaçadas, a chapinhar na néve.

«Os boches muito bombardear esta noite, muito barulho, não poder dormir» — dizia-me ele, levantando os queixos para escanhoar mais um pouco e cortar uns minúsculos pêlos que iam escapando á Gillette.

Depois punha a mascara e o capacete e lá ia para o «Trocadero» assistir ao fogo da nossa artilharia, e vêr com contentamento o boche fugir espavorido açoitado pelas nossas granadas certeiras do fogo do programa.

Tinha aprendido o pouco portuguez, que sabia, numa universidade londrina e por isso nada conhecia de Portugal.

Na sua barraca tinha um gramofone que me divertia nas horas vagas... mas só tinha discos com musicas inglezas cuja repetição já me ia aborrecendo.

Um dia tendo ido a Estaires e tendo-me pedido para lhe comprar discos portuguezes, trouxe-lhe o «Olha o pucarinho», «A vassourinha», «Os serranos» e diferentes fados...

Ficou doido de contente!

E, enquanto a artilharia troava, as granadas explodiam em torno e as metralhadoras crepitavam sinistramente, da minha barraca eu ouvia a voz do capitão Storey acompanhando alegremente o «Se fores

á fonte leva o pucarinho» . . . ou o «oh varre, varre, vassourinha varre» . . .

O sector de Ferme du Bois

A «rue du Bois» era a estrada que de Bethune conduzia a Le-Touret, passando por Essars.

De Le-Touret por diante esta estrada perdia a beleza e o pitoresco que a caracterisava.

As arvores que a ladeavam estavam esfaceladas e os seus troncos dilacerados e partidos eram verdadeiras imagens de dôr.

E quando as noites se vestiam de luar, aquelas arvores martirisadas, com os seus braços mutilados, eram semelhantes a fantasmas que em esgares e gestos tetricos clamavam vingança!

Por ali fez-se a solidão e os campos tornaram-se descampados.

Tomando uma vez pela «rue du Bois» em direcção á frente, antes de chegar ao King's Cross, notei que duma casinha pobre e miseravel, já meia arruinada pela artilharia, saia uma pequena nuvem de fumo esbranquiçado.

Perto havia, devidamente disfarçada, uma posição de artilharia.

Para lá me dirigi.

Perto dali a artilharia boche procurava atingir o deposito de engenharia existente á beira da estrada.

Ladeei a casa e por uma janéla sem vidros olhei para dentro . . .

Um velho e uma velha aqueciam-se em torno dum pobre fogão.

Eles olharam e eu saüdei-os.

Como achava muito curiosa a permanencia da-quele par em semelhantes paragens, tentei travar relações com eles.

Il fait trôp froid — disse-lhes eu.

Ah... Oui Mr.!... Entrez.

Entrei.

A casa não tinha interiormente o aspecto desolado e miseravel do exterior.

Mostrei-lhes a minha surpresa por encontra-los naquele sitio, quasi á entrada das trincheiras! . . .

— O lugar era perigosissimo e qualquer dia tudo iria pelos ares . . .

Como vi que eram pobres, dei-lhes uma nota de cinco francos, que eles agradeceram comovidos e quasi chorando.

Então a velhinha num olhar velado e cheio de tristeza disse-me:

«Se este lugar é perigoso! . . . Ainda hontem por estas horas, estavamos aqui sentados, uma granada caiu em cheio naquele palheiro; um estilhaço passou a um palmo de nós e foi cravar-se ali . . .»

Dizendo-me isto a vélha mostrava-me num armario um pedaço enorme de ferro muito enterrado

na madeira, e atravez da janela via-se um pardieiro desfeito e arruinado onde a granada tinha caído!

A velha continuou:

«Este ano tínhamos ali semeado algum trigo, que o meu marido lançou á terra com os seus braços enfraquecidos e que regou com o suor da sua fronte encanecida... mas as granadas boches revolveram o campo... e este ano nada colheremos...»

A velha dizia-me isto num ar de resignada sem constrangimento.

Tentando incutir-lhe coragem, ela disse-me num sorriso amargo:

«As esperanças para nós já morreram!... Nós eramos muito felizes antes da guerra. Tínhamos dois filhos que eram o nosso braço, a nossa vida e o nosso amparo» -- e ao dizer isto apontava os retratos de dois soldados francezes, suspensos na parede — «aquele mataram-o em Verdun^x em 1916, este desapareceu no Somme^x ha mezes...»

E a velha chorava e soluçava numa grande manifestação de dôr.

Um silencio se seguiu a esta expressão de sofrimento...

O velho atçou a chama do fogareiro, enquanto as lagrimas rolavam pelas suas faces engelhadas, já que não podia atçar a chama dos affectos dos seus filhos que a guerra insaciavel lhe tinha devorado!

Não tentei anima-los... A sua dôr era profunda, por isso a respeitei.

Sai triste e acabrunhado, e durante muito tempo marchei como que sonhando, meditando naquele triste quadro, naquele alquebrado par que passava o seu tempo evocando as almas dos seus filhos mortos!

E ao pensar na solidão daqueles dois entes, eu senti regelar a minha alma, ao lembrar-me daqueles espiritos despidos e nús de affectos, senti confranger-se-me o coração...

Mas junto daquele logar o canhão ribombava, os homens, em paroxismos de loucura e raiva, matavam-se e desfaziam-se... E o peor, ai... era que o mais sanguinario era o heroe! o que mais matava era o salvador da humanidade! e o que mais ingente era na carnificina, era olhado com respeito e aclamado pelo mundo inteiro!...

Era a guerra! Era a carnificina! Era o homicidio legalizado!

No lado direito da estrada estendia-se um cemiterio onde dormiam o sono eterno, floridas primavéras, que a guerra tinha assombrado.

E ali, naquele campo de batalha havia os covaes dos heroes consagrados, lado a lado com os covaes anonimos!

E em torno, naquelas extensas planicies tudo era aniquilação e ruina: — só restos de aldeias, de logarejos, troncos d'arvores esgalhados, com muitas feridas!...

Depois encontrava-se a entrada da rêde de trincheiras, onde havia sangue, dôres e sofrimentos, onde

se ouviam os gritos d'angústia misturados com os gritos de triunfo e victoria, onde os homens na primavera da vida se lançavam de encontro á morte com o sorriso na face!

A «rue du Bois» cavada aqui e acolá por covas fundas abertas pelas granadas era, a partir dum certo ponto, perigosa, pois que simplesmente uma «*camouflage*» a encobria das vistas do inimigo.

Ela dava ingréssos á rêde de entrincheiramentos que tinham os nomes de Cock'spur, Cinder Track, Juntion-Street, Copse, Lansdowne, etc.

Lá havia os postos de observação, «Trocadero», «Minho», «Factory», etc. para vigiar o inimigo. Donde aonde encontravam-se «camouflados», as armas mais temidas pelos habitantes da trincheira, os morteiros.

As metralhadoras, protegidas nos seus abrigos, lá estavam preparadas para receber devidamente o inimigo boche.

A «rue du Bois» passava á direita, um pouco desviada, da destruída e mutilada aldeia de Richebourg St. Vaast, onde eu um dia acompanhei M.^{me} Deschildre, a fim de procurar os réstos da sua casa.

Só montes de entulho, muros fendidos, negros de fumo, tudo arruinado!

A boa mulher chorou sobre as ruínas daquela casa onde tinha nascido.

Mostrou-me num soluço o pomar e o jardim que

deviam ter sido encantadores. O portão de ferro encontrava-se por terra e cheio de buracos.

Por entre as plantas daninhas ainda despontavam umas enfésadas rosas. As arvores esfaceladas jaziam por terra sobre as covas abertas pelas granadas.

A pobre velha foi depois visitar o cemiterio afim de ver o tumulo dos seus parentes falecidos.

As cruzes e os mausoleus encontravam-se estilhaçados, as corôas desfeitas e por terra, algumas lousas desviadas dos seus logares pelas explosões das granadas destruidoras!

E donde aonde, num supremo esforço de Vida, assomava um ramo de lilaz ou um lirio com a côr do Sofrimento, da Desolação e da Dôr!...

Æ despedida do ano de 1917

Um novo ano ia começar.

Quizémos dar um tom côr de rosa áquele triste Natal que decorria por entre lagrimas e luto. Embora envolvidos por uma atmosfera de saüdade, quizémos enganar os nossos corações enchendo-os de regosijos ilusorios.

Aquele novo ano ia despontar por uma madrugada de ceu plumbeo e de saüdade, e não por essas madrugadas santas, por essas auroras carinhosas cheias de repicares de sinos a convidar os bons e os justos para a missa d'Alva, por essas auroras côr de

rosa, perfumadas de rosmaninho e alfazêma, do lindo Portugal.

Organisámos uma pequena festa que consistia numa simples ceia que seria servida á meia noite do dia 31 de dezembro.

Sentámo-nos á meza.

Sabiamos bem que era a saüdade que serviria aquela ceia que recordava coisas tão meigas na nossa vida . . .

Devia ter sido no momento em que o 1917 dava o ultimo passo para o Alem, em que ele aconchegava pela ultima vez o manto sangrento em que ia embrulhado, no momento em que os relogios marcavam o fim de mais um ano imerso no infinito dos tempos, que se ouviu um tremendo, horrivel e colossal trovão!

Estremecemos . . .

Ouviu-se outra vez o mesmo infernal ruido, mas agora mais espaçado.

De subito sentiu-se uma explosão mais proxima e ouvimos a nuvem de estilhaços passar uivando!

Era um medonho bombardeamento alemão!

Os canhões hiantes e sanguinarios da desesperada Alemanha festejavam desta maneira a entrada do novo ano!

Levantámo-nos e saimos.

Granadas de todas as especies e calibres caiam em torno!

As posições da artilharia portugueza estavam a ser bombardeadas com granadas incendiarias.

O bombardeamento tornava-se mais colossal e os trovões aumentavam de fragor.

Da linha portugueza elevavam-se já os *very-lights* de S. O. S.

Tudo ardia em chamas.

Da linha boche lançavam sinaes luminosos!

As sinetas e as buzinas de gaz-alarme advertiram-nos que a atmosfera estava envenenada pelos gazes das granadas.

Puzemos as máscaras.

Com o ruido surdo das granadas de gaz misturava-se o crepitar dos *shrapnells* e o ribombar formidavel das granadas de grosso calibre!

Mas eis que de súbito, num impeto, uma rajada do nosso lado partiu!...

Eram os artilheiros da minha Patria que, altivos e fortes, respondiam com valor e audácia ao orgulhoso teutão.

E a artilharia portugueza palpitava! arfava! ribombava na sua grande energia, na sua grande alma!

Na justiceira vehemencia da sua fúria era grandiosa e épica!

O bombardeamento durou até perto das trez horas.

O boche era devidamente esperado... mas ele limitou-se a incomodar-nos com a artilharia.

Contrabateram e responderam os artilheiros de Portugal não obstante as granadas que choviam em torno. A muitos deles a morte recebeu nos seus braços naquela noite de ano Bom!...

Era quasi madrugada quando voltámos á ceia de despedida do ano velho, que mesmo ao terminar se banhó em sangue!

A livraria Guyquières

Em todas as cidades proximas do *front* os portuguezes encontravam, nas horas de descanso desta guerra unica, divertimentos e meios de esparecerem e de se esquecerem das horas dificeis e dos momentos de supremo martirio desta guerra de feras.

Em todas estas cidades os portuguezes encontravam bons amigos e eram familiarmente acolhidos por aquele bom povo.

Pela dedicação, amizade e desinteresse para com os portuguezes, impõe-se a gente da livraria Guyquières em Estaires.

Para escolher meia duzia de postaes o portuguezinho dizia mil loucuras ás M.^{lles} Theréze e Suzanne... e elas, depois de tudo terem ouvido, diziam-lhe num sorriso: *Non me faje conta...*

Para escolher um disco passavam pelo fonografo todas as musicas que Mr. Guyquières tinha no estabelecimento, e quando um mais correcto pedia desculpa pela demora, acorriam pressurosas e diziam: *Non faje mal.*

E quando um soldado boçal apparecia para comprar qualquer coisa, fazia-lhes desarranjar tudo no

estabelecimento, simplesmente, ás vezes acontecia, para comprar uma folha de papel!... elas estavam sempre risonhas e amaveis, e era ver a graça com que elas diziam o preço aos soldados: *Um franc e doijs vinténs*...

Toda esta gente desapareceu, foi arrebatada pela grande tragédia do dia 9 de abril!

Que será feito de toda esta desgraçada gente!...

Só sei que Estaires foi ainda o teatro do grande drama daquele dia memoravel!

Dias depois da grande hecatombe, em que gloriosamente pereceu uma divisão de Portugal, indo eu em marcha em direcção á frente, afim de me apresentar numa unidade ingleza, á qual a minha Brigada ia adir, parei por momentos em Ligny-les-Aire.

Encontrava-se aqui um grande numero de refugiados da região recentemente invadida.

Tendo entrado por acaso num *restaurant*, alguém tentou amesquinhar a nossa acção naquele tragico dia... Então uma pobre mulher, que a um canto estava muito encolhida, levantou-se, com o olhar incendiado por uma grande indignação, e bradou: *Je viens de la bas, de la fournaise, et j'ai vu battre les portugais sur les rues d'Estaires. Ils se sont bien battu, mes amis.*

Aquela defensora dos portuguezes era uma antiga proprietaria duma grande sapataria de Estaires.

Aquela boa amiga ainda acrescentou — que as ruas de Estaires estavam cheias de cadaveres portugue-

zes, e depois, comovida, mostrando o vestido salpicado de sangue, disse: *Voilà leur sang!*...

Que seria feito daquela pobre gente?...

Noites de invérno nas trincheiras da Flandres

Meus queridos irmãos d'armas quanto tendes sofrido!...

Que dôres infinitas vos têm martirisado!...

Levantae perante a humanidade inteira a vossa frente honrada porque vós sofrêstes imenso pelo seu amor!

Dizei bem alto ao Portugal, estrangulado e corrompido pelo marasmo de ideias e sentimentos, que vós sofrestes levados por um ideal de grandeza, por um ideal superior gerado no dever, pelo ideal supremo da Patria!

Dizei-lhe que nessa luta de gigantes, nesse extermínio colossal, vós tomastes parte!

Dizei-lhe que vós conhecestes de perto o calvario das terras distantes das Flandres, que vós afirmastes a Vida duma nacionalidade, afim de vêr se fazeis renascer no coração dessa Patria o entusiasmo doutr'ora, para ver se transformais os odios e os rancores em sentimentos fraternaes, os campos das lutas mesquinhas e baixas em jardins de flores e enriquecidos de frutos criadores...

Noites de invérno!... Horror... Horror... O inverno inclemente cobriu, com a sua mão gelada, com

uma branca mortalha aqueles campos da Dôr e da Morte!

E os filhos de Portugal lá estão mergulhados em néve e lama, atentos... olhando... espreitando o inimigo... Lá estão, gelados, com os dedos crispados com o frio, talvez, ai, sem força para disparar um tiro!...

Noites luarentas de janeiro... tudo coberto de néve!...

Meus irmãos d'armas da primeira linha tendes os corações sarjados de saúdades e as pupilas a chamejarem nas suprêmas angustias do vosso isolamento, das imagens queridas do vosso lar distante...

Vae avançada a noite... sobre o niveo manto levantam-se de quando as lagrimas de luz, os *very-lights*...

A noite decorre silenciosa e tétrica!

Na nossa frente passam vultos fantasticos... São as patrulhas que andam lá fóra, farejando... perscrutando...

Uma metralhadora martela macabra e sinistramente, fazendo côro com o agudo sibilar duma granada que lá vae certa...

Assopram-se os dêdos... sussurra-se... acende-se um cigarro... Substituem-se as sentinelas regeladas...

Descança-se um segundo e nesse instante o pensamento foge, corre veloz a acariciar a noiva ou a esposa querida ou o filhinho adorado! Saúdade!



Saùdade! ali tinhas o travo amargo das dôres cruciantes, eras cruel e dolorosa. Quanto sofrimento! quanta dôr! quanto martirio!

Oxalá que dessa obra de Dôr germinem frutos bemitos de Grandeza e Bemaventurança!

Vieille-Chapelle — Terra martyr

Conservámo-nos no sector de «Ferme du Bois» até fins de fevereiro.

Foi com acendrado valor e energia que as tropas da minha Brigada defenderam aquelle sector durante o agitadissimo mez de fevereiro.

Pairavam nos ares os preludios dum drama tragicamente medonho!

Era a tragedia de 9 de abril que se aproximava.

O boche bombardeava já com certa actividade as zonas da rectaguarda!

Neste mez de março que ia começar, tão cheio de lagrimas e luto, havia de o C. E. P. ter, somente na primeira semana, tantas baixas como durante todo o tempo que ele ocupava as trincheiras da Flandres!

Dias antes de sairmos do sector bombardearam-nos já a Brigada, tendo simplesmente uma das granadas produzido estragos, por ter caido no parque ao lado, onde nos matou algumas cabeças de gado.

Em fins de fevereiro saimos do sector e fomos descançar para Vieille-Chapelle, onde a minha Brigada ficou como reserva da Divisão.

O comando da Brigada ficou instalado na «Maison Blanche», uma casa muito branquinha, que ficava situada á beira da estrada que de Vieille-Chapelle conduzia a Laconture, onde vivia a familia Devaux.

Esta familia era formada de marido, esposa e duas filhas.

Mr. Devaux era duma grande corpulencia, cabelo e barba dum louro rubro. Era o mais rico comerciante de vinhos dos arredores.

M.^{me} Devaux era uma respeitavel senhora, muito amavel, muito acolhedora.

M.^{elles} Olga e Marie eram duas raparigas encantadoras, duas graciosas lourinhas, lindas, vaporosas e subtis...

Quando fiz a apresentação pela primeira vez naquela casa comecei por lhes dizer, a fim de lhes captar a simpatia que — devia ser muito doloroso e aborrecido para elas o mudar mais uma vez de tropas, mas que tivessem paciencia... um dia havia de acabar aquele martirio.

— No entanto, continuei eu, faria todo o possivel para que os meus soldados se portassem duma maneira correcta e irrepreensivel.

Alem disso os meus soldados jamais tinham partido duma localidade sem deixarem saúdades e lagrimas. Esperava que ali acontecesse o mesmo.

Impressionados com estas atenções deram-me todas as facilidades para preparar o acantonamento.

Como todos estes bolêtos não chegassem, e como eu desejava ficar aboletado na «Maison-Blanche», mandei colocar uma máca num quarto regular que estava vazio, ficando os outros dois quartos, que possuía aquela casa, ocupados por outros dois officiaes.

A minha pitorêscia vivenda que possuía na *pâtur*e de M.^{me} Depoers, quando dias depois por ali passei, encontrei-a desmantelada e desfeita.

Os soldados tinham-lhe aproveitado a madeira para se aquecerem!

Agora, naquela sorridente terra, quando a primavera começava a despontar, parecia que iamoz gozar um delicioso e aprazível descanso...

A valente e sacrificada «malta» lá foi tambem repousar e refazer as suas forças exauridas nos acantonamentos próximos. Por quanto tempo?...

A trágica semana

No bravo capitão Gonzaga

Os dois primeiros dias passaram-se admiravelmente.

A conyite passava pequenas *soirées* com aquella boa familia.

Falavamos de mil coisas.

Tive ocasião de vêr que M.^{elle} Olga era verdadeiramente gentil.

A sua graciosa cabecita emoldurada duma cabe-

leira dourada, os seus olhos claros, o seu talhe airoso formavam um conjunto encantador.

Dizia-lhe coisas vagas... olhando os seus lindos olhos que prometiam e adivinhavam sonhos loucos e estonteantes...

Ao escrever estas memórias, estes pedaços de recordações desses tempos agitadíssimos da Flandres, ao evocar os momentos maus e os momentos de ventura da grande tragédia, ha já mezes que larguei daqueles logares, que foram teatro de medonhos e terríveis dramas.

Hoje que tudo recordo e que tudo procuro alinhar, ao fazer passar pela minha imaginação as recordações desse passado, e as lembranças dessas horas supremas em que se viviam vidas inteiras... tropeço ás vezes em dôces evocações... um perfil de mulher, quasi desfeito, quasi apagado, perpassa ligeiro e eu fico extasiado relembrando sonhos lindos... sonhos loucos... que iluminavam de quando em quando a aridês daquela vida brutal e feroz...

Agora, que recordo a grande hecatombe do mez de março, lembro-me com doçura daquela meiga rapariga de cabelos fulvos...

Como já disse, os ares estavam turvos, e dum momento para o outro esperava-se um grande ataque boche.

No dia 5 de março o meu comandante e eu fomos á Divisão onde os receios do esperado ataque eram enormes!

Fomos dali aos batalhões para dar instruções, e combinou-se que naquela noite se lançaria um foguetão do local da Brigada, que seria o sinal e o aviso para o avanço dos batalhões.

Quando voltei para Vieille-Chapelle* encontrei a família Devaux muito aflita e abatida, pois tinham ouvido dizer que os boches atacariam no dia 10 de março, com grandes forças, o sector portuguez.

Tentei anima-las dizendo-lhes que os seus receios não tinham fundamento.

A horas marcadas lançou-se o foguetão, como experiencia, para ver se era observado pelos quatro batalhões. Minutos depois o boche acusava nas suas linhas sinais luminosos.

Nesse dia soubémos que o batalhão de Infantaria n.º 21 faria um *raid* aos alemães.

Com efeito, de madrugada um bombardeamento colossal indicava-nos que os portuguezes atacavam com força.

Foi assim que os heroicos portuguezes responderam ás ameaças teutonicas.

Quando só se notava o receio e o mêdo, e só se falava num formidavel ataque da parte do inimigo, eis que os portuguezes valentemente entram nas cavernas desse temido teutão, humilhando-o, trucidando-o, vencendo-o!

O boche respondeu desesperado ao nosso fogo, mas improficuamente, pois os portuguezes tinham resolvido sair vencedores daquela grandiosa taréfa.

Atravez da «Terra de Ninguem», transformada num mar de fogo pelo rebentamento de milhares de granadas, os portuguezes romperam num impeto! numa alucinação sublime! em arrancos de heroicidade!

E depois, uma santa cólera, num justo sentimento de vingança dos seus irmãos d'armas que já dormiam o seu sono eterno naqueles cemiterios imensos e solitarios, desvairados por um santo amor de Patria, caiem ferozes sobre as trincheiras ocupadas pelos filhos da Germania, eriçadas de ponteagudas bayonetas, caiem sobre aqueles soldados que ha dias faziam vitoriosamente offensivas em quasi todas as frentes; Amiens^x esteve prestes a cair, Bapaume^x e Péronne^x estavam perdidas, matando-os, acutilando-os e tirando-lhes a força moral!

Os bravos portuguezes fizeram nesse dia sete prisioneiros e tomaram duas metralhadoras, destruíram uma Decauville, onde se encontravam muitos boches a trabalhar, e lançaram pelos ares dois abrigos em *beton* cheios de officiaes alemães que não se quizeram render!

Tinha sido uma grande e bela victoria esta que os portuguezes acabavam de alcançar!

Ás 6 horas chegava ao posto de socorros uma auto-ambulancia conduzindo os feridos daquela grande refréga. O valente alféres G. chegava agonisante! Tinha o corpo coberto de grandes ferimentos!

Alem deste ferido vinha tambem, em estado melindroso, um boche.

Aquele heroico alféres encontrava-se em instrucção numa escola á rectaguarda, e logo que soube que o seu batalhão entrava num *raid*, ofereceu-se para o acompanhar!

Quando minutos depois pedi para o ver, responderam-me que não valia a pena, pois não conhecia ninguem e poucas horas duraria!...

— Ha dias encontrei-o muito bem disposto, ostentando a sua cruz de guerra, tão bem ganha e merecida, e com os seus galões de capitão! —

Porém o boche começou a contrabater a nossa artilharia, duma maneira furiosa!

Recebemos ordem de avançar sobre Lacouture^x e dois batalhões foram ocupar a Village-Line.^x

O boche batia todas aquelas estradas!

— Ás janelas a familia Devaux olhava, com o terror estampado no rôsto, o *front* ardendo em chamas.

Ao passar, elas muito aflitas perguntaram-me o que havia:

— *Ce sont les portugais qui ont attaqué* — respondi-lhes eu um pouco orgulhoso.

E quando lhes disse que iamos partir para Lacouture^x na previsão dum ataque inimigo, a gentil lourinha, M.^{elle} Olga, desceu e veio dar-me a pasta da carta que eu tinha deixado na véspera na sua sala de jantar, dizendo-me tristemente, olhando-me carinhosamente:

«*Bonne chance et plait à Dieu que vous reveniez vite*».

Partimos para Lacouture.

A marcha foi difícil, pois que a estrada estava a ser batida pela artilharia inimiga.

Às 10 horas, como o boche tivesse descansado, retirámos para Vieille-Chapelle muito satisfeitos.

Almoçámos e durante o almoço rimos franca e despreocupadamente.

Quando estávamos quasi no fim, sentimos passar rente á janela qualquer coisa sibilando.

Olhámos espantados!...

Mas nisto... eis que sentimos um estralejar!...

Levantámo-nos e eu fui ao jardim ver o que havia.

Dois soldados palidos e um pouco trémulos dizem-me que estando deitados numa tarimba, dentro duma barraca destinada aos soldados da guarda, uma granada tinha-a atravessado e tinha ido cravar-se debaixo da tarimba, mas... não tinha explodido!

Fui ver o lugar onde a granada tinha entrado, e francamente... os homens tinham razão para estarem palidos!

Uma grande cova debaixo da tarimba mostrava que era enorme a furia do *intruso*, que tinha tido o capricho de não explodir!

Outro estampido e uma nuvem de fumo branco deu-me a entender que o boche bombardeava Vieille-Chapelle com *shrapnell*!

Passaram a correr as crianças da escola, pois diziam que uma granada ahi tinha caído e que tinha ferido duas pequenitas.

Os civis passavam aterrorisados e desorientados!

Outro *shrapnell* cahiu proximo e senti as balas e os estilhaços passarem zumbindo.

Entendi por melhor pôr na cabeça o elmo de Mambrino e ao peito a caixa de ar.

Entrei em casa para ver como se encontrava a familia Devaux.

Encontrei a mãe e as filhas muito aflitas, na *cave*, com a máscara na mão, sem saber por que ponta se lhe pegava.

Entrei na *cave*, sorridente, e ensinei-lhes a colocar a máscara.

«São granadas de papel» — dizia-lhes eu...

Mas neste momento aparece-me um soldado que me informa de que algumas granadas já tinham caído no nosso parque e que já havia algumas cabeças de gado mortas.

Num instante apresento-me na rua, que agora estava deserta, pois tudo tinha fugido para as *caves*.

Dentro das valêtas, cosidos ao sólo ou encostados ás paredes, encontravam-se muitos soldados.

Seguia simplesmente acompanhado daquele soldado que me tinha ido prevenir.

Os *shrapnells* caíam nas proximidades da pequena ponte sobre a Lawe^x, o que indicava que o boche regulava o tiro sobre esse ponto.

De subito sinto o silvar agudo duma granada na direcção em que ia...

Dar um pulo para o drêno da estrada e estatelarme no lôdo foi obra dum segundo.

A granada passou rapida e foi rebentar na minha frente duma maneira atroadora.

Depois de ter caído sobre mim a lama, duma tal maneira que era um verdadeiro louvar a Deus, e depois de me certificar que a minha integridade fisica tinha sido completamente respeitada, levantei-me num misero estado de porcaria.

Cheguei ao parque.

Havia um cavalo e duas muares feridas.

Chamei os soldados que, assustados, se tinham abrigado detraz dum monte de beterraba!

Ordenei-lhes que desprendessem o gado e que o levassem para Zelobes* onde estariam em mais segurança.

Voltei para casa com bastante dificuldade, pois o boche parecia estar disposto a continuar a encomodar-nos.

De repente sinto umas poucas de detonações nos ares e vêjo muitos novêlos de fumo branco...

Descaradamente um aeroplano boche voava sobre Vieille-Chapelle*, observando o bom tiro da artilharia!

A artilharia anti-aérea perseguia-o, mas ele lá continuava teimoso...

Entrei em casa.

O boche tinha socegado um pouco.

Não teria sido aquilo uma advertencia e um aviso?...

Veriamos...

M.^{elle} Melanie^x, uma sobrinha de M.^{me} Devaux^x, appareceu lavada em lagrimas, dizendo que uma grana-da tinha entrado na cosinha da sua casa, destruindo tudo!

O que valeu é que ninguem ahi se encontrava, pois todos tinham fugido para a *cave*, declarando ela que ia fugir com seu pae, porque não queria que lhe acontecesse como a sua mãe que tinha sido morta em 1915, quando saia da igreja e se dirigia para casa, atingida por um estilhaço em pleno peito.

Aterrorisou a familia Devaux duma tal maneira que resolveram partir naquele dia para Rouge-Brique^x, uma casa que ficava na estrada que conduzia de Paradis^x a Merville^x.

Saí e mandei formar os homens afim de verificar os seus pensos individuaes, para os instruir numa rapida preparação para um avanço ou recúo e num rapido carregamento do trem e nas estradas de emergencia a seguir em caso de avanço da parte do inimigo.

Quando estava com os meus homens formados, dando-lhes e transmitindo-lhes instrucções, appareceu M.^{me} Devaux^x que, pedindo-me desculpa, me chamou á parte.

Então ella disse-me estas frases que nunca esqueci:
«Em minha casa tenho alojado todas as especies

de tropas. No comêço da guerra tive mesmo os meus compatriotas, mas, fóra de lisonja, as mais honestas parece-me que são aquelas que agora aqui se encontram.

Ha mezes que alojo tropas portuguezas, e não tenho nada de que me queixar.

Eu vou fugir, e eu não sei para onde!

Pois bem!... Todas as minhas riquezas estão aqui. Nas *caves* ha milhares e milhares de francos em vinhos, champagnes, licôres e todas as especies de bebidas.

Na minha casa tenho ricos moveis e muitas joias... e nós vamos tudo deixar e perder porque urge partir para salvarmos a vida.

Posto que eu pudesse tudo fechar, eu não quero fazel-o, pelo contrario deixar-lhe-hei as chaves. V. poderá tudo tomar e de tudo servir-se...»

E dizendo isto a pobre senhora dava-me as chaves, que eu instintivamente segurei.

Mas quando vi o olhar, velado por uma grande mágua, cheio de pranto, que lançou para a casa onde tinha passado tão belos dias, e que agora numa indefinida saúde e numa extrema amargura e melancolia ia deixar, expulsa pela implacavel, negra e renegada guerra, eu comovi-me muito e foi com sinceridade que lhe respondi:

«Bem, M.^{me}... Não ha muito tempo que nós aqui estamos e por conseguinte ainda não pode conhecer-nos.

Entretanto afirmo-lhe que no meu exercito não ha ladrões, e juro-lhe que ninguem tocará nem num simples alfinete de sua casa, comtanto que não sejamos mortos».

E ela, sufocada com o pranto, soluçante, disse-me:

«V. comprehende bem, nós somos muito ricos, mas não ha riqueza capaz de pagar a vida de meus filhos.

Por isso nós partimos, desejando-lhe boa sorte».

Pouco depois, a infeliz senhora apparecia trazendo uma véla que acendeu a uma Nossa Senhora, existente numa capelinha ao lado da «Maison Blanche», dizendo-me que aquella véla a oferecia por nós, pela boa sorte dos officiaes e praças que alojavam em sua casa.

Passados minutos, depois de se terem despedido de todos os officiaes, tomaram logar numa carruagem, e já de dentro a boa senhora disse-me:

«É preferivel que V. ocupe o quarto de minhas filhas, ahi encontrará um bom leito. É sempre melhor do que dormir na máca».

E acenando-me, chorando, partiram á desfilada.

Ao entrar na «Maison Blanche» lembrei-me, com dôr, que dias antes eu tinha conhecido aquella casa como uma mansão tranquila; tudo era delicia e suavidade dentro daquelle lar. Agora, eis o que restava!... Um lar desfeito, abandonado, perdido! Uma desgraça inesperada tudo despedaçou. Agora aquella casa era lúgubre e silenciosa!

Quem motivára e produzia aquela fatalidade?!...
O vendaval destruidor da guerra...

Esta resposta justificava todas as desgraças, fatalidades e inclemencias que açoutavam aquele desgraçado povo.

Eram talvez quatro horas quando ouvimos que o boche continuava o seu bombardeamento metódico.

Uma das granadas caiu mesmo no centro de Vieille-Chapelle!

Entrei em casa de M.^{me} Heugue que, aflita, preparava as suas coisas também para fugir.

Tentei animá-las... mas não houve maneira de as convencer a não deixarem abandonadas tantas fazendas que possuíam no estabelecimento!

Meia hora depois, as pobres raparigas com sua mãe, partiam com um simples embrulho, abandonando pela segunda vez o seu lar e os seus haveres!

Então naquela tarde começou a debandada sinistra, o exodo, a evacuação da desgraçada população civil!

Heide ter sempre nos ouvidos aqueles soluços de desolação e os gritos lancinantes dos civis que fugiam á furia boche, deixando ao abandono todos os seus bens.

Mulheres com os filhos ao colo, conduzindo numa confusão e numa barafunda medonha os seus animaes domésticos.

Homens encanecidos carregando pequenos em-

brulhos com os haveres que mais depressa puderam agarrar!

E os doentes?!... E os velhinhos?!... E é contra esta população pobre e pacífica que se faz a guerra brutal?!... Horror!

E eu reparei que nos rostos dos desgraçados que partiam havia estampadas além do desespero e da dôr um indizível odio e uma inconcebível expressão de vingança!...

Aquela multidão triste e sombria partiu, seguiu, esmagada por um desgosto imenso, sem saber para onde!...

Nós, os soldados, ficámos na fornalha esperando tranquilamente os presentes da *Kultur*.

O resto da tarde decorreu triste e sombria.

Ao aproximar-se a noite tornámo-nos um pouco apreensivos. Que aconteceria?... Em breve iamos ver.

Pelas cinco horas da tarde fui assistir á distribuição do rancho ás praças.

As cosinhas tinham sido arranjadas num grande curral dentro duma *ferme* que ficava mesmo em frente da «Maison-Blanche».

Dirigi-me para o local indicado e assisti durante momentos á distribuição do rancho.

Afastei-me depois, e ao ir entrar na casa de Mr. Devaux, a uns cinquenta passos de distancia sinto um estampido na linha boche... um agudo silvar... e só tive tempo de me rojar por terra, um pouco tré-

contados... mas não, o boche espalhava as suas granadas e esta tinha ido cair um pouco distante sobre uma casa á esquina da rua que atravessava a povoação em direcção a Huit Maisons.

Quando começámos a ver a grande quantidade de vitimas, dirigi-me á Ambulancia 3, existente em Vieille-Chapelle, afim de obter umas mácas.

Caia uma chuva miudinha, muito fria. Anoiteceu.

A noite era tenebrosa. Só de quando em quando aquele céu carregado de nuvens se iluminava duma maneira fantástica pelos clarões infernaes das bocas de fogo que na frente vomitavam sanguineas labaredas.

Transpondo as ruas já obstruidas com os destroços das casas, atravez das trévas daquela noite macabra e tétrica dirigi-me á ambulancia.

Ao passar pelo cruzamento das estradas, que existia á entrada da povoação, ouvi gemidos... mas, como sentisse vozes, continuei a marchar sem fazer caso.

Passou veloz um carro inglez transportando o mobiliario do «Town major» britanico, que logo aos primeiros tiros tinha fugido, ficando portanto em Vieille-Chapelle, simplesmente a 2.^a Brigada portugueza, que tinha de se sustentar até á ultima.

Á luz duma fraca lampada as sentinelas guarneciam com sacos de terra as suas guaritas existentes á entrada da ponte sobre a Lawe.

¿ *Who comes there?* ... bradou a sentinela ingleza.

Portuguese officer ... respondi.

Bonne; come on ...

Ceguei por fim á ambulancia.

Já pouca gente lá encontrei.

Os feridos tinham sido evacuados, na maior parte, para outras ambulancias e hospitaes, onde estivessem com mais segurança do que ali, pois que uma granada tinha lá entrado e tinha vitimado alguns feridos que ali se encontravam em tratamento. Entre eles, um desgraçado que tinha tido alta na vespera, mas que tinha pedido mais um dia, esperando que o seu batalhão saisse das trincheiras!

Transportavam com a maxima cautela o alféres G. quasi agonisante.

Cederam-me umas poucas de mácas para a remoção dos feridos e mortos.

Emquanto estive na ambulancia, outra granada veio rebentar proximo, fazendo estremecer os pobres feridos sob a roupa das camas daquela enfermaria improvisada.

Segui apressado para o local onde agonisavam os meus homens.

Alguns delles já se encontravam embrulhados em mantas. Eram verdadeiros fardos sangrentos.

Os que já não pertenciam ao numero dos vivos esperariam pelo dia seguinte para lhes ser dado repouso no seio daquela terra martyr e os feridos, depois de se lhe terem aplicado os primeiros curativos, seguiram para uma ambulancia existente em Zelo-

bes, visto que a ambulancia estacionada em Vieille-Chapelle já não recebia.

Os desgraçados feridos gemiam e blasfemavam, loucos com as dôres, raivosos com o sofrimento.

No meio daquele horror, no meio daquele horrivel silencio cortado de quando em quando pelos estampidos das granadas e pelas pragas dos que succumbiam, ouviu-se num momento o vibrar melancolico do sino da egreja de Vieille-Chapelle. Este sino convidava os fieis e os crentes a rezar, como nos dias em que naquela florida terra ainda havia vida e felicidade!...

Porem, agora os habitantes tinham fugido, ficando só, no presbiterio, o cura, um velhinho muito encarquilhado, muito encanecido!...

Esse velhinho sabia bem que naquela terra, agora, só ouviriam o vibrar melancolico do sino da sua egreja os pobres soldados que estavam, num desespero, a braços com a morte.

Não obstante, ás horas habituaes ele lá foi religiosamente tocar o sino, convidando os fieis a orar...

Foi á força e quasi á má cara que no dia seguinte o fizemos sair e abandonar aquela pobre aldeia!

O bombardeamento parou ás nove horas.

Mas ás dez horas começou então o bombardeamento furioso e sistemático.

Era preciso ter nervos d'aço para resistir ás horriveis emoções daquela noite tragica.

A velocidade do tiro alemão era de dois minutos.

Lançaram-nos setenta e tres granadas de 28^{cm}.

De maneira que depois do rebentamento duma granada olhávamos para o relógio e com o coração aos pulos esperávamos que decorressem os dois minutos... esperando talvez a nossa sentença de morte!

E assim estivemos perto de tres horas, e assim fizemos durante setenta e tres vezes seguidas, dentro duma sala desmantelada, reforçada simplesmente com um muro de sacos de terra que, á pressa, tínhamos levantado contra o lado exterior da parede e da janela que dava para o jardim.

Felizmente, enquanto as outras casas desapareciam, destruidas pelas granadas, a nossa conservava-se quasi intacta, tendo sido atingida simplesmente na rectaguarda onde desapareceu parte dum muro.

Que noite aquela!...

No pateo da casa estavam os corpos trucidados dos mortos esperando sepultura.

C'est la guerre

Ao alféres Silveira

Depois daquela noite tétrica e fatal, Vieille-Chapelle parecia um verdadeiro inferno!

Tudo ruínas, escombros e maldições.

Foi de destruição, de odio e de sangue a tempestade que tinha passado por aquelas, agora desoladas e malditas, paragens!

De madrugada vieram dizer-me que no ponto de cruzamento das estradas, existente na entrada da povoação, estava o cadaver dum soldado portuguez.

Dirigi-me para o local indicado.

Encontrei o cadaver dum soldado, gelado, rigido e com os membros retesados.

Estava com um joelho assente na terra molhada e lamacenta, curvado e com a cabeça quasi a tocar no solo.

Tinha um pé quasi separado da perna, tão profundamente o estilhaço tinha penetrado!

Um estilhaço enorme depois de lhe ter atravessado o capacête tinha-se-lhe cravado na cabeça e outro estilhaço tinha-se-lhe enterrado numa côxa depois de lhe ter cortado quasi redondamente uma grande navalha ingleza que trazia no bolso!

As suas feições, horrivelmente contraídas, exprimiam, duma maneira indizível, a dôr, o desespero e a angústia!

Meti-lhe as mãos nos bolsos e pelos papeis que trazia depreendi que era um pobre soldado que, dias antes, me tinha pedido para interceder junto do tenente L. para ficar na secção de sinaleiros, visto que aquele official queria manda-lo para o batalhão por não convir ao serviço.

O pobre diabo tinha-me mostrado uma carta da mulher pedindo-lhe para que poupasse a vida e que se lembrasse dos filhos!

Com alguma dificuldade obtive o que ele me pe-

diu, ficando como ronda do fio telefónico... e eis o resultado!...

Tinha de morrer...

Este desgraçado lá foi fazer numero no cemitério de Vieille-Chapelle, que crescia assustadoramente naqueles dias sinistros e trágicos!

De madrugada o boche recomeçou a destruição de Vieille-Chapelle.

Encontrava-me na cosinha da «Maison-Blanche», onde a luz entrava a jorros atravez de grandes vidraças, quando uma granada veio bater em cheio na casa que se via defronte e que era a que o «Town major» ocupava ainda no dia antecedente.

Quando a fumarada passou a casa tinha desaparecido!

Uma outra granada cortou cêrce um olmo secular que existia ao lado e que, fulminado, veio cair desamparadamente numa pobre casa que ficou arrazada.

Ao sentir esta granada, como vi que ela ia cair proximo, curvei-me... Os estilhaços entraram pela cosinha dentro, partindo os vidros e... furando-nos uma caçarola...

Pelas oito horas o boche deixou-nos em paz.

Um espêso fumo elevava-se das casas destruidas...

Rára era a casa que se conservava de pé!

De onde aonde levantavam-se sinistramente os muros enegrecidos das casas destruidas.

Pelas janelas das casas, que ainda não se encontravam arrazadas, via o inferno em que os desgraçados tinham deixado os seus haveres!

Guarda-vestidos abertos e as roupas lançadas por terra á mistura com mil coisas diferentes!

Moveis caídos, malas escancaradas, tudo revolvido numa barafunda medonha!

Senti-me muito comovido ao ver o estado em que se encontravam aqueles logares tão meus conhecidos, ao reparar no aspecto desolador daquela terra que eu tinha conhecido descuidada e risonha havia poucas horas.

Como o boche tivesse socegado, os civis começaram a entrar, aventurando-se a morrer só para experimentarem salvar alguns haveres.

Mas quantos desgraçados não alcançaram outra coisa do que chorar lagrimas sentidas sobre as ruínas dos seus lares para sempre perdidos?!...

Vi passar m.^{elles} Victorine e a Hortense acompanhadas de soldados portuguezes que se dirigiam para a sua casa abandonada.

Ainda não sabia o estado em que ela se encontrava e para lá me dirigi com ellas.

Chegámos lá e, infelizmente, tinha-se dado o que eu presagiara:

O telhado da casa em parte tinha desaparecido, o quarto, cnde eu tinha dormido, estava reduzido a... metade e atravez duma janela entreaberta via-se o estado lastimavel em que tudo se encontrava.

Abriam a porta a mêdo. Entrámos...

O estado em que tudo se encontrava era bem triste! Tudo coberto de calça, tijolos, telhas e destroços!

No estabelecimento estava tudo partido e desfeito!

Dentre os escombros ainda salvaram alguma coisa util, que piedosamente os nossos soldados transportaram para Les Lobes, onde, provisoriamente, uma boa mulher tinha recolhido aquela infeliz família.

Como era uma grande temeridade demorarem-se mais tempo, aquelas duas raparigas, que eu tinha conhecido tão vivas e tão alêgres, partiram esmagadas por um enorme sofrimento e entristecidas por aquela tão rude desventura:

¿Que era feito da sua casa?...

¿Porque razão lhes tinham destruído o seu lar, arrebatado a sua felicidade e tirado os seus bens?...

Como resposta, atiravam-lhe como uma praga ignobil essa frase sêca e fria, cinica e maldita:

C'est la guerre!...

Pela manhã fui ao hospital de sangue, em Merville, ver o estado das pobres praças feridas na tragica noite antecedente.

Um deles já tinha morrido e tres estavam agonisantes.

Por acaso vi a monstruosidade da cabeça dum soldado; tinha-lhe inchado duma maneira desconforme, devido á fractura do craneo!

Ao voltar passei por Rouge Brique, o lugar para onde tinha fugido a família Devaux.

É inexplicável o contentamento daquela boa gente quando me viram.

Numa grande impaciência e ansiosamente começaram a fazer-me perguntas, pedindo-me notícias acerca de Vieille-Chapelle e da sua casa.

Disse-lhes o que se tinha passado... e lágrimas sentidas começaram a aflorar aos lindos olhos daquelas galantes francezas.

«Diga-nos, a nossa casa já sofreu alguma coisa?...» perguntaram-me.

«Ainda não... mas é preciso estarem preparadas para tudo...»

Quando lhes narrei tudo o que tinha acontecido ficaram estarecidas!...

«Ainda fugimos a tempo... Imagine que tínhamos de fugir durante o bombardeamento! Que horror!»

Prometi-lhes que no dia seguinte faria todo o possível por lhes enviar alguns bens, pois tinha à minha disposição dois carros que lhes mandaria cheios do que mais facilmente pudesse salvar.

Parti... e aquelas lourinhas filhas da Flandres lá ficaram a acenar-me até que desapareci na curva da estrada...

.....

E os batalhões da minha sacrificada Brigada?

Depois de um ano consecutivo de trincheiras, de-

pois de terriveis transes, cançados e exgotados, eis que o descanso que têm é marcharem a ocupar a Village Line, desabrigados, em trincheiras onde o boche já regulou os seus tiros certos e onde quasi não ha abrigos para se acoitarem!

Quanta dôr e quanto sofrimento inconcebivel!

Quanto trabalho eles deram ás ambulancias, e que faina para os coveiros nesses tragicos dias!

A «Malta» gloriosa e martyr arrastava com valor e abnegação a sua cruz!

Uma que vinha bem dirigida...

Ao escurecer o inimigo continuou, com a sua prodigalidade dos ultimos dias, enviando-nos os *presentes* costumados.

Mas ele?!...

Ah bom artilheiro portuguez!

A toda a hora e a todo o instante as baterias lusitanas falavam e diziam da sua justiça!

O boche estava tambem completamente batido e fustigado.

Em frente da «Maison Blanche», como já disse, havia uma *ferme* onde eu tinha perdido alguns homens.

Os donos da casa, a não ser um grande susto, nada sofreram. Mas não esperaram por mais nenhum presente da *Kultur* e fugiram para uma casa que

ficava a dois quilometros dali, tendo levado comsigo simplesmente o dinheiro que possuiam.

Um soldado, que namorava a filha dos proprietarios daquela casa, alojou-se confortavelmente naquele edificio, meio em ruinas, com o fim e o pretexto de guarda-la...

No dia seguinte o patife dizia-me num ar comico:

«Ah, meu alfêres, estou ha quinze mezes em França e foi a noite passada a primeira vez que dormi em cama... E esta é bastante fôfa... Madame pediu-me para que lhe guardasse a casa...»

Creio bem que este soldado naquela ocasião teria bem dito o boche que assim lhe proporcionava um leito tão desejado...

Ás vezes esse endemoninhado vinha dizer-me num ar tristonho:

«Encontrei ali esta galinha morta, talvez... tivesse sido com os gazes...»

Seria preciso fazer-lhe a autopsia para saber se tinham sido os gazes... ou aquele maroto quem a tinha matado...

O mais interessante é que, quando eu julgava que a dona da casa, a primeira vez que a vi e encontrei, viesse queixar-se e reclamar pelos abusos do soldado... antes pelo contrario, ela diz-me: «*Le soldat est très bon garçon.*»

Está bem!

.

Aquela noite o boche bombardeou Vieille-Chapelle^x mais espaçadamente. De madrugada deixou-nos em paz, e no *front* reinava a maior calma.

Como na noite antecedente não tínhamos dormido, e como naquela iamós pelo mesmo caminho, fui deitar-me na confortavel cama, que M.^{me} Devaux tão generosamente me tinha oferecido.

Despi-me e meti-me no meio dos lençoes, como se estivesse no meu tranquilo paiz! Como um justo depressa adormeci socegado e despreocupadamente...

Não devia ser longo aquele sono reparador!

Acordei com um ribombar formidavel!

Uma granada tinha caído ao lado da casa e os estilhaços passaram zumbindo junto das janelas, cujos vidros ficaram completamente partidos!

Não pestanejei... Atirei-me dum salto fora do leito, agarrei nas botas pelos cordões e arrastando-as saltei para a escada.

Era tempo!... Vi um grande clarão, uma nuvem de fumo e de poeira, ouvi um enorme estampido... e a casa estremeceu durante momentos!

A excitação e o choque produzido pela inconveniencia e incorrecção deste excentrico visitante foi grande...

Como o meu fardamento tinha ficado no quarto e como, por conseguinte, não estava em condições de me apresentar diante de gente, meti-me num outro quarto, esperando que me levassem a roupa para me vestir.

Por isso, como não me viram, julgaram que eu tivesse recebido no quarto tão *amavel* visita . . .

Por fim encontraram-me e lá me levaram a farda toda cheia de calça.

Fui ver o quarto que ficou muito *arejado*.

Um *shrapnell* tinha lá entrado.

No tecto estava aberto um grande buraco, metade do peitoril duma janela tinha desaparecido, em muitos pontos das paredes viam-se sinaes dos estilhaços e a cama estava cheia de telhas, calça e furada em diferentes sitios!

Embrulhei a roupa da cama com os estilhaços e os destroços e enviei este embrulho a «Rouge Brique» dirigido a M.^{me} Devaux, juntamente com um bilhetinho em que lhe dizia o seguinte:

«Com os maiores agradecimentos . . .»

Depois soube que M.^{lles} Olga e Marie, que dormiam no quarto atingido, ao verem aquele presente, quasi que desmaiaram!

Se lhes parece! . . .

Honra portugueza

Ao capitão A. Sousa

No dia seguinte, como Vieille Chapelle estivesse um pouco calma, mandei carregar dois carros de esquadrao com os objectos de maior valor e mais á mão, e enviei-lh'os para «Rouge Brique».

A engenharia tinha reforçado a *cave* com chapas de ferro e cimento, afim de ahi montar o posto telegrafico, visto que o antigo já uma granada alemã tinha tido o pessimo gosto de o lançar pelos ares.

Nessa noite, como me constasse que os soldados saqueavam as casas bombardeadas, saí para a rua afim de pôr cõbro aquela vergonhosa façanha, levando comigo algumas praças.

Dirigi-me para o centro da povoação e ao chegar proximo da *brasserie* ouvi gargalhadas vindas das *caves*; assaltei-as e foi com certo contentamento que verifiquei que . . . não eram portuguezes os soldados que aproveitavam a desgraça dos infelizes civis para lhe assaltarem os seus haveres.

As praças, que lá estavam, encontravam-se completamente ébrias com o vinho e cervêja que tinham roubado.

Foi á força e á má cara que os expulsei daquela casa.

No dia seguinte acabei de salvar as coisas mais importantes áquela boa gente.

Na ocasião em que os soldados portuguezes carregavam os carros com os haveres abandonados daquela infeliz gente, passavam uns soldados duma nação aliada cantarolando e levando um sacco cheio de coisas roubadas!

Passou na estrada um velhote transportando penosamente num carrinho de mão os seus humildes bens. Via-se que ia vergado por um enorme desgosto!

Ça va mal... — disse-me o velho ao passar junto de mim.

Patience mon ami — respondi-lhe.

Então o velho pousando o carrinho que transportava, endireitando o seu corpo alquebrado e olhando-me muito tristemente, murmurou:

Plutard, lorsque la guerre soit finie, je rappellerai toujours ce tableau qui je vois maintenant. Tandis que les... volent, les portugais sauvent!

Depois, abanando tristemente a cabeça, num ar de imensa amargura, acrescentou:

On ne pourra jamais oublier les portugais... C'est dommage que vous ne soyez plus nombreux.

E o bom velho, encanecido e alquebrado, lá se afastou vagarosamente, arrastando aquela misera riqueza, dirigindo-se... talvez sem ele saber para onde!...

Por algum tempo ficaram ecoando nos meus ouvidos as dôces palavras daquele velho veterano, filho da grande França: *On ne pourra jamais oublier les portugais...*

Se a guerra é isso...

Raro era o dia que os boches não fizessem um *raid* aos portuguezes, que valentemente os repeliam!

Quanto sofreram essas tropas da primeira linha!...

Era ver os tristes fardos que todas as manhãs iam a caminho dos cemiterios!

No entanto as forças de Portugal respondiam com tenacidade e valor ás acometidas teutonicas!

Infantaria 14 ataca-os com bravura!

Num assalto fulminante entram nas linhas boches, arrancam-lhes uma metralhadora e trazem sete prisioneiros, não tendo aquele punhado de destemidos sofrido a menor baixa!

E outros! E outros!

Todos os dias, em toda a frente portugueza passavam-se episodios, praticavam-se feitos e desenrolavam-se dramas, que mostravam e patenteavam ao mundo inteiro qual era a bravura indomavel, qual era a sublime heroicidade e a santa abnegação e sacrificio dos soldados de Portugal!

O boche sabia bem com quem tinha de se haver e por isso todos os dias numa louca sanha nos bombardeava, afim de nos desmoralisar e enfraquecer, preparando assim a arremetida do dia 9 de abril!

.

Na noite de 14 de março o bombardeamento atingiu as raias da desesperação!

As cidades martyres de Bethune, Merville, Hazebrouck, Estaires e La-Gorgue, etc., começaram a ser reduzidas a escombros.

Como estavamos na contingencia de passar uma horrivel noite, alguém lembrou a necessidade de tomar qualquer coisa afim de levantar... o moral.

Fui buscar uma garrafinha muito bonita, que dizia por fora: «Anisette».

Julgando que fosse aniz, lançamo-lo nos copos... chegámo-lo aos lábios e, num gesto de repulsão, atiramos com aquele liquido fora.

Aquele liquido era nada mais, nada menos do que... essencia de aniz!

O seu cheiro era tão forte, que dias depois, quando da «Maison Blanche», tão linda e tão branquinha, já nada restava senão montões de escombros e ruínas, ainda se sentia o cheiro do raio do... licor.

Nessa noite a fusilaria era medonha! As granadas de artilharia sucediam-se ininterruptamente, e as granadas de gaz tambem nos mimoseavam com as suas venenosas exalações!

Como era uma loucura permanecer ali mais tempo, visto que o numero de baixas era já enorme e, sobretudo, este sacrificio de vidas era vão e inutil, falou-se para a Divisão pedindo providencias.

Alguem, *à la hautaine*, respondeu que não estava ali quem pudésse providenciar, mas que... vissemos a direcção e o calibre das granadas e que pedissemos a retaliação da artilharia!

Fóra ouvia-se, depois da explosão das granadas, o desmoronar das casas, como ruidos de trovão.

Então eu senti que naqueles momentos em que o Arbitrario parece dominar, a vida perde todo o seu valor!

As buzinas de gaz-alarme faziam ouvir os seus gritos agudos e sinistros. Tivemos muitos intoxicados que lá seguiram para as ambulancias.

Já bastante tarde, a campainha do telefone tocou. Fomos ver, esperando que fosse da Divisão que falavam dando-nos as providencias desejadas.

Esperança vã!...

Era alguém que nos transmitia o seguinte:

S. Ex.^a o... encarrega-me de dizer a V. Ex.^a que, constando-lhe que num dos batalhões dessa Brigada ha um bom cosinheiro, este seja requisitado e mandado apresentar no...

O auscultador foi arremessado para o lado, e a campainha do telefone lá ficou a tocar num tom agudo, que parecia uma gargalhada irónica atirada áquela surriada macaqueadora!

A.J.R.
mp.
E nessa mesma noite, para terminar e coroar aquela picarêscia troça enviaram-nos um telegrama redigido nos seguintes termos:

S. Ex.^a o... determina que sejam mandados apresentar neste... maxima urgencia seguintes musicos: primeiro clarinete, contra-baixo e baritono!

Pouco depois aparecia um automovel, afim de levar os musicos para o logar determinado.

Adivinha-se bem o seu contentamento ao tiral-os do inferno, em que estavamos metidos, para os levar para o pagode!

Para Croix Marmuse

Começava a despontar a maravilhosa primavera da Flandres.

O ceu era tepido e resplandecente, as aves cantavam notas vibrantes naquele ar sonoro, começava o despertar da natureza...

Mas... nunca esse céu criador tinha visto tantas lagrimas, sangue e dôres!

Como essa serenidade primaveril contrastava com a nuvem sombria que pesava sobre os nossos corações!

Para esse brilhantismo do céu, para esses melodiosos cantos, para esse alvorecer encantador, só ia um olhar distraído; e se por acaso, toda essa beleza nos embevecia... o ribombar do canhão, o gritar e o gemer dos feridos, como um odioso pesadêlo, transformava em amargura, odio e suplicio todos esses espectaculos, que outr'ora seriam maravilhas, faziamos mal aquela Vida e Luz, com que a natureza se engalanava, que tanto contrastava com a Morte e Sombras que nos perseguiam!

Como já todos os bens da familia Devaux tinham sido salvos, dirigi-me um dia a Rouge-Brique, afim de me despedir, e verificar se lhes tinha faltado alguma coisa.

Foi por entre sorrisos, exclamações de alegria e palavras de reconhecimento que fui recebido por aquella bondosa gente.

Como vinha, e lhe trazia noticias do seu lar abandonado, todas queriam saber o estado em que a sua terra e a sua casa se encontravam.

Que serena e piedosa resignação a daquella pobre gente!

«Olhe, no jardim ha lá umas flores que nós cultivámos, vêja se já estão floridas...»

«Na janela do nosso quarto havia uma linda trepadeira... já deve estar florida e muito viçosa...» diziam-me a Olga e a Marie.

Pobres raparigas!... Essa janela já não existia e o jardim tinha-se aproveitado para enterrar os nossos mortos!

E eu todo me angustiava e confrangia ao ouvir aquelas perguntas, que tinham respostas tão cruciantes e desoladoras!

Nesse dia apresentei-lhe as minhas despedidas, prometendo ir dizer-lhes o ultimo adeus, quando partissem daquelas paragens para outras, onde houvesse mais paz e mais vida. M.^{me} Devaux protestou, dizendo-me que então não era seu amigo, pois que, sabendo o prazer que lhes dava a visita daquele que tinha sido a unica pessoa com quem se tinham encontrado no momento da desgraça, eu não queria ali voltar...

Gomo M.^{elle} Olga se encontrasse muito triste, perguntei-lhe a causa.

«Fizeram-me mal as suas palavras... Estava a pensar como a guerra é cruel!... Deu-nos a conhecer um tão bom amigo, e agora... ela vae separar-nos... talvez para sempre.»

Dizendo isto afloraram-lhe aos olhos lagrimas inocentes.

E eu, ao vêr estas lagrimas, senti que tudo que

em mim havia de puerilidade e de leviandade para com as mulheres francezas, desaparecia em face daquela alma juvenil.

«Infelizmente é essa a verdade...» disse-lhe eu. Despedi-me e sai bastante impressionado...

• • • • •

O boche continuava devastando os restos da terra martir onde acantonávamos.

Até que um dia, enfim, mandaram-nos procurar um acantonamento proximo daquele logar.

Foi num dia em que sobre Vieille-Chapelle caia uma verdadeira chuva de ferro.

Fomos para Croix-Marmuse*, proximo de Paradis*. Para ahi partimos numa tarde horrivel.

Nesse acantonamento, logo no primeiro dia, um tal Mr. Lefranc* apresentou a reclamação de quarenta francos por um ganço que lhe tinha desaparecido.

Afinal tinham sido os inglezes que na vespera o tinham levado e fomos nós que pagámos.

Aquelle amavel senhor lá morreu no dia 9 de abril debaixo da sua casa destruida.

• • • • •

Um dia recebi uma carta humida de lagrimas, escripta numa lêtra alterada e trémula.

Era de M.^{elle} Olga, que me dizia, entre outras coisas, o seguinte:

«Venha ver-nos. Merville* está sendo bombardeada e meus paes querem partir a todo o transe.

Tenho pena e horrôr ao pensar que vou deixar

este meu querido paiz, onde nasci... e ao senhor, o nosso unico amigo no momento em que somos tão desgraçadas!

Ámanhã tomamos o comboio em Calonne s/la Lys^x e vamos partir para o sul.

Resigno-me á vontade daqueles cujos desejos não são os meus.

Cá de longe oraremos por si.

Toda a minha familia me encarrega de lhe enviar os seus pensamentos.»

E depois, no fim, á pressa, tinha escripto mais estas palavras:

«Perdoe-me a minha fraqueza, mas venha ámanhã á estação dizer-nos adeus. Faça o possivel, venha sem falta.» E as ultimas palavras eram como a impressão dum beijo casto e imaculado!

.

A noite de vinte e um de março passamol-a num sobresalto.

Mar. 21

A Alemanha nos ultimos arrancos colossaes e formidaveis tinha desencadeado uma grande ofensiva na frente de Amiens^x.

Na nossa frente repercutiam-se os écos desse grande ataque.

E a sacrificada «Malta», quando esperava ir gozar o seu, bem merecido, descanso, lá andava afrontando a morte, cançada, exausta e alimentando o seu ardor de guerreira com energias já quasi gastas e extintas.

Das terras proximas do *front* os civis mais abastados começaram a retirar; os pobres, coitados, esses permaneciam até á ultima.

Os canhões de grande alcance bombardeavam todas aquellas cidades.

.
No dia seguinte fui a Calonne s/ la Lys, dizer adeus áquella infeliz familia, que ia partir sem destino, perseguida e expulsa pela execranda guerra.

Cheguei minutos antes da partida do comboio.

Havia lagrimas nos olhos daquela boa gente.

A saudade entristecia-as.

O presagio de nunca mais nos vermos, e a recordação dos momentos passados, em que travámos conhecimento, fez-lhe brotar lagrimas sentidas.

O comboio deu o sinal de partida.

Fizemos as ultimas despedidas.

Olhei M.^{lle} Olga num ultimo adeus... Foi o derradeiro...

E elas... lá partiram... acenando... acenando...

Restava-me a consolação de que aquella boa gente tinha partido para um paiz de Vida mais fulgurante e de sol mais criador!

E, ao contemplar, ao seguir com o meu olhar enevoadado por uma grande saudade, ao fixar pela ultima vez o talhe encantador daquela linda lourinha, tive a impressão que se sente ao contemplar a luz, o sol, que desaparece no poente.

O sol ao desaparecer leva-nos a claridade e a ventura, e deixa-nos as trevas e a melancolia.

.
Mas esta impressão foi passageira . . .

C'était la guerre — dizia-se. Quando sobre nós pesava a tempestade do 9 de abril, recebi duas cartas daquela boa gente.

Depois nunca mais soube deles.

Passando, pelos fins de março, a caminho de Lacouture, por Vieille Chapelle, vi com magua, que da «Maison Blanche» já não restavam senão os muros!

Foram de luto, odio e sangue os dias que se seguiram.

As estradas eram diariamente batidas. Tudo estava referenciado. Uma grande acção se esperava, da parte do inimigo.

Aproximava-se a hecatombe do 9 de abril.

E a 2.^a Brigada, no dia em que, depois de tudo ter sofrido, depois de suportar mil sacrificios com santa abnegação, devia partir para o descanso prometido, á ultima hora recebe ordem de ocupar o sector de Ferme du Bois.

Horas tragicas

Nessa noite tomamos conta do sector.

A frente estava agitadissima.

A *ferme* de M.^{me} Depoers estava a ser bombar-

deada e por isso retirámos para Les-Facons, que ficava desviado uns 200 metros daquelle logar.

Ficámos alojados num conjunto de barracas que me dava a ideia dum balneario.

Devido ás recentes chuvas tudo se encontrava encharcado, tudo cheio de lama, onde desapareciam as rodas dos carros.

Foi no meio das trevas, debaixo da metralha e chapinhando lôdo que entrámos para este sector.

Foi de angustia aquella primeira noite.

Os preludios duma grande tragédia desenhavam-se no ribombar incessante do canhão destruidor, e nos consecutivos ataques á frente portugueza.

A cada instante o canhão mostra-me as suas fauces cheias de chamas, arremessando-nos num uivo de desesperada raiva, a mortifera metralha.

E os seus clarões sinistros davam tons fantasticos áquella região onde a Ruina e a Maldição imperavam!

Parecia que as arvores tomavam vida, iluminadas por aqueles relampagos!

O surdo murmúrio das suas copas estaceladas, assemelhava-se a indiziveis imprecações e pragas de maldição, era qualquer coisa de horrivel e sombrio que nos enchia de espanto e de receio.

Iluminadas por aqueles clarões fantasticos, viam-se os seus galhos nús levantados aos ceus como clamando vingança contra a inclemencia dos homens.

E, enterrados na lama, fatigados, os filhos de Portugal lá continuavam dentro das trincheiras, um pouco palidos, é certo, aquela vida tremenda, mas ainda audazes pelo amor de Patria, frente a frente ao inimigo, ebrio de sangue, furor e odio.

Date. Ahi pelas dez horas da noite, uma granada boche rasga a escuridão e veio cahir na estrada que passava junto de Les Facons.^x

Ouviram-se gritos...

Para lá nos dirigimos.

Á luz duma lanterna electrica, presenciámos o seguinte quadro:

Sobre os destroços dum carro jazia, ensanguentado, um soldado portugûes.

As mueres encontravam-se por terra estrebuchando!

A granada tinha batido em cheio naquele carro, que, conduzido por aquele desgraçado que gemia dolorosamente, ia ás linhas levar a alimentação á «Malta» heroica e sofredora.

O pobre martir lá foi levado, a esvair-se em sangue, numa maca, para o posto mais proximo.

A guerra!... A guerra!...

Durante o dia, á luz do sol ela tem nobreza, é bela e cheia de gloria, mas á noite, no meio das trevas é um monstro satânico!

Vem, sem se saber d'onde, agarra-nos, sufocanos, apunhala-nos, e, gargalhando, o macabro e insaciavel monstro lá vae, na sua ancia de matar,

atravez da negra escuridão, abrir mais chagas e cavar mais sepulturas!

.....
 Pouco depois recebiamos a noticia de que os soldados dum dos batalhões se recusavam a marchar para as trincheiras.

Dera-se o que tinhamos previsto.

A lama moral, mais perniciosa e nociva do que a lama da terra, tinha feito a sua obra.

Não era sua a culpa.

Esses soldados tinham dado provas de valor, audacia e tenacidade nas tragicas manhãs de *raid*. O boche teve ocasião de apreciar a resistencia e a valentia dos soldados deste batalhão nas memoraveis manhãs de treze de julho e catorze de setembro de 1918.

Porem abusaram deles... e eis o resultado...

Devido a este lamentavel acontecimento saimos do sector e partimos para Boesemghem.

Alguns dos desgraçados que, devido ao cansaço e ao acharem-se depauperados e exaustos de forças, por um ano consecutivo de trincheiras, sem um descanso apreciavel, prostrados moralmente pelas interminaveis horas das trincheiras, se tinham insubordinado, enchendo do mais vivo desgosto os seus bravos officiaes, lá foram sofrer num deposito disciplinar o seu gesto de tresloucados.

No dia 9 de abril tomavamos o comboio em Thiennes, afim de irmos para a zona da rectaguarda.

Ouviam-se os écos dum bombardeamento colossal.

Em todos os rostos se viam desenhados os sinaes dum vago receio.

Passava-se qualquer coisa de excessivamente grave.

«Laventie^{*} está em chamas, e já se encontra em poder dos boches», dizia-se.

Chegámos á região de Boulogne^{*}.

Acantonámos numa calma e pitorêscia aldeia, chamada Parenty^{*}, por onde nunca tinham passado portuguezes.

Era risonha e tranquila esta pequena povoação, onde a minha Brigada vinha buscar o repouso, de que tanto carecia.

Andavamos apreensivos e receosos, pois que os boatos dum grande ataque, feito nessa madrugada, á frente portugueza avolumavam-se.

Sabiamos bem quão escassas eram as forças que guarneciam o sector portuguez... Que se teria passado?...

O 9 de abril

Nos heroes dêsse memoravel dia

No dia seguinte, ao vermos aparecer os restos esfarrapados das heroicas tropas portuguezas, soube-mos tudo!

Triste e funebre cortejo o dos vencidos!

Soubemos então quão grandiosa e sublime tinha sido a tragedia do dia 9 de abril!

Heroes desse memoravel dia, bravos que caistes, assombrosos vencidos, gloriosos batalhadores, eu vos saúdo!

Nesse dia, em face do Impossivel, vós caistes! oh gloriosas falanges portuguezas, que combatestes nessa inolvidavel data, defendendo em arrancos leoninos a terra da Flandres, que não era a vossa, mas que a honra vos obrigava a morrer por ela! mas a vossa queda atingiu os pincaros duma Epopeia, o vosso baquear foi estrondoso e retumbante, o vosso cair foi altivo e cheio de gloria!

Do vosso valor spartano, da vossa bravura épica e da vossa heroicidade falará um dia a Historia, eloquentemente escrita pelos nossos queridos mortos nessa grande batalha, por aqueles que tão gloriosamente caíram, face ao inimigo, cheios de luz, numa apoteose!

Nessa manhã de nevoeiro cerrado e impenetravel, triste e cinzenta, milhares de canhões boches vomitaram metralha, n'uma furiosa loucura, sobre as trincheiras defendidas pelos peitos lusos!

As posições da artilharia portugueza eram varridas por ciclones de ferro! O ataque da artilharia alemã foi formidavel e tremendo!

As baterias de Portugal respondem fortes e desesperadas. Por momentos a sua voz se faz ouvir com a violencia da força, e de quem se julga com alma para lutar.

As nossas defezas são destruidas pelas incessantes explosões.

O bombardeamento inimigo torna-se então medonho e o seu fragor mais intenso!

O espaço ardia em chamas, era tudo um mar de fogo!

Em torno das posições da artilharia de Portugal cáem nuvens de granadas, que fazem baquear os heroicos artilheiros que continuam fazendo fogo, num desespero!

A fazer côm com a voz potente do canhão, as metralhadoras rompem as suas crepitações mortíferas e os morteiros fazem ouvir os seus lúgubres e terríveis urros!

Milhares de granadas de gaz tornam a atmosfera irrespiravel.

Dos postos de observação tentavam desvendar o que se passava na linha inimiga.

Impossivel, o nevoeiro era cada vez mais cerrado!

A artilharia portugueza fala, riposta ainda... Mas, ai, os seus gritos são mais espaçados.

As trincheiras portuguezas estão demolidas. Os sobreviventes abrigam-se por detraz dos montes de cadaveres.

As ondas de teutões saem das suas linhas, ebrios de sangue e odio.

Avançam, encapelam-se e batem de encontro aos ultimos combatentes.

O embate foi feroz e terrivel!

Os ultimos batalhadores reorganizam-se, refazem-se e, alucinados, numa bravura desesperada lançam-se sobre os assaltantes, manejando heroicamente a bayoneta, a coronha e a granada de mão!

A onda boche, ao bater de encontro aos filhos de Portugal, espumou e alastrou. Mas o titanico da resistencia fê-la recuar, bramindo!

Mas eis que voltam, e agora mais numerosos e mais ferozes!

A nossa artilharia só de quando em quando atira, já muito espaçadamente se faz ouvir, numa agonia, num estertor...

Eis que se cala!... As munições exgotaram-se!

Os artilheiros portuguezes lá ficaram caídos em torno das suas peças, crispados, numa ultima expressão de luta.

Foi assim que caiu a artilharia de Portugal!

Os boches voltam outra vez, uivando duma maneira selvagem, e cáem sobre os ultimos portuguezes, que resistem sempre!

Esses soldados, desvairados e enlouquecidos por aquele mar de fogo e vendaval de metralha, num momento vêem-se atacados pelas costas!

Os boches tinham entrado por Givenchy, ocupado por tropas britannicas.

Era impossivel a resistencia!

O ataque tinha começado ás tres horas e meia da madrugada e a primeira linha só estava perdida ás sete horas.

Mas aqui o boche só encontrou sulcos de sangue, destroços de corpos humanos e pobres agonisantes!

Começou então a trágica e lúgubre retirada dos que não desapareceram naquella horrivel fornalha!

Que acabava de se passar?!...

Uma batalha fantastica! Uma luta duma ferocidade sem precedentes na Historia.

Falando com o alferes Henri Mercuel, do glorioso Exercito Francez a respeito da medonha hecatombe do dia 9 de abril, disse-me aquelle heroe de Verdun, um dos defensores do forte de Vaux e um dos combatentes na grande ofensiva do Somme, que o fogo de barragem alemã, no dia em que caiu uma Divisão portugueza, era comparavel a qualquer das barragens empregadas para a conquista da imorredoirá Verdun e muito superior á da grande batalha do Somme!

Os alemães empregaram no ataque á frente portugueza dez divisões!

Resistencia dum epicismo heroico e grandioso!

Dum lado dez divisões frêscas e aguerridas; doutro lado, uma divisão portugueza, fatigada e exausta com mais de um ano consecutivo de trincheiras.

Não obstante resistiram!

Não obstante acutilaram e trucidaram com denodo os soldados do kaiser nos primeiros embates sangrentos e nos primeiros recontros inenarraveis!

Os portuguezes caíram, é certo, mas caíram bem!

O éco da nossa resistencia repercutiu-se por toda a parte, oh gloriózos vencidos!

Douglas Haig e Foch* nas suas ordens falaram nela aos seus invenciveis soldados! A imprensa mundial falou do vosso valor!

Nesse dia o sol não rompeu aquele céu plumbeo, cobriu-se de luto acompanhando na sua dôr a queda de treze mil bravos!

Do vosso valor e do vosso sacrificio falará um dia a Historia, sempre imparcial e justiceira.

Fostes valorosos e ingentes na vossa derrota!

Disseram-no bem alto os ultimos combatentes que ás cinco horas da tarde ainda batalhavam lado a lado com as tropas da Escocia.

Disseram-no bem alto os batalhões de Infantaria 1, 8, 10, 13, 14, 15, 17, 20 e 29, que ficaram trucidados e desfeitos, que combateram até á ultima, preferindo morrer a entregarem-se vergonhosamente!

E outros! E outros!

E a defeza de Lacouture?!...

O *Telegramme*, jornal francez da região do Norte, dizia no dia seguinte :

L'Histoire parlera un jour d'un bataillon portugais qui à Lacouture s'est battu jusqu'au dernier cartouche.

Que o vosso cair foi digno, disseram-no bem alto os artilheiros, caindo trucidados em torno das suas peças, que eles, em arrancos inauditos, tentavam salvar!

¿E os episodios isolados em que se deram provas de heroicidades lendarias?...

O alfêres H. G. que combatia nos ultimos redu-tos com um punhado de soldados, respondeu altiva-mente a um capitão inglez, que tentava iludi-lo, di-zendo-lhe que eram de portuguezes as vagas de boches que se viam avançando ao longe, temendo que devido á pouca força de que dispunha, recuasse:

«D'aqui ninguem retira, combateremos até á ultima».

Este heroe obscuro retirou ás cinco horas só-mente com tres soldados.

A sua farda gloriosa ia um pouco queimada de-vido ao contacto da metralhadora Lewis que ele sal-vou!

E outros! E outros!

.....

Mais tarde, em setembro, os boches recuaram.

Visitei aqueles logares, onde eu estivera outr'ora, hoje arrazados e desconhecidos.

Entristeceu-me muito aquele doloroso especta-culo.

E a soledade dos imensos cemiterios! Lá dor-miam o sono eterno os filhos da minha Patria.

Oh terra da França, acalenta bem os nossos que-ridos mortos!

Não deixes derrubar as suas pobres cruces, reli-giosamente debruçadas sobre os seus humildes tu-mulos!

Acarinha-os e acalenta-os com amor como se fossem teus filhos, pois que eles caíram bem, banhados de gloria, em prol da tua causa, como os teus *poilus*, gloriosos e invencíveis.

Os cemiterios imensos lá ficaram na Flandres a atestar o nosso sacrificio e a mostrar como os portugueses se imolam quando lutam por uma causa justa e nóbre.

São bons combatentes...

Cortava a alma assistir á debandada tragica dos que tinham escapado da grande carnificina.

Eram os restos das forças portuguezas que tinham feito frente á tempestade de ferro e fogo com um valor inaudito.

O esforço empregado tinha sido sobrehumano!

¡Era ver agora o lastimavel estado em que vinham, os que tão valorosamente tinham afrontado a morte!

Esfomeados, rotos, alucinados, trazendo estampado no rosto um mixto de pavor, de raiva e de desespero.

Aqueles bravos que passavam tinham pelejado dia e noite, atolados em lama, sem comerem, sem descansar, envenenados pelos gazes, tentando escrever mais uma pagina eloquente na historia de Portugal!

Conseguiram o desejado, pois que a épica resistencia immortalizou os bravos desse grande dia!

Era doloroso ver o funebre cortejo dos vencidos!
Ao longo das estradas estendia-se a infindavel
fila dos derrotados. Que triste aspecto o seu!

Cobertos de farrapos e de lama, sem capacete,
encostados a bordões, mortos de fadiga, descalços,
iam-se arrastando dolorosamente pelas estradas co-
bertas de lodo!

Alguns deles, exaustos de forças, desanimados e
exgotados, sentavam-se á beira da estrada, por não
terem coragem para mais caminharem. E os officiaes,
talvez ainda mais fatigados, iam e vinham, a todos
dando ardor, estimulando-os e animando-os a mar-
charem um pouco mais, pois o acantonamento para
o repouso estava proximo.

Naquela aldeia, onde estacionavamos, pararam
alguns dos que debandavam, e as tropas, que ali se
encontravam, dividiram as suas rações com aqueles
pobres esfaimados.

Depois foram-se dividindo pelos acantonamentos
proximos, onde procurariam refazer-se das suas for-
ças perdidas.

Oxalá que Portugal saiba avaliar e reconhecer o
martirio e o sacrificio dos seus filhos que, gotejando
sangue, escreveram o seu nome em letras indeleveis
na retalhada Flandres, que foi o teatro das maiores
batalhas de todos os tempos, e levaram a sua fama
atravez do mundo inteiro!

.

As hordas allemãs avançavam sempre, talando

os campos, arrazando as povoações, tudo destruindo e reduzindo a escombros todas aquelas sorridentes terras!

Já forças inglezas se lhes tinham defrontado, mas elas foram engulidas pelas formidaveis massas boches ávidas de conquista.

La-Gorgue, Estaires, Merville e Armentières, tinham caído em poder dos alemães, e Bethune, a linda cidade, preferida do principe de Galles, estava já sob a acção do 77.

Tres dias depois de nos encontrarmos naquele lugar, tão tranquilo, a 2.^a Brigada recebeu ordem de voltar para a frente, afim de se apresentat na 14.^a Divisão ingleza!

Começou então a marcha errante, que durou uns dez dias.

Saí nesse dia na secção de quartéis, e tendo passado em Fruges, vi um grande numero de refugiados das regiões invadidas.

Julguei ter ouvido palavras de desprimor para nós, devido ao nosso recuo.

Passei sem fazer caso daquela gente, que a desgraça e a desventura tornavam injustas.

Mais tarde, quando souberam o que tinha sido a resistencia portugueza no dia 9 de abril, fizeram-nos justiça e prestaram homenagem á valentia e ao espirito de abnegação e sacrificio do soldado portuguez.

Nessa noite, depois duma longa jornada, cheguei a Ligny-les-Aire, onde nos demorámos dois dias.

Daqui, fomos para Rely, onde nos demorámos trez dias, e daqui seguimos para Humbert.

Num dia chuvoso, saí desta povoação, a caminho de Ecquedecques, que distava de Humbert uns quarenta quilometros.

Eram talvez duas horas da madrugada quando ao passar em St. Hilaire-Cottes, fui detido por uma sentinela escoceza, bem como os dez homens que me acompanhavam.

Estava uma noite tenebrosa, e era com grande dificuldade que conseguíamos descobrir o caminho, á luz da lampada electrica, cuja pilha já estava quasi gasta.

¿ Who are you ? — bradou a sentinela.

Friend ; portuguese officer.

Stop there.

Parei com os meus homens.

A guarda formou, e num momento me senti cercado de bayonetas.

O cabo escocez deu-me então as seguintes explicações:

*Compris ? ... portuguese division is defeated ...
compris ? ... boche spies.*

Na sua lingua do *compris* ele queria dizer-me que, como tinha sido desfeita uma divisão portugueza, eles temiam que o boche aproveitasse o fardamento portuguez para o serviço de espionagem.

Levaram-me ao comando daquele batalhão escocez, onde fui recebido amavelmente, depois de ter

apresentado documentos que levava para a 14.^a divisão inglesa, que fizeram completamente a minha identificação.

Dois officiaes, que ahi se encontravam, ofereceram-me whisky.

Despedi-me.

Já á porta, o tenente, que me veio acompanhar disse-me:

I have been with your men in Neuve-Chapelle. They are very good fighters.

Aquele tenente do heroico exercito escocez, exercito que não sabia o que fosse derrota, referia-se á batalha do dia 9 de abril, em que os escocezes se bateram ao nosso lado.

Por momentos ficaram ecoando nos meus ouvidos aquelas palavras, que me enchiam de orgulho:

«Eu estive com os vossos homens em Neuve-Chapelle. Eles são muito bons combatentes.»

On ne passe pas!

Os boches avançavam duma maneira inquietante! Ainda não tinha sido possivel pôr uma barreira áquela marcha assoladora!

Foram de profunda inquietação e receio aqueles horriveis dias.

Quando estacionámos em Rely^x passaram por esta localidade duas divisões francezas, a caminho do *front*.

O alféres Mercuel* apresentou-me a uns poucos de officiaes, seus antigos companheiros de Douaumont, Houdroumont e forte de Vaux*.

Emquanto num *estaminet*, sentados em torno duma meza, bebiamos uns copos de Bock, aqueles valentes, que havia quasi quatro anos suportavam as agruras duma guerra de feras, que pelo desassombro e bravura com que afrontavam a morte, se tinham tornado merecedores do respeito e da admiração do mundo inteiro, prestaram, com santa devoção, homenagem ás grandes qualidades do soldado portuguez!

«Conhecemos bem o esforço e o sacrificio do pequeno Exercito Portuguez. Sabemos bem como Portugal é digno do reconhecimento da França!»

Na madrugada do dia seguinte partiram aqueles bravos, que sem esmorecerem, acudiam aqui e acolá, a todos os pontos, onde o boche tentava profanar o solo sagrado da sua Patria tão glorificada!

Dois dias depois, quando nós já estávamos em Ecquedecques*, ouvimos durante tres dias seguidos um bombardeamento medonho.

¿Que se passaria de grandioso no *front*?

Em breve o soubemos.

Era outra vez a França da Espada que vencia!

A perda do monte Kemmel* seria a queda em poder dos alemães de toda a Flandres até ao mar.

Mas a França viu tudo isso a tempo.

Heroica e indomavel atira-se raivosa sobre o boche.

Kemmel* caiu sete vezes em poder dos alemães e estes sete vezes a perderam!

Pelos jornaes vimos como foi infernal essa luta de gigantes!

Os alemães empregaram os jorros abrazadores dos liquidos inflamaveis!

Tudo impossivel!

A França queria vencer... e venceu!

Os mesmos *poilus*, que fizeram o Marne*, sublime de milagre, e Verdun*, pleno de heroicidade, lançaram-se vezes seguidas no brazeiro, rugindo... cantando a arrebatadora Marselheza*!

As perdas foram enormes, é verdade, mas com-tudo a França, devido ao louco heroismo dos seus filhos, tinha outra vez bradado, não obstante encontrar-se coberta de feridas enormes: *On ne passe pas!*

Bem dita seja a loucura destes heroes! Morreram triunfando!

.

Dias depois, o alfêres Henri Mercuel* dizia-me mostrando-me uma carta:

«Dos amigos que lhe apresentei outro dia em Rely*, não resta senão um, que me escreve, os outros desapareceram na fornalha do monte Kemmel*!...».

Cavando...

Como era impossivel sacrificar mais a primeira Divisão, que era o que restava do C. E. P., pois en-

contrava-se num extremo estado de fadiga e prostração, as suas diferentes Brigadas foram adir a diferentes unidades inglezas, que tambem, como nós, se encontravam extenuadas, afim de cavar trincheiras.

A 2.^a Brigada foi adir á 14.^a Divisão ingleza, que vinha quasi desfeita da grande ofensiva boche em 21 de março.

Tinha perdido metade do seu efectivo na defeza de Soissons,^x que por fim caiu em poder do inimigo.

Como agora os aliados da «Entente» tinham um comando supremo, e como os portuguezes tinham sido os que tinham sofrido a incuria daqueles que anteriormente tinham ocupado o seu sector, deixando-nos a rectaguarda das nossas linhas sem uma simples trincheira, onde nos podessemos apoiar, os aliados vendo este seu êrro, que os portuguezes acabavam de lhes pôr a descoberto, determinaram abrir continuas e seguidas linhas de trincheiras até ao mar, afim de poder defender-se o terreno palmo a palmo.

Foi nesta tarefa que os portuguezes foram empregados durante uns quatro mezes.

Todas as manhãs, ao romper d'alva, lá iam eles a caminho daquelas terras mortas, abandonadas havia dias, afim de . . . cavar a linha Steenbecq-Lillers.^x

Mas mesmo assim os portuguezes caiam para sempre.

Quantos não encontraram a morte, ficando soterrados nos seus bolêtos, atingido por uma bomba de aeroplano, ou quando seguindo despreocupada-

mente ao longo duma estrada, ou quando se entregavam á inofensiva faina de cavar, fulminados pelas granadas da artilharia boche, que tinha tudo aquilo referenciado!

.

Acantonámos em Ecquedecques, uma risonha aldeia que fica proxima da cidade de Lillers.

Esta povoação era a unica que, naquelas proximidades, não tinha sido evacuada.

Comtudo, quando passados dias começaram a cair em torno grossas granadas austriacas, a maior parte da população fugiu.

Eu alojei-me em casa de M.^{me} Fardel, uma excelente velha que tinha dois filhos na guerra e duas filhas, M.^{elles} Louize e Marie muito amigas dos portuguezes...

Nas noites limpidas, propicias para as visitas dos aviões boches, quando as sinistras aves se aproximavam afim de lançarem as suas destruidoras bombas, era interessante ver como aquela familia fugia espavorida a meter-se num buraco, bastante profundo, aberto no quintal por um dos seus filhos, quando da sua ultima licença.

Pobre gente! Viviam na dôce ilusão de que aquilo os protegia... mas ai deles se *uma* caisse proximo.

Quando, durante a noite, a artilharia, ou algum aeroplano inimigo vinha surpreender no seu sono aquele povo martirisado, era num medo louco e num

terror indescritível que a sofredora gente fugia em . . . trajes menores para os montes circumvisinhos!

É que aqueles infelizes conheciam bem o poder destruidor daquelas bombas maquiavelicas! tinham visto o estado em que se encontrava a cidade de Lillers, hontem tão linda e tão animada e hoje reduzida a um montão de escombros, e a uma triste desolação!

Mesmo nós, os militares, habituados a sentir de perto as infernaes maquinas de destruição, sentiamos como que a vida suspensa e represada ao ouvir passar sobre as nossas cabeças aqueles gigantescos aparelhos, no seu rrom-rrom ameaçador e tragico!

Um dia começaram a cair em Ecquedecques umas granadas dum horrivel poder de destruição.

A maior parte da população abandonou aquela terra.

As filhas de M.^{me} Fardel fugiram para Pariz, de onde dias depois me escreveram dizendo-me, entre outras coisas, o seguinte:

«Estamos muito tristes por termos sido obrigadas a abandonar a nossa terra, agora que o já aborrecido *kaki* tinha sido substituido pelo belo cinzento de Portugal».

Demorámos nesta terra até fins de agosto, quando os trabalhos de defeza naquela frente já estavam terminados.

Avançámos para Chocques, na ocasião em que as terras, que o boche tinha tomado no dia 9 de

abril, se encontravam em chamas. Os alemães incendiavam todas as povoações preparando-se para a retirada, deixando os indeleveis sinais do seu canibalismo e do seu rasto assolador! Agora, que desde dezoito de julho, se achavam batidos em todas as frentes, graças á maravilhosa ofensiva do marechal Foch.

Em breve os portuguezes, um pouco mais refeitos dos grandes abalos sofridos, iriam tomar parte nessa fulminante ofensiva, que reduziu os alemães á triste situação de definitivamente vencidos.

Nas vésperas do armistício

Seguimos para a frente.

Em Chocques encontramos tudo em ruínas!

Logo na primeira noite que ali chegámos, uma granada boche matou-nos seis soldados.

A juntar á ignobil destruição feita pelo boche havia o vandalismo das tropas que anteriormente por ali tinham passado.

Nós acantonámos naquella terra, aproveitando os edificios que não estavam completamente reduzidos a escombros.

Num grande *chateau*, que devia ter sido abastado, encontrei todas as portas arrombadas, tudo forçado e revolvido e nas *caves* descobri moveis riquissimos, que decerto a soldadesca tinha para ali transportado.

¿Que seria feito da infeliz familia, que tão precipitadamente tinha abandonado aquelas riquezas?...

Nesta terra appareceu-me um velho soldado francez, marido de M.^{me} Curcolle, que eu tinha conhecido em Huit Maisons.

O desgraçado, que estava habituado a ver de perto as cruentas batalhas e as grandes hecatombes, appareceu-me comovido e com os olhos marejados de lagrimas.

Contou-me a sua triste historia :

«Encontrava-se na ofensiva boche na frente de Soissons, que durava havia ja bastantes dias, quando soube que os alemães tinham desencadeado um furioso ataque na frente portugueza. Depois soube que a sua terra tinha caido em poder dos hunos, tendo desaparecido a sua mulher e a sua filhinha.

Havia dias que tinha recebido uma carta da esposa, que se encontrava prisioneira na Alemanha, dizendo que a sua filha tinha ficado soterrada na sua casa e que os alemães não lhe tinham dado tempo de ir salva-la!

Agora, tendo aproveitado a sua *permission* ali vinha, pedindo-nos autorisação para ir á frente procurar nas ruinas do seu lar perdido o cadaver inseulto da filhinha».

Pobre gente!

Dias depois seguimos para o lugar onde outr'ora tinha existido a bela cidade de Bethune. Terras martires! Terras de desgraça!

Que indefinível abatimento e que impressão de tristeza deixou no meu espirito o aspecto desolador daquelas terras assoladas pela pata do brutal teutão!

Bethune era um montão de ruínas e de destroços.

Aqui e acolá ainda se levantavam os esqueletos das casas carbonisadas.

A atmosfera era pestilenta e sufocante devido aos cadaveres de animaes, que de quando em quando encontravamos aflorando debaixo dos escombros.

Aquele cáos atestava bem a horrível tempestade que ali tinha reinado!

E as outras terras?!

Foi-me muito difícil descobrir os lugares onde tinham existido as cidades e aldeias por onde eu tinha passado!

Vieille-Chapelle tinha desaparecido, e só se descobria que naquele logar já tinha existido uma povoação por alguns tijolhos ou telhas que não tinham ficado totalmente soterradas pelos incessantes bombardeamentos!

Fui visitar a *ferme*, em Huit Maisons, da familia Deschildre e... nem o logar onde outr'ora tinha existido fui capaz de determinar!...

Aquelas terras, por onde tinha soprado rijo uma infernal ventania de maldição, estavam cheias de cadaveres boches em posições macabras, crispados e cobertos de nojentas moscas.

E eu, ao ver o aspecto lugubre e desolador daquelas paragens mortas e flageladas, pensei como o

homem é ingente e grandioso na sua malvadez, e quantos anos seriam precisos para restituir áquelas terras a vida e a fertilidade doutros tempos e varrer a aridez e a desolação que hoje ali imperavam.

Era a guerra!

E esta frase justificava todos os horrores daquelas obras de vandalas.

¿ Quando desapareceria de sobre a terra este horrivel flagêlo ?

¿ Quando pairariam sobre a humanidade os beneficios duma Paz perpetua?...

¿ Seria para attingir esse abençoado fim, e essa santa obra de Amor e Confraternisação entre os homens, que os canhões rugiam impavidos e fortes acoessando os filhos da Germania?...

O futuro o diria.

.
Já em Portugal soube com regosijo e orgulho que para a abertura das portas da grande cidade de Lille tinha concorrido imenso a gloriosa artilharia lusitana e que o sol da victoria definitiva tinha feito relampejar as invictas bayonetas de Portugal!

A Alemanha estava vencida.



INDICE

	PAG.
Ao leitor	7
Portugal!.	9
França!	13
Ce sont des bonnes gents...	18
Partida para o <i>front</i>	20
Dans la fournaise	22
Noite de trincheiras	25
Neuve-Chapelle!	28
De vez...	33
Como se evita falar com inglezes	36
O dia de Santo Antonio de 1917	38
Como se despediu a brigada ingleza do kamarada boche.	42
Homenagem aos primeiros mortos	51
Afectos de guerra	53
A familia Deschildre	63
C'est trôp de noblesse...	64
O ataque a infantaria 7	67
O bravo alfêres miliciano Hernani Cidade	69
O que um general inglez disse do glorioso capitão Augusto Casimiro	75
Os meus inolvidaveis camaradas da "Briosa,"	79

	PAG.
Em instrucção...	81
Madrugada de 14 de Setembro — <i>O raid a Infantaria 7— Ao valente alféres Teixeira</i>	83
Licença de campanha	87
Pariz!	89
No "Jardim da Europa,"	91
Après la guerre... fini...	92
Para "Les-Tourbières,"	93
A parada em Marthes.	95
De novo.	98
Le-Touret	102
O sector de Ferme du Bois	106
A despedida do ano de 1917	111
A livraria Guyquières	114
Noites de inverno nas trincheiras da Flandres	116
Vieille-Chapelle — Terra martyr	118
A trágica semana— <i>Ao bravo capitão Gonzaga</i>	120
C'est la guerre— <i>Ao alféres Silveira</i>	137
Uma que vinha bem dirigida...	143
Honra portugueza— <i>Ao capitão A. Souza</i>	146
Se a guerra é isso...	148
Para Croix Marmuse	151
Horas tragicas	157
O 9 de abril— <i>Aos heroes dêsse memoravel dia</i>	161
São bons combatentes...	168
On ne passe pas!	172
Cavando...	174
Nas vésperas do armistício	178

1416550



MEMORIAS DUM EXPEDICIONARIO A
FRANCA